BELÉM
do
PARÁ

ROMEU DO NASCIMENTO TEIXEIRA
coordenação editorial e
pesquisa iconográfica

JOTA DANGELO
texto

CLAUDIA FLEURY
RAQUEL PRADO TEIXEIRA
projeto gráfico, diagramação e
produção gráfica

CARLOS HENRIQUE VIVIANE
arte final

LUIZ BRAGA
fotografias

PEDRO OSWALDO CRUZ
reproduções fotográficas

ELISA SANKUEVITZ
revisão de texto

LUIZ BALTAR
gráficos e mapas

JOSÉ GERALDO FAJARDO
ilustração da capa e
das páginas 22, 23 e 104

BELÉM do PARÁ

Alunorte

"...só vocês, perfumadas sebes de paulíneas, saudais o caminhante com a mais delicada fragância, e você altiva e frondosa ***mangueira****, cuja copa folhuda me protege contra o sereno noturno..."*

SPIX E MARTIUS, IN
***ESTADA NA CIDADE DE BELÉM DO GRÃO-PARÁ*, 1817 -1820**

Í N D

Prefácio 8

Resumo Histórico 10

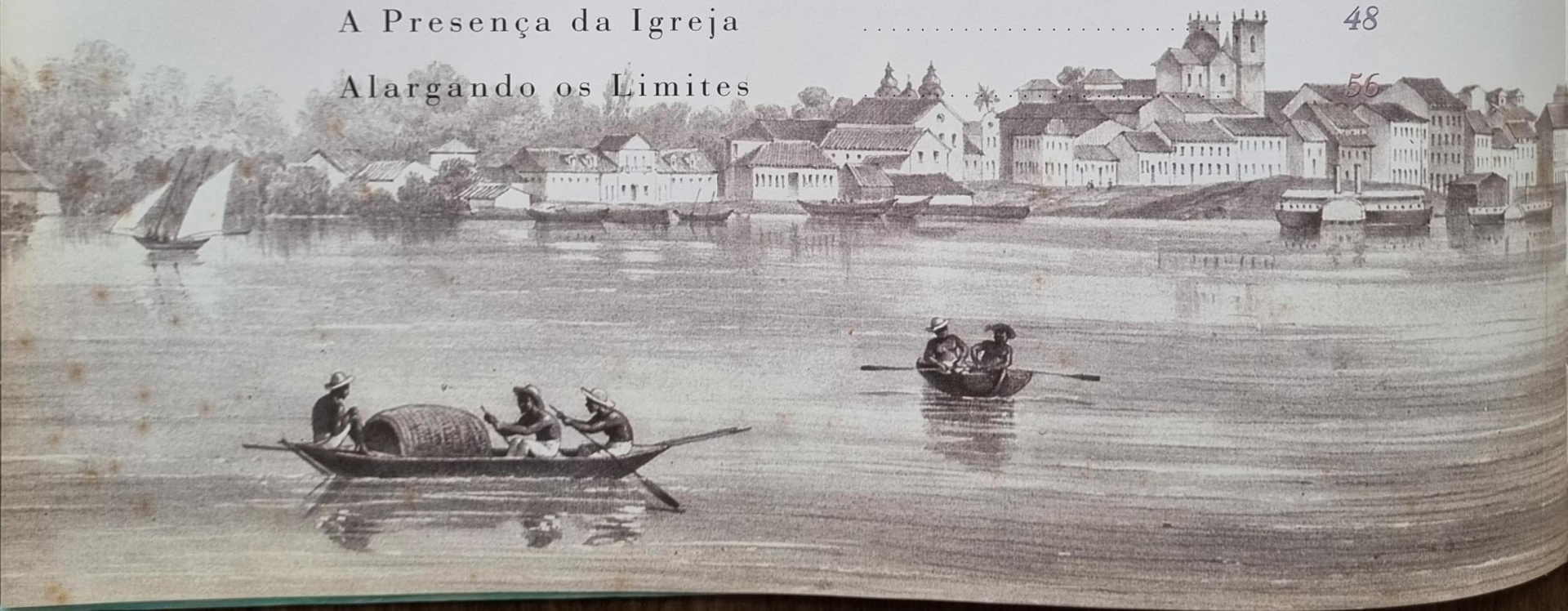
Antes de Tudo, o Forte 22

A Conquista 30

Os Senhores da Terra 38

A Presença da Igreja 48

Alargando os Limites 56



I C E

As Marcas do Passado 66

Engenhos e Artimanhas 76

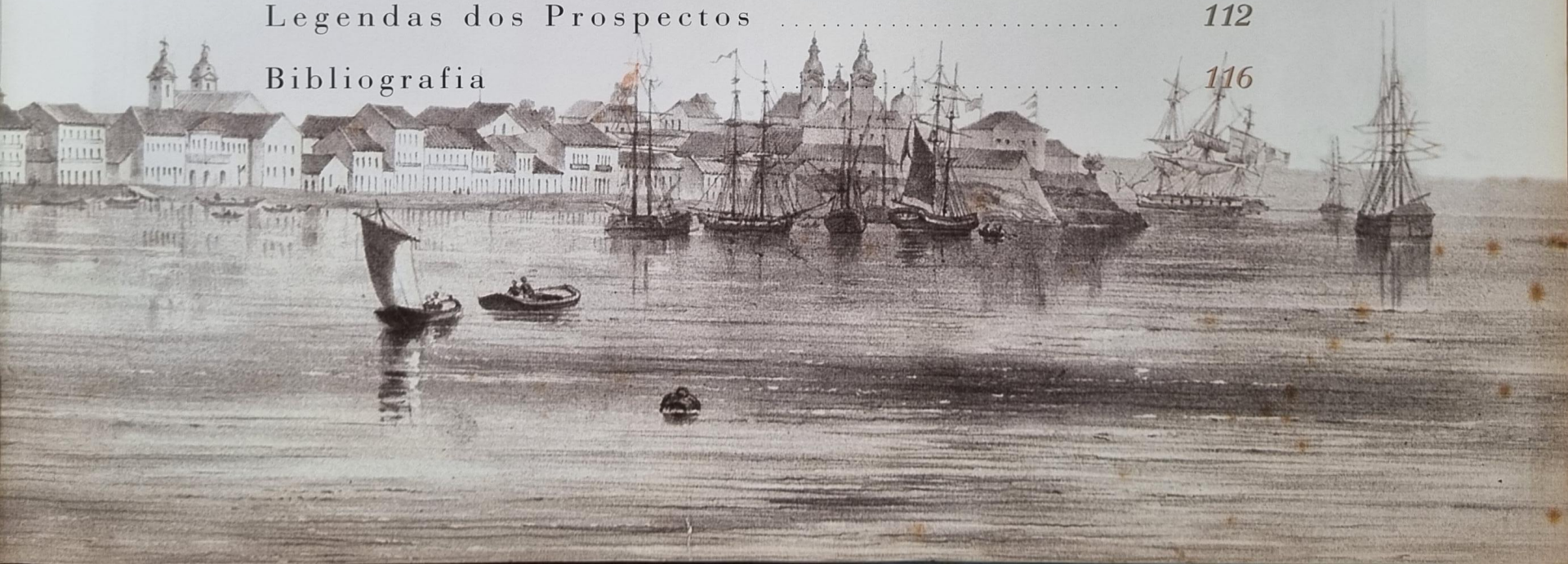
Produzindo a Riqueza 84

No Equador é Diferente 94

É Preciso Sonhar 102

Legendas dos Prospectos 112

Bibliografia 116



CIDADE DE S.ta MARIA DE BELEM
Nóta das cõsas principa
no desenho, e Prospecto.
AMAZONAS
RIO
DAS

PREFÁCIO

O barco chegando a Belém... A silhueta da cidade recortada num céu de nuvens carregadas da chuva vespertina... Esta imagem que acompanhou cada dia os homens que implantaram a ALUNORTE é a mesma que cativou os viajantes nos séculos XVIII e XIX. E, desse cenário eles nos deixaram belos desenhos da cidade, sempre vista do porto, que agora registram muito de sua história. Ao ensejo da inauguração da sua fábrica de alumina no Pará, a ALUNORTE decidiu homenagear os paraenses produzindo um livro tendo como tema a cidade de Belém. E esse seu perfil, que ainda hoje nos encanta, é o principal ornamento deste livro que busca com imagens e histórias do passado melhor conhecer e entender essa cidade. A história de Belém tem sido muito bem descrita pelos diversos escritores paraenses em obras já publicadas. Mas, desta vez, queríamos enxergá-la com os mesmos "olhos estrangeiros" com os quais a viram os viajantes dos séculos passados, que nos deixaram as melhores imagens e as mais interessantes descrições da cidade.

Convocamos "novos viajantes". Agora eles vêm de Minas Gerais, da montanha, da campina, e do interior, para que, com a visão ampliada pelo contraste, venham melhor enxergar a planície, a floresta e o rio-mar. Romeu Teixeira foi presidente da ALUNORTE quando conheceu e se encantou com Belém. Jota Dangelo é escritor, teatrólogo e poeta, tendo sido Secretário de Cultura de Minas Gerais. Ambos têm em comum haverem nascido numa cidade histórica, S. João del-Rei, onde aprenderam a respeitar, proteger e cultivar o passado, suas lembranças e seu patrimônio. Eles vão ser os pilotos dessa jornada.

Venha, venha conosco! Estamos na baía de Guajará bem defronte à cidade. Vamos logo navegar pelos canais com os quais o engenheiro Gronsfeld pretendia transformar Belém numa "Veneza Tropical". Neste barco de sonhos vamos buscar as cores, as formas e os contos do passado e o que dele restou no presente. Vamos conhecer uma Belém de conquistas, de lutas pela sobrevivência, de opulência e devaneios. Assim, quem sabe, poderemos ver além da figura e enxergar a alma dessa cidade. E, então, entender a estranha e deliciosa mistura de raças e de costumes daquela que é a mais bela cidade do mundo na linha do Equador.

Ulysses Rodrigues de Freitas
Diretor-Presidente da ALUNORTE

RESUMO HISTÓRICO

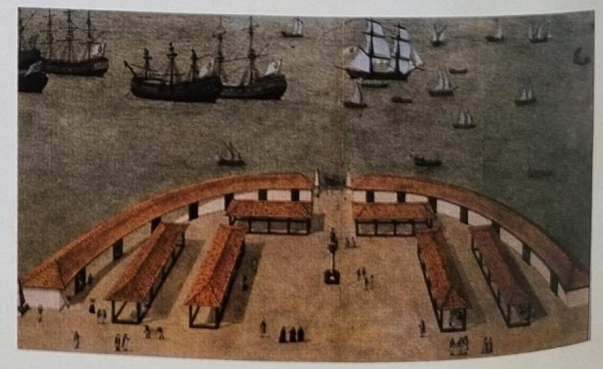
Século XVII: Tempo de conquistar

A fundação de Belém • Expulsos os franceses do Maranhão em 1615, estava definitivamente aberto o caminho para a conquista da Amazônia. Portugal estava sob o domínio da Espanha desde 1581 e assim, unidos os dois reinos sob o mesmo cetro, o de Felipe II, deixavam de ter sentido as controvérsias do Tratado de Tordesilhas (1494) que fixaram os limites de posse dos dois países. Urgia a conquista, pois Portugal, os portugueses o sabiam, não ficaria sob o jugo da Espanha eternamente, e a terra é de quem a invade, conquista e nela permanece. O tempo viria provar que os portugueses estavam certos.

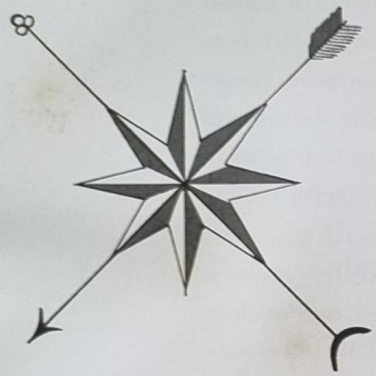
Assim, cumprindo instruções do Governador-Geral Gaspar de Souza, Alexandre Moura ordenou que Francisco Caldeira de Castelo Branco, a quem obsequiou com o pomposo título de Descobridor e Primeiro Conquistador do Amazonas, partisse de S. Luís, em 25 de dezembro de 1615, em busca da Amazônia, com a sua pequena frota de três embarcações, 150 soldados e mais oficiais. Confiando a Caldeira esta missão, Alexandre Moura resolvia dois problemas: cumpria ordens recebidas e livrava-se de um auxiliar impetuoso, autoritário, ganancioso, desagregador, mas apto para uma operação de conquista.

Após 18 dias de viagem a frota de Caldeira entrou na Baía de Guajará no dia 12 de janeiro de 1616, desembarcou e, incontinenti, Castelo Branco escolheu o local que lhe pareceu mais apropriado para a defesa e, sob as vistas dos Tupinambás, e mesmo com o auxílio deles, fez construir um forte rústico, de madeira, que denominou Presépio, marco inicial da povoação que ali se estabeleceu e que é hoje a cidade de Belém. No interior do fortim ergueu-se uma ermida singela dedicada a N. S. da Graça. Seguindo o costume, Caldeira logo batizou a região de "Feliz Lusitânia", e apressou-se em comunicar o êxito de sua missão ao Reino e ao Capitão-Mor do Maranhão Jerônimo de Albuquerque.

Para esta última tarefa destacou o alferes Pedro Teixeira que, acompanhado apenas de Antônio da



ISTÓRICO



Costa, três soldados pagos e uns poucos índios flecheiros, rasgou a mata, e enfrentando toda sorte de obstáculos e o gentio hostil, abriu o primeiro caminho terrestre ligando Belém a São Luís, onde chegou dois meses depois, com toda a sua escolta, para espanto e admiração dos que o receberam.

As ordens de Caldeira eram claras: "chamar o gentio à boa amizade e aliança com os portugueses; expulsar os estrangeiros intrusos; explorar as riquezas pelo interior do sertão, Amazonas adentro".

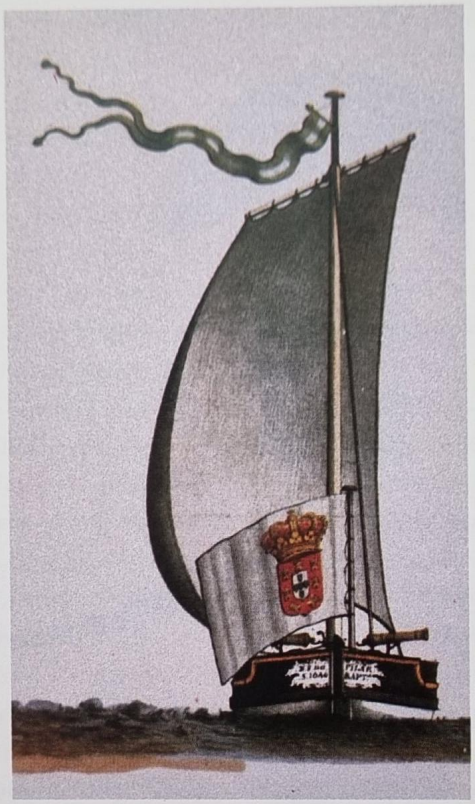
A CAUSA INDÍGENA • Tornar os índios submissos, convertê-los ao cristianismo e fazer deles colaboradores, se custou muitas vidas aos conquistadores, aos índios custou a dizimação de sua raça, o aniquilamento de sua cultura, a perda da terra e da identidade. Mais que tudo, custou-lhes a ignomínia e a infâmia da escravidão. O século XVII, principalmente, mas também o XVIII, foram marcados pela áspera contenda entre colonizadores e Ordens Religiosas, particularmente a dos Jesuítas, aqueles desafiando ordens régias e bulas papais num processo de escravização indiscriminada e violenta, estes defendendo a liberdade indígena em Missões, Reduções e Aldeiamentos. As Ordens Religiosas cumpriram um relevante papel nos primeiros tempos da colonização e no desenvolvimento posterior da cidade. Nenhuma das igrejas construídas no século XVII resistiu ao tempo. Nos mesmos locais, no século seguinte, estas igrejas foram reedificadas em obras monumentais – Santo Alexandre, Carmo, Sé e Mercês – que hoje guardam a melhor memória arquitetônica de Belém.

O padre Antônio Vieira foi o grande defensor da liberdade indígena no Pará. Em princípios de 1653 chegou ao Maranhão e até a sua prisão, em Belém, em 1661, quando foi enviado de volta a Portugal, lutou desesperadamente contra a escravidão do gentio com todos os meios de que dispunha. Perdeu a batalha, mas não a guerra: outros continuaram sua luta mirando-se no exemplo de um dos luminares da oratória, da literatura e da política lusitanas.

A conquista. A ganância de comerciantes e piratas europeus transformara a desembocadura do Amazonas em entreposto de fartas e espúrias operações mercantis. Expulsá-los e ocupar definitivamente aquela parte da Amazônia, valorizando-a pela cultura agrícola e pecuária, e defendê-la contra o assalto de

são trazidos da África 12.587 escravos negros; a produção agrícola, a pecuária e as transações comerciais avolumam-se, inclusive com Portugal; desde 1749 começa a circular a moeda "Brazília", substituindo os rolos de algodão e outros produtos na compra e venda de mercadorias; as aldeias missionadas pelos Religiosos, não sem resistências, são transformadas em Vilas com nomes portugueses; cria-se a Capitania do Rio Negro. É também o tempo das construções setecentistas de obras públicas e privadas.

Em 1753 chega a Belém o arquiteto italiano Antônio José Landi, nascido em Bolonha. Veio como desenhista numa Comissão Demarcatória dos limites entre a América Portuguesa e Espanhola. Da Comissão faziam parte engenheiros, geólogos, arquitetos e outros especialistas, dos quais Belém receberia contribuição inestimável. Radicando-se em Belém, Landi volta à profissão de arquiteto e introduz o estilo neoclássico, à epoca, o estilo prevalente na Europa. Deste modo, Belém pode exibir hoje um acervo arquitetônico de características neoclássicas absolutamente pioneiro no Brasil, onde aquele estilo só chegaria em 1816. O gênio de Antônio Landi está em quase todas as igrejas



setecentistas de Belém, no Palácio dos Governadores, e em muitas mansões e assobradados, embora com descaracterizações produzidas por sucessivas reformas.

A Cia. de Comércio, se trouxe a prosperidade também angariou inimigos, particularmente os Jesuítas, que foram seus ferrenhos adversários. Do confronto, Pombal saiu vencedor: os Jesuítas foram expulsos do Pará e deportados para Portugal em 1759. Seus bens foram seqüestrados, assim como os de outras Ordens Religiosas. À queda de Pombal seguiu-se o fechamento da Companhia em 1777, encerrando-se um período de ativo comércio e produção.

O final do século XVIII registraria ainda dois fatos relevantes: registrado um impressionante descritivo da cidade, seguindo o exemplo do cientista francês La Condamine, que estivera em Belém em 1743, e antecedendo os viajantes o naturalista baiano Alexandre Rodrigues Ferreira visita Belém em 1783/84 e deixa europeus que aqui chegariam no século XIX; o primeiro Círio de Nazaré, em 1793, percorre as ruas da cidade e inicia uma tradição que viria a ser um dos mais significativos eventos populares e de fé cristã em todo o País.

Século XIX: Tempo de enriquecer

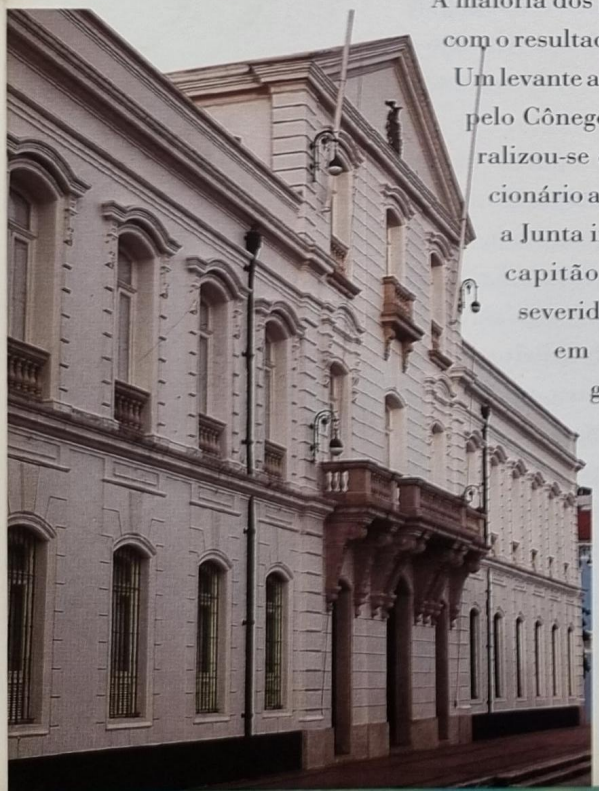
A Independência • Em 1808 D. João VI chega ao Brasil com seus 10 mil acompanhantes. A História mudava de rumo. As extraordinárias vantagens de sediar um Reinado repercutem, a partir daí, em todo o País. No Pará o começo do século encontra a administração do Conde dos Arcos, vigorosa e avançada que, entre outras coisas, promove a drenagem do pântano do Piry, abre novas "estradas", ruas e avenidas, iniciando um processo de urbanização que altera as feições coloniais da cidade. Multiplicam-se as "Rocinhas", tão características e decantadas pelos visitantes europeus como Spix e Martius, Bates, Wallace e o casal Agassiz, entre outros, que fazem de Belém e da Amazônia, no século XIX, o seu território de investigações, seduzidos pela beleza da paisagem e pelo esplendor da flora e fauna amazonenses.

Mas é a Independência que vai fazer renascer no Pará a antiga tradição guerreira dos paraenses. O estopim da revolta, com forte sentimento nacionalista, já queimava em Belém em 1820, aceso por Felipe Patroni, a quem se deve a criação do "Paraense", o primeiro jornal do Pará. Preso e deportado para Portugal, Patroni foi substituído pelo Cônego Batista Campos, figura ímpar da História paraense. D. Pedro I proclama a Independência em 7 de setembro de 1822 mas ela não é reconhecida no Pará, aumentando o descontentamento e a conspiração.

No dia 23 de fevereiro de 1823, cumprindo as disposições legais, Belém elege a Câmara Municipal impondo aos reinóis fragorosa derrota. Era a primeira Vereação genuinamente brasileira que se organizava na Província. Durou pouco. Em 1º de março o Governador das Armas, general José Maria de Moura, "absolutista intransigente e reinol dos mais apegados às razões de sua Pá-

tria", subleva as tropas e depõe não só a Câmara constituída como a própria Junta Provisória de Governo. A elite portuguesa assumia novamente o poder. Em 14 de abril eclode um movimento armado nacionalista mas fracassa: 267 patriotas paraenses são enviados para as masmorras do Forte S. Julião da Barra, em Portugal. Finalmente, a 11 de agosto de 1823, o capitão John Pascoe Grenfell, a serviço da Marinha Imperial Brasileira, atraca o seu navio de guerra no porto de Belém e envia um ultimato à Junta imposta para que ela proclame a adesão do Pará à Independência nacional. Contra o voto de José Maria de Moura a adesão foi aprovada sem restrições. Estava findo o domínio de Portugal na Amazônia mas não a chama da rebelião.

A maioria dos patriotas paraenses não concordou com o resultado da eleição que se seguiu à adesão. Um levante armado substituiu o Presidente eleito pelo Cônego Batista Campos. O tumulto generalizou-se e, antes que novo incêndio revolucionário ardesse em Belém, já tão conturbada, a Junta invocou a autoridade de Grenfell. O capitão agiu com presteza e extrema severidade: mandou fuzilar cinco soldados em praça pública, um de cada Regimento envolvido na sedição, prendeu Batista Campos e encarcerou 256 pessoas no porão do brigue "Palhaço", que ali morreram sem ar, sem água e sem comida. Este, e outros episódios que precederam a adesão do Pará à Independência, foram o rastilho para novos desmandos políticos, inclusive a Cabanagem, que eclodiu em 1835.



A Cabanagem • É fora de dúvida que da Cabanagem participou a população nativa menos favorecida que morava em tejupares, palhoças e cabanas, na periferia da cidade, donde inclusive o nome Cabanos, que se deram, e Cabanagem, que se deu ao movimento. E é justamente este fato que empresta especial significação a este discutido episódio da História paraense.

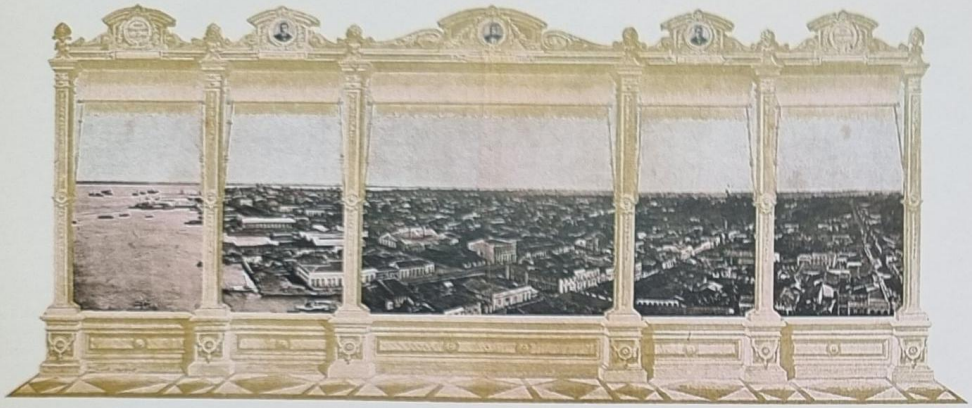
Entre 1823 e 1834 Belém viveu dias de susto e apreensão, com recorrentes surtos revoltosos e recrudescimento das divergências políticas entre os Filantrópicos (que reunia os brasileiros) e o Partido Caramurú (que abrigava maioria portuguesa). A situação agravou-se com a posse de Bernardo Lobo de Souza como Presidente da Província em 1833. Altivo, intolerante e atrabiliário, Lobo de Souza só fez acirrar os ânimos e atrair feroz oposição dos Filantrópicos liderados por Batista Campos e Clemente Malcher. A fazenda deste último, em Acará, era o reduto dos opositores de Lobo de Souza, que a mandou incendiar, encarcerando Malcher na Fortaleza da Barra em 1834. No fim deste ano Batista Campos veio a falecer e a liderança dos seus correligionários passou a ser exercida pelos irmãos Vinagre, Francisco e Antônio, e pelos irmãos Nogueira, Eduardo, Manoel e Geraldo. Em 6 de janeiro de 1835 explode o movimento revoltoso dos Cabanos que assumem o controle da cidade. Libertado, Malcher é aclamado pe-

los insurretos como o primeiro Presidente Cabano. Mas Malcher não consegue manter a disciplina entre os amotinados e parte, ele mesmo, para práticas e abusos que havia condenado no seu antecessor. Breve a facção de Malcher entra em luta armada contra os seguidores dos irmãos Vinagre, que vencem a contenda. A caminho do presídio, Malcher é abatido com um tiro no peito. Francisco Vinagre toma posse como o segundo Presidente Cabano.

A esta altura, e no intuito de restabelecer a ordem no Pará, uma Carta Imperial nomeia o marechal Jorge Rodrigues Presidente da Província. Francisco Vinagre não se opõe: acata as ordens da Corte e presta obediência à autoridade real que toma posse com direito a solene *Te-Deum Laudamus*. Mas, Antônio Vinagre não está na igreja. Com numerosos Cabanos, embrenha-se na mata levando armas, munições e ressentimentos. Arquiteta o plano de invasão do Município de Vigia que consuma com extrema violência. O marechal Jorge Rodrigues reage. Em retaliação, ordena prisões indiscriminadas em Belém, invade casas à procura de suspeitos, bate as matas em busca de simpatizantes Cabanos e prende Francisco Vinagre. Foi o suficiente. Na manhã de 14 de agosto de 1835 as primeiras colunas Cabanas entram em choque com as tropas imperiais. Durante nove dias e nove noites Belém vive o inferno da guerra civil. Na batalha, Antônio Vinagre é ferido de morte e Eduardo Nogueira, mais conhecido por Eduardo Angelim, assume o comando dos revoltosos e leva os Cabanos à vitória. Tinha apenas 21 anos de idade.

O terror instala-se na cidade. Mas, com surpreendente habilidade e tolerância, Angelim, então Presidente, consegue conter os amotinados com o auxílio da autoridade moral do Bispo D. Romualdo Seixas. Em maio de 1836, pressionados pelas forças de mar e terra do brigadeiro Soares Andréa, enviado da Corte, os Cabanos decidem abandonar a cidade. Oficialmente foi o fim da Cabanagem, mas até 1840 ainda ocorreram distúrbios em muitos pontos da Província. A guerra civil tinha deixado Belém destruída, a produção arruinada, o comércio arrasado, os negócios paralisados, a população empobrecida. O Ciclo da Borracha viria reverter a situação.

A Borracha • Até o final do século XVIII a economia paraense baseou-se principalmente na exportação do açúcar, algodão, cacau, arroz e café. A par destes produtos, outros, em menor escala, eram também exportados, como a baunilha, madeiras, couros, óleos vegetais, urucu, breu e castanha. A borracha, entretanto, conhecida desde os primórdios da América, não era exportada sob forma bruta. Em 1839 a descoberta do processo de vulcanização dá repentinamente à borracha uma alta utilidade ao impedir que ela se tornasse dura e friável. O Ciclo da Borra-



cha inicia-se no Pará em 1853, quando a demanda do produto promove na Província um surto de progresso sem precedentes, mas também ocasiona o abandono da atividade agrícola em favor da atividade extrativista. Assim, "o fantástico aumento da produção baseava-se na exploração do produto nativo, cada vez mais intenso, levada a efeito por levas sempre crescentes de imigrantes internos e de outros Estados". O alto preço do produto no mercado cria fortunas rapidamente atraindo investidores brasileiros e estrangeiros que estabelecem em Belém e em Manaus as casas de "aviamentos". Os impostos de exportação também são elevados, o que aumenta consideravelmente as rendas fazendárias, permitindo investimentos na urbanização, nas obras públicas, no saneamento e na expansão urbana: Belém é o portal da Amazônia.

Modificam-se drasticamente os costumes da aristocracia paraense: impera o luxo e a sofisticação, graças às fortunas dos "Barões da Borracha". Erguem-se palacetes residenciais, o Teatro da Paz, incrementa-se a arte, a cultura e a imprensa. Os vapores da "Amazon Steam Navigation", a partir de 1866, navegam pelos rios com os porões abarrotados do látex milagroso.

Entretanto, a partir de 1876, os ingleses iniciam extensas plantações de seringueiras na Malásia, Birmânia, Índia e Bornéu. Em 1912 a produção de borracha do Oriente supera a do Brasil. "O preço não tardou a cair para um sexto do valor anterior e, em 1932, para um centésimo." Para piorar a situação que se tornara crítica, a praga sul-americana "Dothidella ulei", que ataca as folhas, dizimou os seringais brasileiros. Mas nos 60 anos que durou o Ciclo da Borracha, Belém conheceu uma era de esplendor e progresso como jamais havia acontecido.

Em pleno Ciclo da Borracha, Belém viu a Proclamação da República ocorrer de forma pitoresca. No dia 14 de novembro de 1889, às onze horas da manhã, tomava posse como Presidente da Província do Pará, o Dr. Silvino Cavalcante de Albuquerque, nomeado por Carta Imperial de 26 de outubro. Ainda não haviam terminado as festanças da posse quando, na tarde do dia 16, os membros do Clube Republicano, apoiados pelas tropas, exigiram a renúncia do Presidente recém-empossado. O Dr. Pais de Carvalho subiu a uma das mesas do salão e, aplaudido em meio à maior agitação, proclamou a adesão do Pará à República. O Dr. Silvino governara apenas dois dias.

Século XX: Tempo de repensar

Desde 1891 os municípios eram administrados por um Intendente. Belém teve a felicidade de ter à frente da Intendência Municipal Antônio José de Lemos, de 1897 a 1911. Foi, para muitos, a maior revelação política do seu tempo, e como todos os homens de apurada intuição, profunda sensibilidade e espírito empreendedor, passou a vida "sob um coro de ataques e louvores excessivos". Tendo como aliado os recursos financeiros que a borracha proporcionava, não poupou dinheiro nem talento para transformar a capital paraense na mais bela cidade do Norte do País. Sua obra de urbanização, saneamento e embelezamento da cidade foi notável. Restaurou edifícios públicos e projetou outros. Rasgou ruas e avenidas, substituiu calçamentos, firmou contratos para a construção do Necrotério Público, Asilo de Mendicidade, do Mercado de Ferro, do Quartel de Bombeiros e da rede de esgotos.

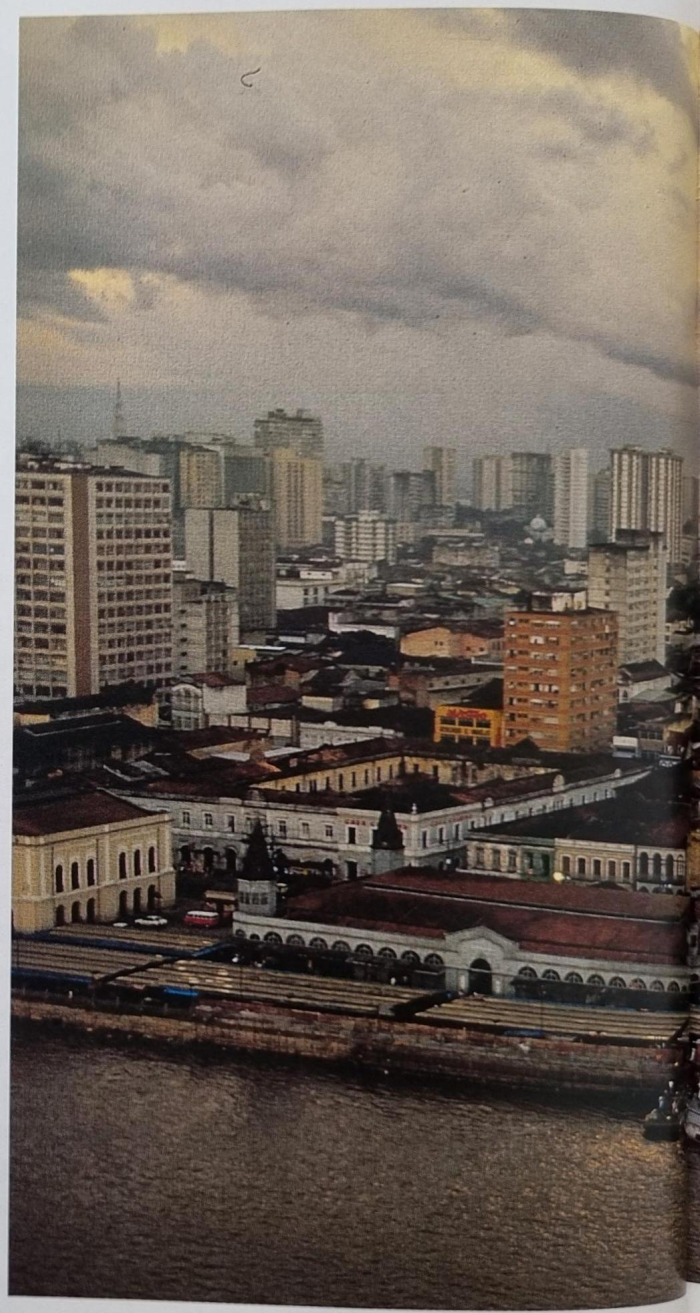
A partir de 1912 a crise da borracha deixa Belém à míngua. Com o êxodo para os seringais, a agricultura e a pecuária do Pará, que antes foram sua fonte de riqueza, estavam abandonadas. Um longo período de estagnação e dificuldades estava começando. Ficaram os palacetes, os mármores e cristais importados, o Teatro da Paz, o conjunto dos mercados do Ver-o-Peso, a antiga sede do Port of Pará, monu-

mentos de um tempo de riqueza e exuberância.

Em 1927, Henry Ford tenta repetir os ingleses plantando racionalmente a seringueira em Fordlândia e Belterra. O projeto fracassa. A invenção da borracha sintética em 1944 enterra definitivamente o sonho de Ford. A custo Belém adapta-se às novas condições impostas pela crise da borracha, voltando às origens para reconstruir sua economia e fazer florescer seus estabelecimentos agrícolas e industriais.

Na década de 50 inicia-se a exploração do minério de manganês na Serra do Navio (Amapá) e por volta de 1960 são descobertas as reservas minerais da Serra dos Carajás, no sul do Pará, ricas em ferro, cobre, alumínio, estanho, níquel e manganês. Mais uma vez, das entranhas da terra, começa um novo surto de progresso para o Estado, com reflexos na sua capital. Mas hoje, todo progresso tem que ser dimensionado e cada passo repensado. Aprendemos que o progresso também tem sua face cruel e não se pode cometer os erros do passado. Vivemos uma situação limite. Há que pensar nas conseqüências do desmatamento indiscriminado, na poluição ambiental. Em Belém, sobretudo, é preciso refletir sobre o seu acervo arquitetônico histórico, único no Brasil com as suas características, e riquíssimo, exigindo restauro e conservação. Mais do que isto: vigilância, para que, invocando o progresso e a modernização, não se promova simplesmente a substituição do "velho" pelo "novo", da História pelo modismo, da Memória pelo vazio, embora, quase sempre, estas substituições enganem os olhos, deslumbrem alguns e enriqueçam uns poucos.

S.



ANTES DE TU

Antes de mim era o nada. Apenas o verde, a orla e a água. Aqui me fincaram e aqui permaneço. Naquele longínquo 1616 ouvi as ordens de Caldeira para que me erigissem em madeira de lei. Vi soldados e índios carregando meus troncos, aparelhando-me de canhões para ser o escudo da terra e a sentinela do rio/mar. Vi a festança do meu batismo entre vivas ao Rei, a cruz erguida e a embriaguez dos subalternos.

"Presépio" chamaram-me, porque partiram de S. Luís em 25 de dezembro, e porque todos os desbravadores sempre tiveram a certeza de serem enviados de Deus.

Vi as primeiras vielas cortarem a mata rasgando picadas e furando a densa vegetação, tortuosas e estreitas, paralelando o rio, o chão arenoso e úmido, com sulcos e crateras onde a água empoça, não fosse esta uma terra de chuvas copiosas embora passageiras. Vi a corrosão de minhas estacas, a lenta degradação de minhas paredes de taipa, o silêncio e a ferrugem das minhas peças de guerra. Li a correspondência de governantes suplicando minha sobrevivência e sofri o descaso de mandatários que, à distância, com seus fundilhos confortavelmente instalados sobre almofadas de veludo, não podiam imaginar o sofrimento da minha erosão, o desgaste dos meus alicerces, a importância da minha missão: escudo da terra e sentinela do rio/mar.

Vi as reconstruções. Vi escravos curando minhas chagas sob a vergasta do feitor. Recompondo o barro, adornando ameias, amuralhando os flancos, azeitando bronzes e gonzos. Vi os templos erguerem-se, as torres espetando o espaço como alabardas, o frontão recortado e imponente. Vi a fieira de janelas abrindo vãos nas paredes caiadas dos conventos que o tempo fez verdolengos

DO, O FORTE

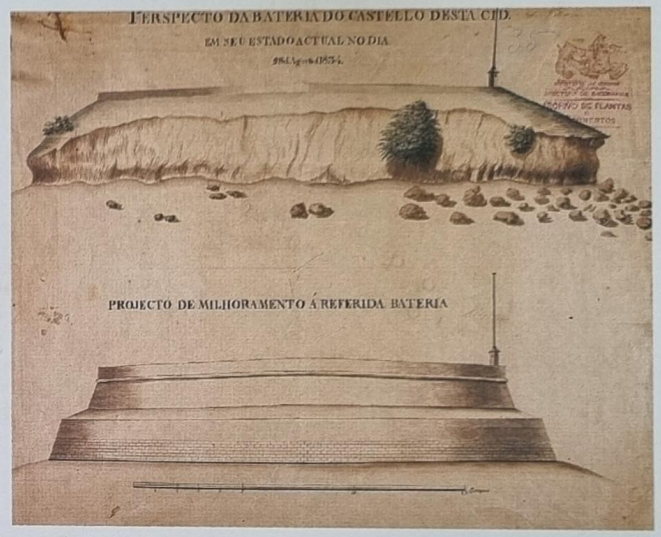
e sombrios. Vi, à minha ilharga, as canoas chegando, índios em suas montarias, o borborinho e a bulha do Haver-o-Peso, e o escambo, e a farinha comprada por rolos de algodão, e a tainha seca como soldo dos "filhos da folha". Senti a mescla dos odores no comércio da sobrevivência. E a mistura de suores: de índios, de mestiços, de crioulos, de brancos, de africanos, de cafuzos e mulatos. Cheiro da raça.

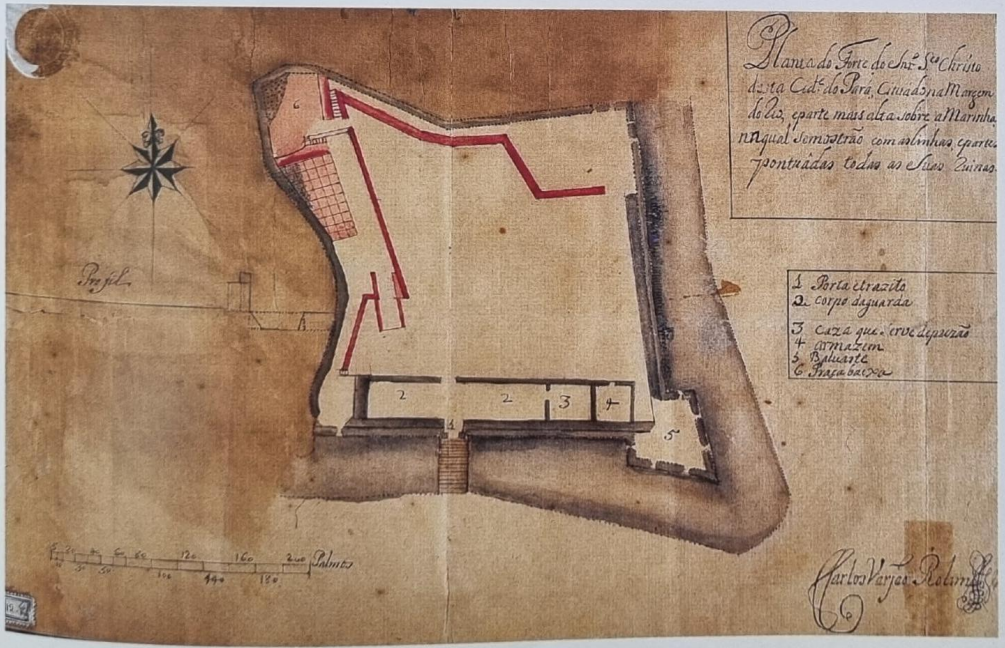
Passei a fome de injustiçados e bebi o vinho de despóticos e autoritários. Louvei os gestos heróicos e abominei as traições e a barbárie. Vi valentes e bisonhos. Abriguei fidalgos e mendigos. Fui prisão de probos e de calhordas. Presenciei o tumulto. Ouvi cantos de paz e choro de enforcados. Nos meus lajedos correu água de chuvas e lágrimas de desafortunados. Resisti às intempéries e aos cercos. Troei canhões e vomitei fogo e chumbo. Moribundo, muitas vezes ressurgi das cinzas e vi pendões e galhardetes me enfeitarem nas vitórias. Vi a opulência e a degradação. Vi o antigo arruinar-se e vi o novo envelhecer sem tradição. À distância, vi a memória destruída e, no lugar dela, vi erguerem-se monumentos ao progresso, frutos da ganância, da insensibilidade ou da ignorância. Argamassa e cal, silenciei minhas bocas de fogo numa cumplicidade de pedra.

Hoje, tão transmudado, sou atração turística, recanto manso, envelhecido e inerte, os olhos postos na imensidão de água que me vem banhar os pés em reverência. Mas sou o primeiro marco. O começo do começo. Tudo que aconteceu, aconteceu depois de mim. Gerações passaram. Séculos com elas. O depois não me surpreende porque cheguei primeiro. E ainda estou aqui. Como estive antes. Um forte. Escudo da terra e sentinela do rio/ma

"Por ser plano o território, apresenta-se ao espectador, do lado do mar, a cidade sem profundidade, como constando somente de duas filas de casas, e a proximidade da alta mata virgem que lhe forma fundo, evidencia como aqui a atividade construtiva do homem só com esforço consegue firmar-se contra a vegetação tropical."

SPIX E MARTIUS - *VIAGEM PELO BRASIL* - 1817/1820





Na página ao lado, o Forte cobrindo com seus canhões a doca do Ver-o-Peso. Hoje uma silenciosa e estática imagem do que já foi o seu vivo e agitado passado.

Acima, desenho da vista do Forte do Castelo e projeto de melhoramento da muralha de proteção datado de 1834.
Autor não identificado. Arquivo Histórico do Exército - Rio de Janeiro.

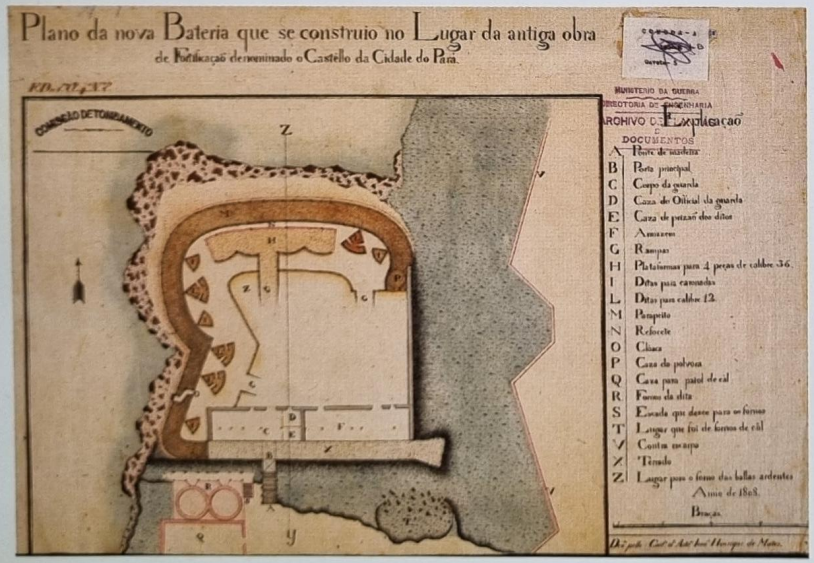
Ao lado, à esquerda, projeto para reforma do "Forte Stº. Christo" desenhado pelo Sargento-Mor Carlos Varjão Rolim em 1728 (Impressa por Laemmert, 1876). "Forte do Castelo de Stº. Christo" foi o nome que a Fortaleza do Presépio tomou nessa reconstrução, depois simplificado como "Forte do Castelo".
Mapoteca do Itamarati - Rio de Janeiro.

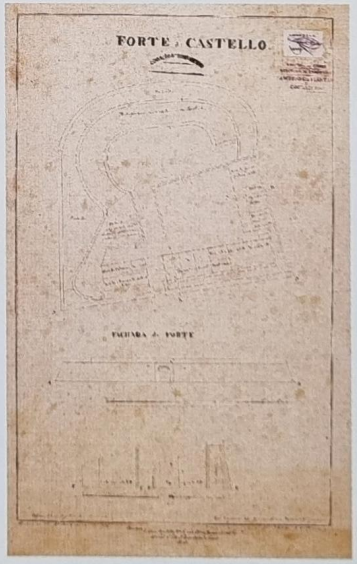
Ao lado, à esquerda, "A Fundação de Belém", tela pintada por Theodoro Braga em 1908, por encomenda do Intendente Lemos, acervo do Museu de Arte de Belém, Palácio Antônio Lemos, Belém.

Abaixo, à direita, planta e fachada do Forte do Castelo, datado de 1871, projetado por José Joaquim de Aguiar, Major de Engenheiros. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.

Abaixo, à esquerda, plano de reconstrução do Forte do Castelo datado de 1808, desenhado pelo Comandante de Artilharia José Henrique de Mello.
Do Arquivo Histório do Exército, Rio de Janeiro.

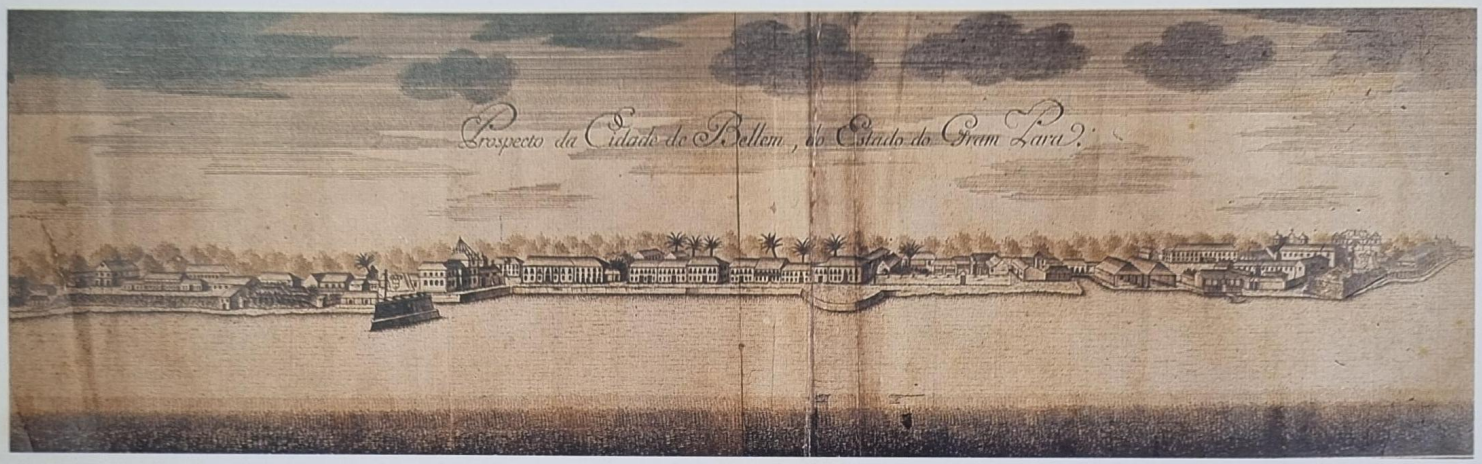
Na página da direita, foto aérea do Forte do Castelo. Situado no cotovelo formado pelo Rio Guamá ao desaguar na Baía de Guajará, o Forte tinha posição privilegiada na guarda da região.
Na defesa da cidade era coadjuvado pelo Forte de Pedro Nolasco, situado nos fundos do Convento das Mercês e pelo Reduto de S. José, próximo ao Convento de Santo Antônio. Para defesa do Rio Pará contava ainda com a Fortaleza da Barra, localizada numa ilhota à entrada da Baía. Todas essas fortificações foram desativadas ou destruídas e apenas o Forte do Castelo sobreviveu até os nossos dias.





“Depois de tomado posse achei esta praça com dezeseis peças de artilharia, sete delas cavalgadas com mui limitados reparos, a fortaleza quase no chão por muitas partes...”

CARTA DO CAPITÃO-MOR DO PARÁ, SEBASTIÃO LUCENA DE AZEVEDO À CORTE PORTUGUESA EM 2 DE JANEIRO DE 1647



"Na noite de 9 de agosto de 1618 Pedro Teixeira atacou de surpresa o grande navio holandes. Caem mortos e feridos no tombadilho da nau e a luta de extermínio, à espada, à clava, à borduna e a flechadas, prossegue encarniçada... Pedro Teixeira, já ferido três vezes, leva os feridos para as canoas, que desatracam da nau holandesa, e lança mão das flechas incendiárias que os Tupinambás fazem cair numa chuva de fogo sobre o navio... E assim pereceram todos os holandeses, escapando apenas um rapaz Trombeta... Volveu Pedro Teixeira ao local da luta onde, na maré baixa, conseguiu salvar alguma artilharia da nau incendiada, que foi levada para o Forte do Presépio."

HURLEY, G. - *NOÇÕES DE HISTÓRIA DO BRASIL E DO PARÁ*

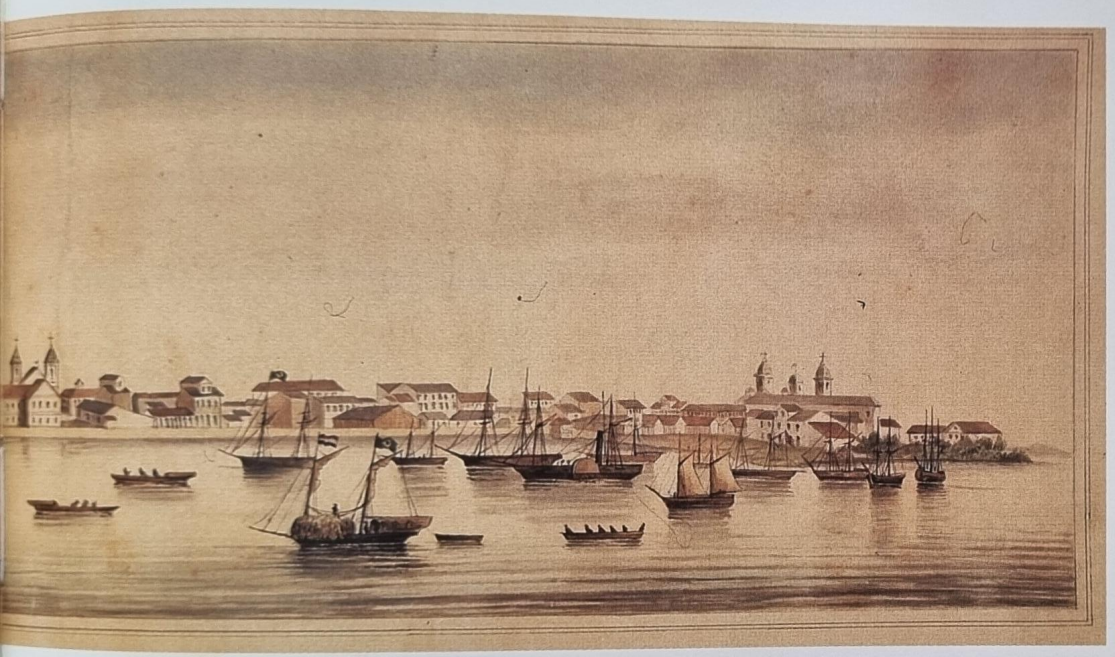
Na página ao lado, o Forte e seus vizinhos, casarões do século XVIII e XIX, que acompanharam de perto suas lutas, abrigados à sombra de suas armas.

A CON

impor a soberania. Fincar o marco. Levantar o brasão. Que estas terras são portuguesas por lei humana e divina. Pela primeira cumpre expulsar quem as cobice. Pela segunda converter quem nelas vive. E lá se vão os luso-brasileiros, arcabuz nas mãos para a matança, a cruz no peito para a conversão, nos olhos o brilho dos obstinados, a devoção ao Rei no coração. Quem os pode condenar se a fé os move? Quem os pode censurar pela ambição? Que estas terras, "Feliz Lusitânia", são de Francisco Caldeira de Castelo Branco, Descobridor e Primeiro Conquistador do Amazonas. Pouco importa que Ojedas e Vespúcios tenham navegado nos seus rios. Pouco importa que Pinzons e Orellanas as tenham marcado com suas botas. Pouco importa que Urzúas e Aguirres as tenham manchado de sangue e violência. As matas e os rios são de quem nelas permanece, pela força das armas e pelas graças de Deus. Por estas razões, lá vão eles, estes bravos, em bergantins, em barcaças, em ubás impulsionadas por braços remadores de silvícolas submissos, engrossada a tropa armada de mosquetes com a fúria sanguinária de índios flecheiros, sempre dispostos a esquartejar inimigos de tribos rivais.

Quem se atreve a fundear navio batavo nas alturas de Gurupá e barganhar às escancaras com os nativos? Pedro Teixeira está lá para impedi-lo. Quem se atreve a construir os fortins de Orange e Nassau nas bocas do Xingú? Luiz Aranha de Vasconcelos está lá para destruí-los. Quem se atreve a içar a bandeira da Holanda no forte de Mariocai? Bento Maciel Parente e Costa Favella estão lá para incendiá-la, tintos de sangue e selvageria. Quem se atreve a erigir o reduto de Mandiotuba sem permissão lusitana? Pedro Teixeira está lá para reduzi-lo a escombros e passar à espada

Q U I S T A



a guarnição flamenga. E como o sangue pede mais sangue, o bravo capitão vai adiante: arraza o forte de Felipe, assentado pelo britânico Roger North, e reduz a cinzas o posto fortificado de Cumarú do capitão Roger Fey.

É áspera a conquista, árdua, ingente e secular. Custa escaras e mutilações, fome e privações. Vaidades e traições. Preces, água-benta e persignações. Arbitrariedades, desmandos, conflitos intestinos de poder, tumultos, motins, guerra incessante contra estrangeiros e naturais. Que aqueles, sempre se sabe, são inimigos declarados, e estes, nunca se sabe, com a mesma presteza com que alugam as armas podem voltá-las contra quem paga o aluguel... Mas é preciso defender a soberania. Reverenciar o Rei. Exaltar a Deus e, sobretudo, locupletar as burras, amealhar ganhos, colecionar títulos e honrarias, já que o tempo é curto, a vida perigosa e o El Dourado duvidoso...

E porque é assim, Pedro Teixeira, bandeirante amazônico, contra o murmúrio do povo e a desconfiança da Câmara, sai de Cametá para subir o Rio Amazonas na mais extraordinária epopéia que se registrou na conquista da Amazônia. Por onde passa, o desbravador, com poderes de General e patente de Capitão-mor, marca a posse lusitana. Com presentes e quinquilharias cativa tribos e aldeiamentos. Se recusam as dádivas, cospe fogo. Que a Portugal cabe o direito de converter ou dizimar. À frente da investida a cruz que santifica, mas cercada de pólvora e lâminas afiadas. E assim foi: com a palavra, quando possível, com o sangue, quando necessário, que a brava gente luso-brasileira do Pará marcou o limite, no Amazonas, da soberania portuguesa.

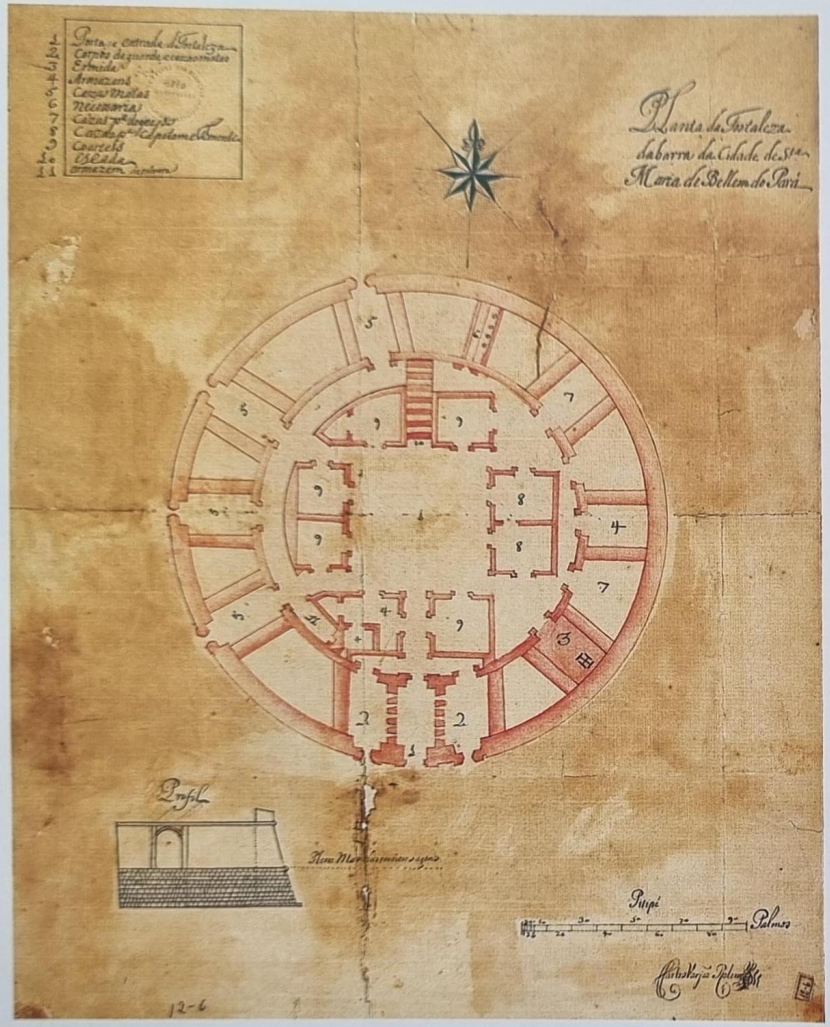
Ao lado, mapa da América do Sul de 1550, de autoria de Pierre Descelliers. Mapoteca do Itamarati, R.J.

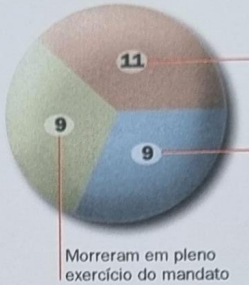
"E aqui Pedro Teixeira tomou posse das suas descobertas para a Coroa de Portugal, em nome de Felipe IV, tomando as mãos cheias de terra, e atirando-a ao ar, enquanto proclamava que se alguém soubesse de causa justa ou impedimento que a esta posse se opusesse, aparecesse e o declarasse ao escrivão. Não se apresentando contraditor algum, apanhou o escrivão terra, que pôs nas mãos de Teixeira, fazendo assim a entrega e apreensão para a Coroa de Portugal."

SOUTHEY, R. - *HISTÓRIA DO BRASIL* - 1810-1819

Ao lado, mapas do Pequeno Atlas do Maranhão e Grão-Pará - Biblioteca Nacional, desenhado na oficina de João Teixeira Albernaz, na metade do século XVII, segundo informações de Bento Maciel Parente.
À direita, a configuração do delta do Amazonas, destacando a concepção de inúmeras ilhas e canais.
À esquerda, a costa Norte do Pará, com importantes dados da rota para o Maranhão. Note também, a estrada Belém-São Luiz aberta por Pedro Teixeira em 1622.

Ao lado, monumento a Pedro Teixeira, o grande conquistador da Amazônia, na praça em sua homenagem, junto ao prédio da Companhia Docas do Pará. Pedro Teixeira nasceu em Lisboa em 1587, vindo para o Brasil com 20 anos de idade. Chegou ao Pará com os primeiros portugueses na frota de Castelo Branco (1616), de onde nunca se afastou até sua morte em Belém, 1641. Foi destemido soldado e leal súdito de Portugal, lutando bravamente nos combates aos invasores. Pela sua honradez era respeitado pelo povo, tendo assumido diversas vezes o governo do Pará como solução de crises políticas ou desmando de governantes. Mas sua maior façanha foi a conquista de todo o Amazonas para a coroa portuguesa na sua jornada até Quito, Equador, de 1637 a 1639. Foi, sem dúvida, o maior nome da conquista do norte do Brasil.





O gráfico, ao lado, ilustra o destino dos 29 portugueses que como Governador-geral ou Capitão-mor dirigiram o Pará nos primeiros 40 anos (1616 a 1655).

Ao lado, "Planta da Fortaleza da Barra da Cidade de Sta. Maria do Bellem do Pará", de autoria de Sargento-mor Carlos Varjão Rolim, 174... Arquivo da Mapoteca do Itamarati, R.J.

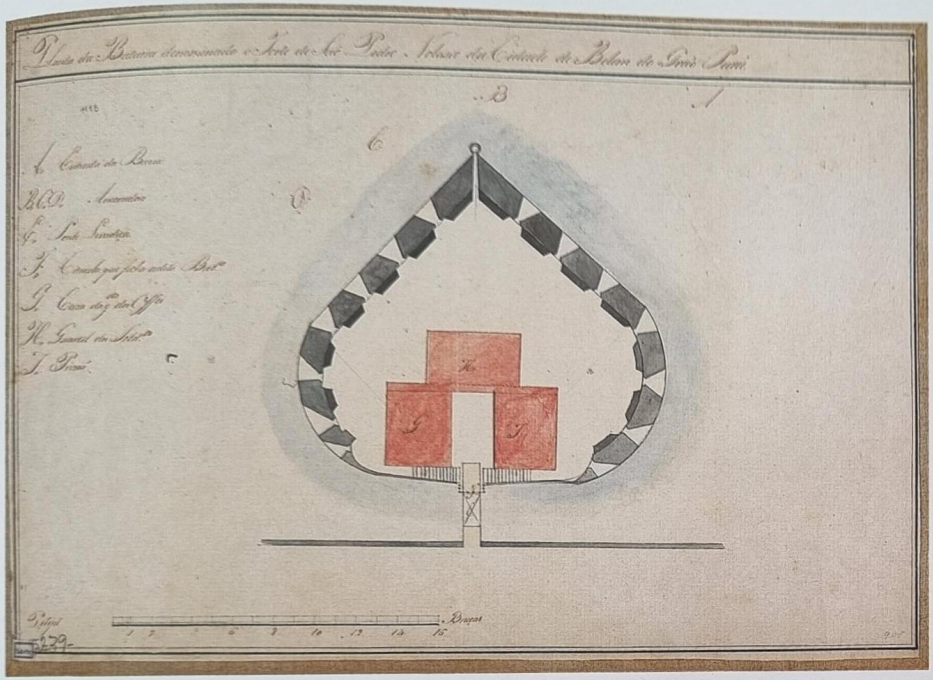
Abaixo, barco típico da Amazônia, tripulado por índios, que suportou a penetração e as conquistas dos portugueses. Litografia de L. Haghe, baseado no desenho do Capitão inglês W. Smith. Reproduzido do livro "Mapa" da Mapoteca do Itamarati, R.J.

Na página ao lado, acima, à esquerda, "Planta da Bateria denominada como Forte de São Pedro Nolasco da cidade de Belém do Grão-Pará" de autoria do Sargento-mor Carlos Varjão Rolim, 174... Arquivo da Mapoteca do Itamarati, R.J.

À direita, acampamento ao ar livre à margem dos rios, uma rotina dos viajantes. Desenho feito pelo Príncipe Adalberto da Prússia, quando esteve no Pará em 1842. Reprodução do desenho do livro "Mapa" da Mapoteca do Itamarati, R.J.

"Os reinos e os Impérios não os dá, nem os defende a espada da Justiça, se não a justiça da espada."

VIEIRA, A. - *HISTÓRIA DO FUTURO* -1718



"...e Francisco Caldeira de Castelo Branco...que se venha do Pará, onde faz mil desconcertos, desinquietando os Indios, pondo em seu lugar outra pessoa q. os conserve como convem, para não se rebelarem, e posto que ele escreva outra cousa e conste de seus papeis, isto que digo a V.Mg. he a verdade como quem o conhece e sabe como faz."

CARTA DO GOVERNADOR-GERAL GASPAR DE SOUZA AO REI DE PORTUGAL EM 1617

Ao lado, quadro "A conquista da Amazônia", tela do início do século, de autoria de Antonio Parreiras, acervo do Museu do Estado do Pará.

Abaixo, "Povoação à margem do Rio". Desenho original de W.S. Barnard, 1870. Biblioteca Nacional, R.J.

"Decreto régio de 05/02/1667 determinando que criminosos condenados a pena de degredo fossem sentenciados para o Maranhão e Pará, para povoarem aquelas províncias e servirem nelas como soldados."

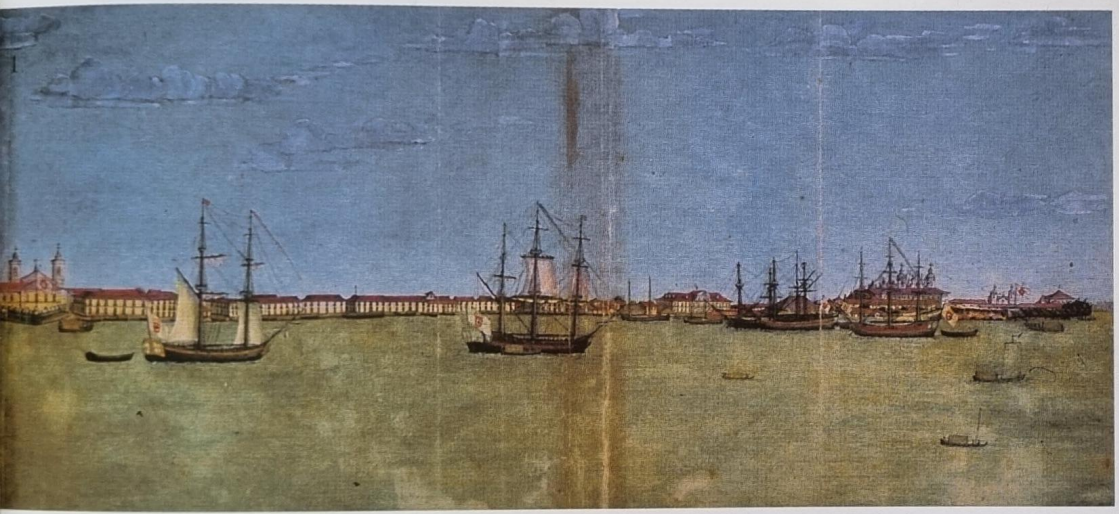
BARÃO DO RIO BRANCO
EFEMÉRIDES BRASILEIRAS

OS SENHORES

Eram milhares. E viviam em comunhão com a natureza, porque eram parte dela e ela deles. Pertenciam aos rios como os peixes e enfeitavam-se de penas como os pássaros. E como os pássaros, livres, caminhavam o verde das matas. Tinham o cheiro da terra e a cor do sol. Marcavam seu território com a borduna, o tacape, o pau de arremesso, o arco e a flecha mortal. Eram milhares, ribeirinhos ou costeiros, ou encravados no entrançado das matas, olhos atentos e ouvidos largos, silenciosos na caça e bulhentos na guerra. Tapajós, Tupinambás, Aroans, Senos, Becabas, Chufias, Yguitas, Tucunas, Curis, Macaguas, Zurinas, Nheengaíbas, Cachigaras, Caripunas, Guarabis, Abigiras, Mutuanis. Eram milhares. Centenas de milhares.

Era tão grande a sua liberdade que criaram seus Deuses, para deles, e só deles, serem vassalos. E tendo criado Deuses, como permitir que homens os fizessem escravos? Tão grande era a sua liberdade que consentiram... E como esperar que assim não fosse? Quem chegava, intruso, das terras de Além-Mar? Um magote farrapão e vicioso, plebe urbana sem ofício, gentalha eivada de falhas morais e mentais, miúda nobreza parasitária, alguns artífices e provincianos de melhor sangue mas igualmente ignorantes, fanáticos e crueis, soldadesca fugitiva dos rigores da lei. Na malta aventureira, com poucas exceções, vinha um bando de padrecos cuja lascívia e luxúria fariam corar o próprio demo. De nada valeu, aos senhores da terra, a orgia de ordens régias que os consideravam súditos do Rei. Debalde Vieira clamou dos púlpitos em sua defesa, com suas palavras de víbora e sua lucidez de estadista. Foi mais forte a insensatez e a ganância de Capitães-Mores,

S DA TERRA



Governadores e Conselhos Municipais. Foi mais forte a vileza e a sede de pecúnia de colonos inescrupulosos. Foi mais forte a aleivosia de Vigários Gerais, de Bispos e eclesiásticos corruptos.

E viram seus rituais serem destruídos. Seu idioma, abolido. Seus costumes, pervertidos. Seus talismãs, trocados por relíquias. Seus braços, enxadas de colonos preguiçosos. Suas mulheres, deleite de promíscuos. Seus filhos, desgarrados, morrerem à mingua. E viram pesar a cruz sobre os ombros, eles, que nunca vergaram os joelhos, a não ser para rastrear a caça ou surpreender o inimigo. E viram, os donos da terra, a terra ter outros donos e os fazerem escravos. De um ou outro modo. Pois quem poderá dizer que forma de escravidão é mais hedionda: a que ata grilhões aos pulsos ou a que ameaça o espírito com o fogo do inferno? A que seguramente perverte ou a que pretensamente converte?

Os senhores da terra: tão grande era a sua liberdade que a desconheciam. E por isso foram escravizados. Mas não todos. A maioria, a imensa maioria, sucumbiu nas refregas e tocaias, nas guerrilhas e batalhas, nos assédios e assaltos. "Cabelo de Velha" encontrou a morte junto ao Forte do Presépio. O cacique Amaro foi amarrado à boca de um canhão e teve o corpo espedaçado. Dezenas foram afogados. Centenas foram incendiados com suas tabas nas carnificinas de Pedro Coelho e Bento Maciel Parente. Outros tantos pereceram nas expedições de resgate ou punitivas. Milhares retornaram à terra: ber-ço, mãe e túmulo. Que inferno, ou que céu, abrigou os que nunca fizeram o pelo-sinal nem deram vivas ao Rei?

Ao lado, Mapa da América do Sul de autoria de Diogo Homem com cenas da vida indígena, 1558, Mapoteca do Itamarati, Rio de Janeiro.

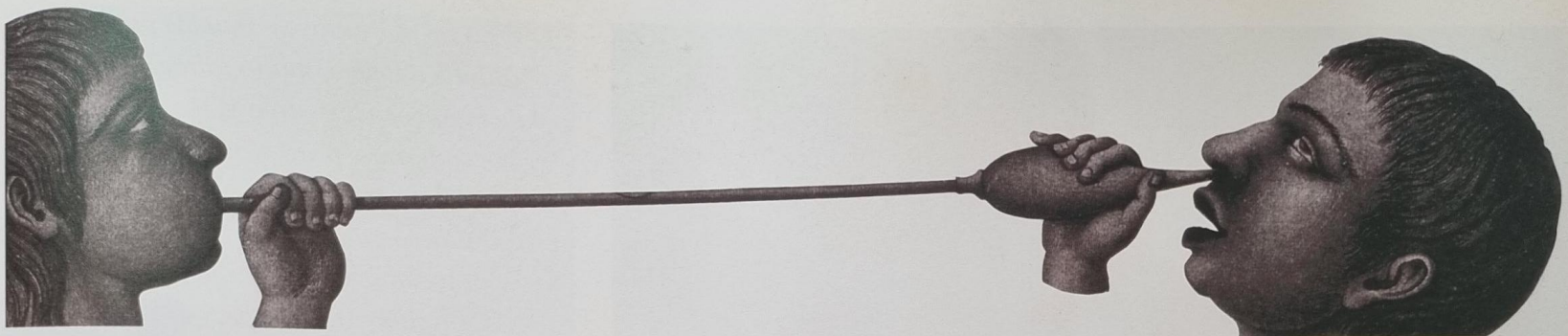
Na página ao lado, gravuras do livro de Alexandre Ferreira, Viagem Filosófica, Biblioteca Nacional.

Acima, maneira de inalar paricá dos índios Mura.

Abaixo, à esquerda, índio da tribo Mura.

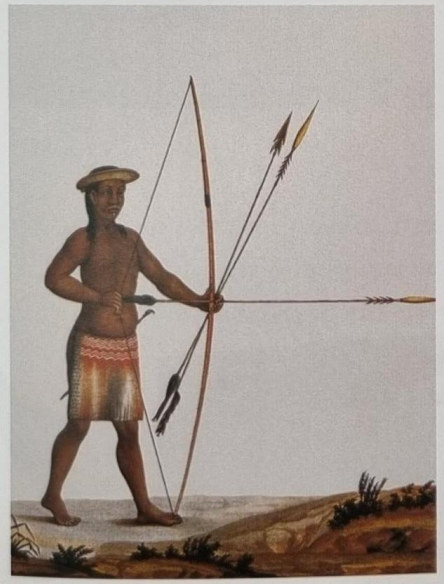
Ao centro, índio inalando paricá.

À direita, índio do Rio Branco, tribo não identificada.



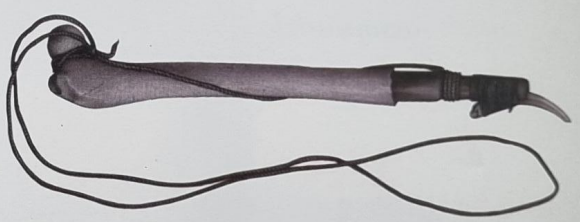
"Lançado o paricá em pó dentro da caçoleta do cachimbo, o que se destina a tomá-lo com suas próprias mãos aplica a caçoleta a uma das ventas enquanto outro sopra o tabaco com força pelo bocal, vindo por este modo a ser tão violento o efeito do tabaco assoprado que a primeira assopradela basta para os alienar dos sentidos e promover uma extraordinária descarga da pituita."

FERREIRA, A. R. - *VIAGEM FILOSÓFICA* - 1784



"...que por estarem aquelas praças (S.Luís e Belém) muito faltas de gente e de moniçoens, se sirva V.Mg. de mandar se embarque para elas 200 homens e não havendo pago a todos, se possa tirar das cadeias os que parecerem mais a proposito, como já se fez e os levou o Capitão Manuel de Souza e Sá e approvaram-lh'o muy bem."

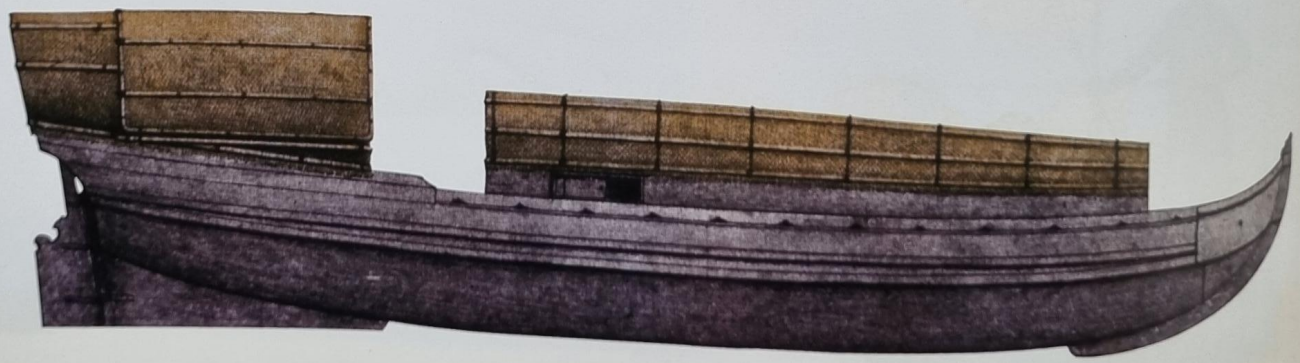
CARTA DO CAPITÃO-MOR BENTO MACIEL PARENTE AO REI DE PORTUGAL EM 1626

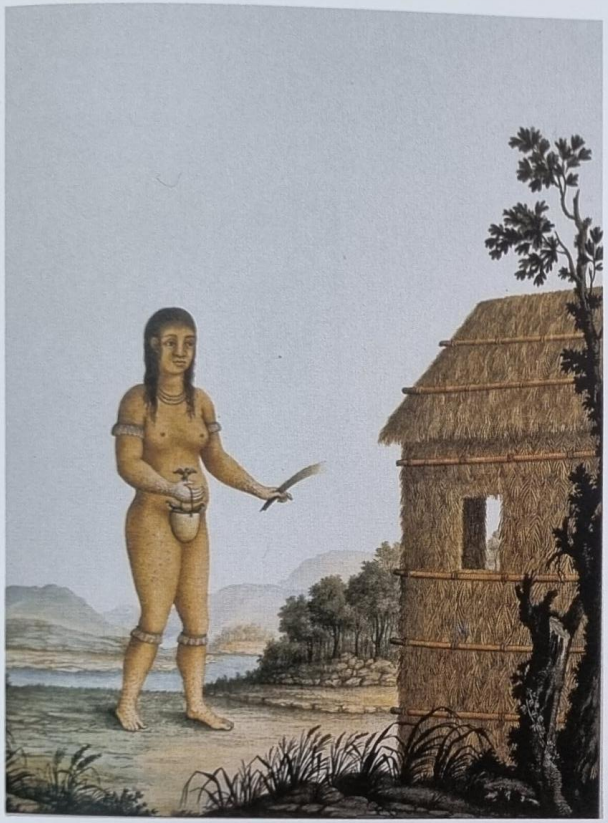


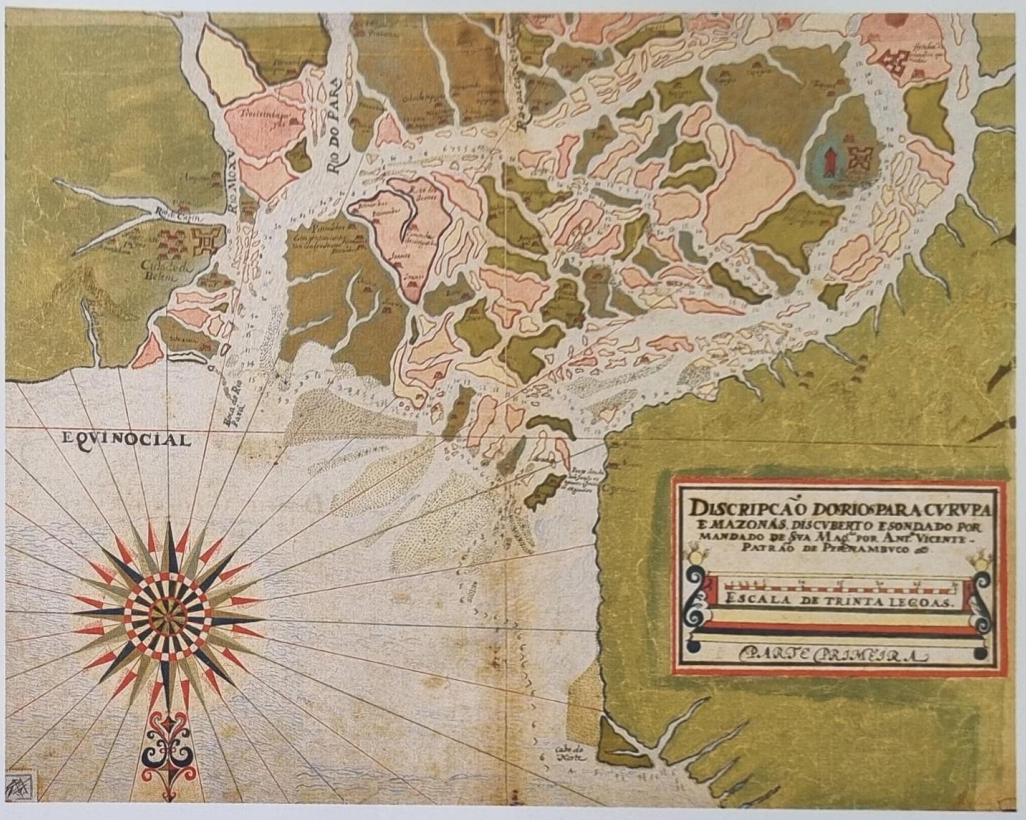
Acima, índios caminhando na floresta. Desenho do livro *Voyage aux Brésil*, por S. A. Prince d'Newevide, 1817. Arquivo do Itamarati, Rio de Janeiro.

Ao lado, no alto, bisel de osso com dente de paca. Viagem Filosófica, Biblioteca Nacional.

Ao lado, canoa de meia coberta, desenho de Codina. Viagem Filosófica, Biblioteca Nacional.







"O silvícola vivia na nueza...poucos cobrem o órgão de dar a vida a novos seres... e as mulheres não escondem o cofre dos deleites da ternura..."

BAENA, A. L. M. - *ENSAIO COROGRÁFICO SOBRE A PROVÍNCIA DO PARÁ* - 1830

Acima, à direita, índia provavelmente da tribo Miranha. Viagem Filosófica, Biblioteca Nacional.

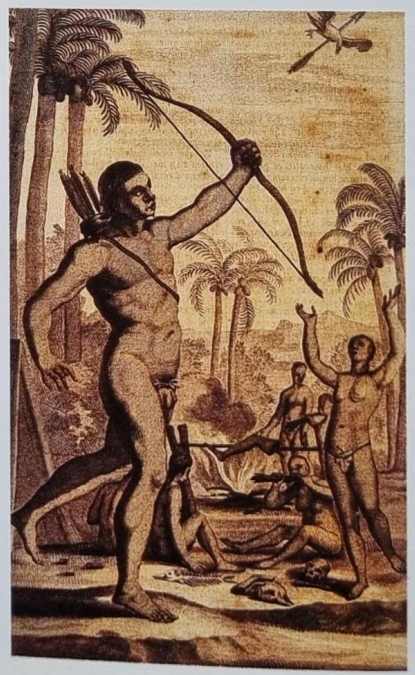
À esquerda descrição dos Rios Pará, Curupá e Amazonas, mandada fazer pelo patrão Antônio Vicente Cochado, em 1622. Cochado foi o piloto da jornada de Castelo Branco na fundação de Belém, Biblioteca Nacional

Ao lado, utensilhos dos índios Mura. Viagem Filosófica, Biblioteca Nacional.

À esquerda, cena de canibalismo. Gravura de Montanus, 1671. Do livro Mapa, Itamarati, Rio de Janeiro.

Ao lado, índio Miranha, Viagem Filosófica, Biblioteca Nacional.

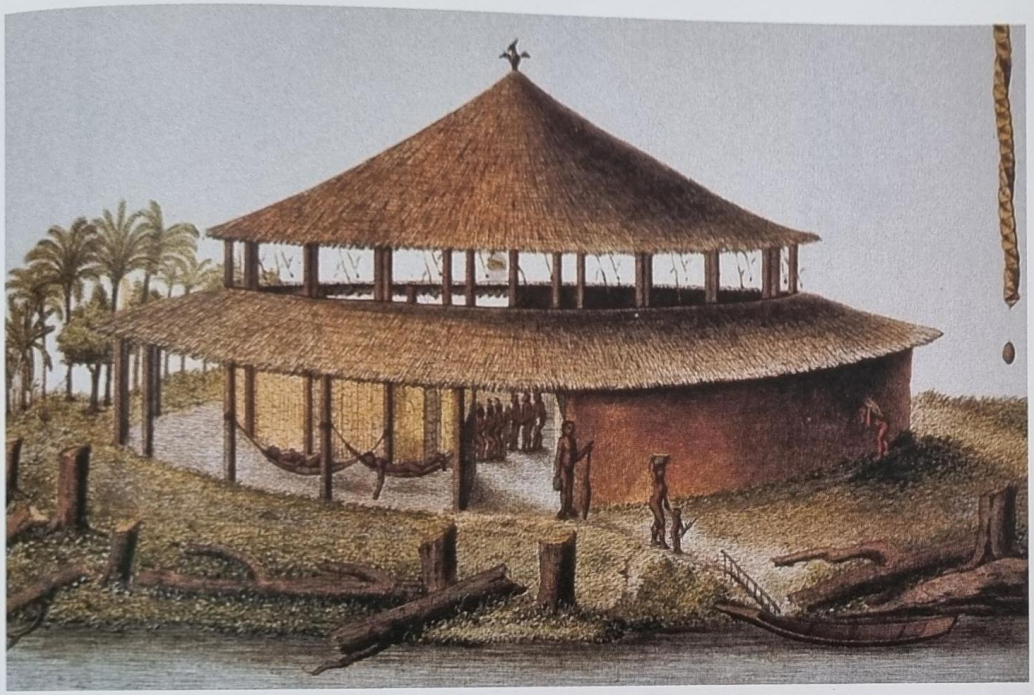
Abaixo, "O Brasileiro", gravura de Montanus, 1671. Do livro Mapa. Itamarati, Rio de Janeiro.



Na página ao lado, maloca dos índios Curutú, Viagem Filosófica, Biblioteca Nacional.

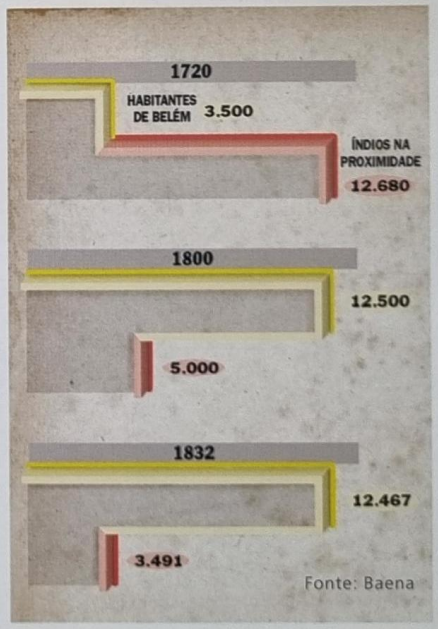
"Em 1643 naufraga nas proximidades da ilha de Joannes uma caravela enviada pelo monarca português com os primeiros jesuítas tendo como superior o venerável Padre Luiz Figueira. Onze missionários conseguiram escapar e foram levados as praias onde viviam os Aruans. Estes 'alegraram-se summamente com a sua presa e os conduziram como melhor poderão para as suas povoações, por onde os repartirão, não para os confortarem e agasalharem, mas sim para lhes darem sepultura em seus ventres, como manjar a seu apetite de maior regalo...'"

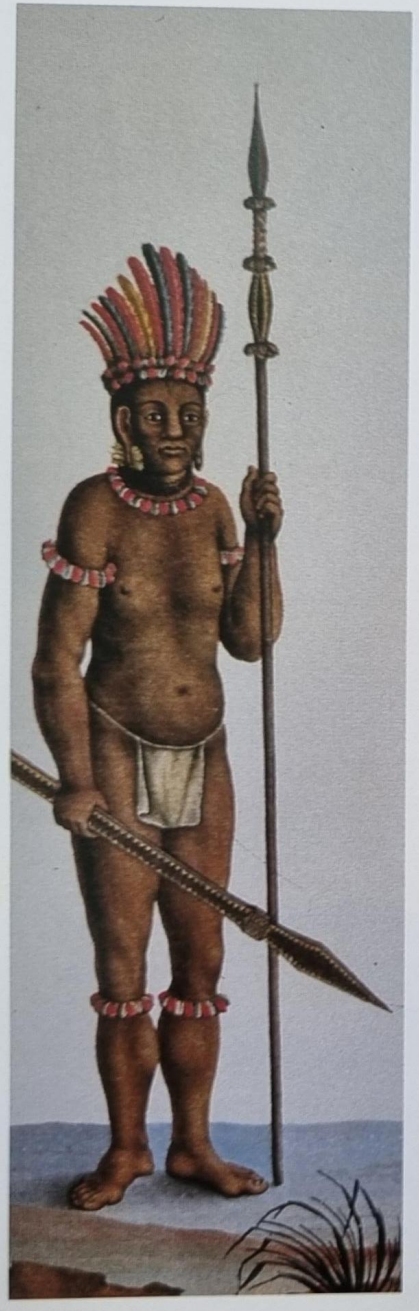
MEIRA FILHO - *CITAÇÃO DE HISTÓRIA DA CIA. DO JESUS* - PADRE JOSÉ MORAES - 1860.

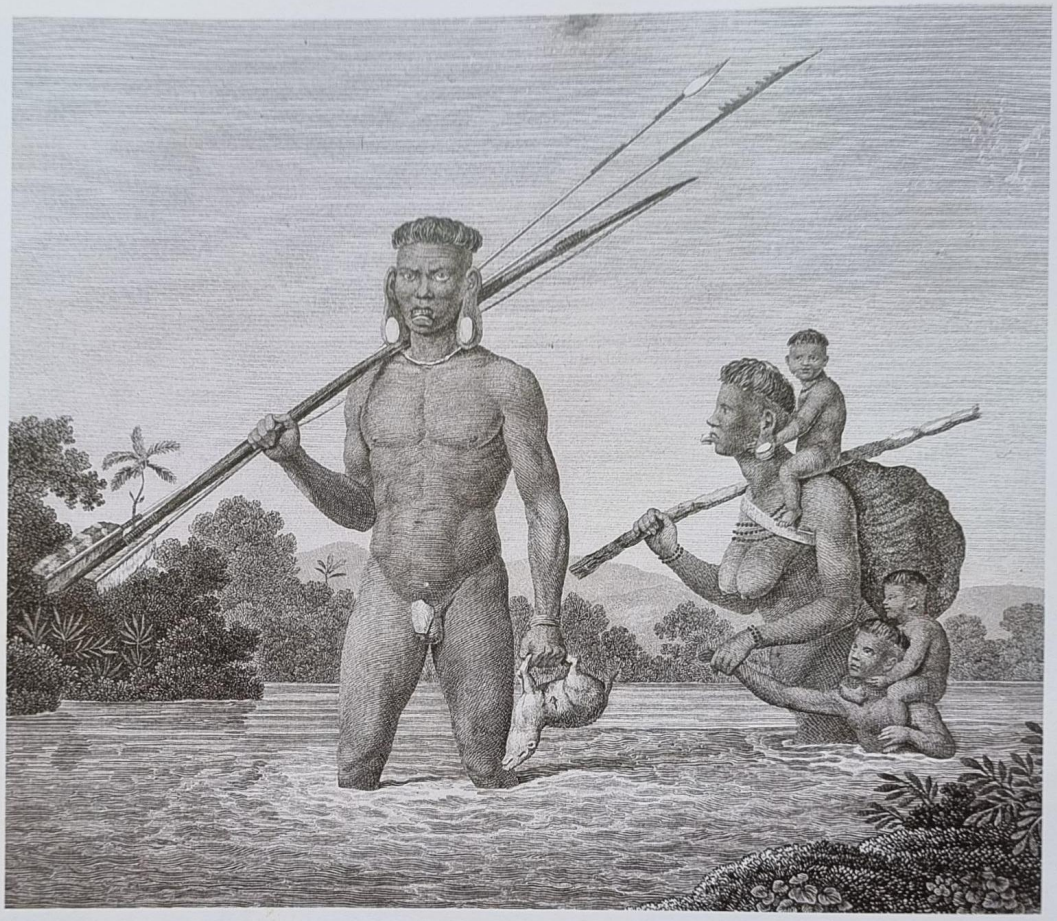


"Nesta occazião se assinalarão alguns Indios muyto mostrando grande valor nas escaramuças: entre os quais hum chamado Cara guatajuba Potiguar do Rio Grande indo a hum assalto, vendo no rio tres canoas dos Indios naturais aliados aos Olandeses, toma hûa espada na boca & lançase a nado, & as foi alagando hûa , & hûa, saindo em terra as frechadas matou muytos delles."

PADRE LUIZ FIGUEIRA - *RELAÇÃO DO ALGÛAS COISAS TOCANTES AO GRÃO PARÁ* - 1631.







À esquerda, índio Vervequera, Viagem Filosófica, Biblioteca Nacional.

Ao lado, família de índios em viagem. Desenho do livro *Voyage aux Brésil*, por S. A. Prince d'Newevide. Arquivo do Itamarati, Rio de Janeiro.

"...e entrou Bento Maciel Parente com oitenta homens e quatrocentos índios flecheiros nas Províncias dos Tupinambás rebelados, que haviam matado mais de cem portugueses, e começando a castigá-los nas aldeias de Tapuytapeal, os foi perseguindo e matando e destruindo até o Grão Pará, por mais de cem léguas..."

SYLVEIRA, S. E. - *RELAÇAM SUMMARIA DAS COUSAS DO MARANHÃO* - 1624

A PRESENÇA

Nem só de rezas e salmos vivem os Capuchos do Una. Nem só de *Te-Deum Laudamus* vivem os Carmelitas Calçados no final da Rua do Norte. Não é só de ladainhas que vivem os Mercedários, trazidos por Pedro Teixeira quando voltava de Quito. Os Jesuítas não vivem de breviários e cantos gregorianos. Há uma missão a cumprir. Há muitos milhares de almas perdidas nestas florestas que é preciso converter. El-Rei quer ter novos súditos mas, temente a Deus, também quer salvar suas almas, para não perder a sua, mesmo sabendo que as almas, transparentes e etéreas, não plantam cacau e cana, nem cravo, anil e baunilha, pimenta, algodão e tabaco. Por isso, é melhor que as almas venham acompanhadas de braços para o trabalho. Por isso, o Rei depende de missionários, de batinas e de hábitos, de estolas e missais, de evangelhos e sermões. Em troca oferece casa em que residam e igreja de madeira, vinho e azeite, cera lavrada em velas ou em rolos, sal e farinha, além de oito varas de burel para que os padres se vistam.

Como teria sido a História de Belém sem a presença corajosa e obstinada, mas também nem sempre honesta, destes religiosos que sabiam usar a cruz como um apóstolo, e a espada como um soldado? Quantas vezes transformaram seus convertidos selvagens em selvagens decididos a expulsar invasores, holandeses e franceses, ingleses e aventureiros de muitas partes do mundo? Como teria sido a História de Belém sem Frei Antônio de Merciana, Frei Christovão de Lisboa, sem Padre Souto Mayor, sem o Cônego Batista Campos, sem Padre Antônio Vieira? Quantos motins estes homens, alimentados de hóstias, de fé e sacramentos, não abortaram apenas com um sermão? Ou, pelo contrário, a quantos não deram início e andamento? A quanta injustiça e desmando de governantes perversos não ergueram sua voz condenando a iniqüidade? E quantos deles, fraqueza humana, não se perderam

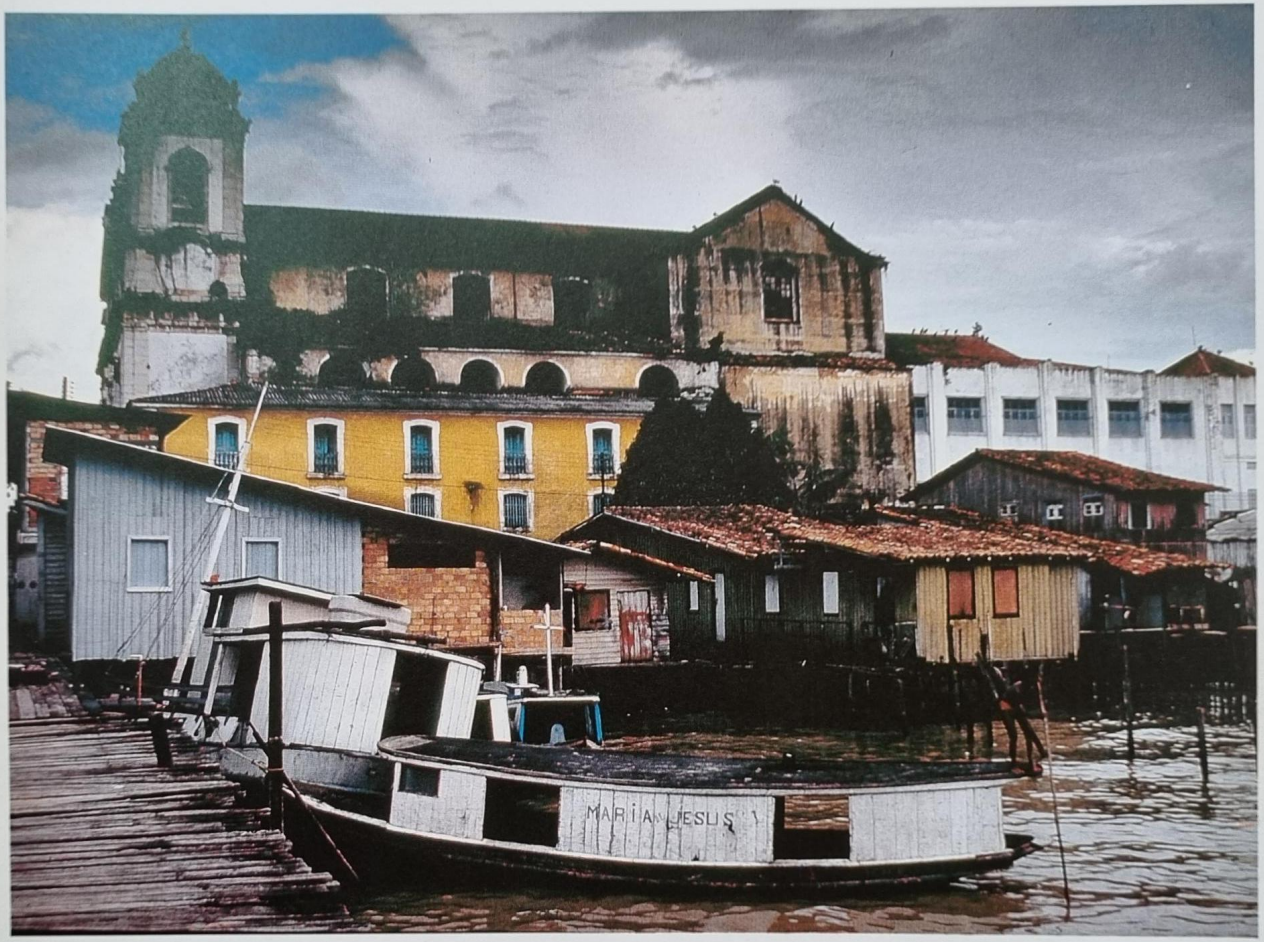
DA IGREJA

na lama das ambições e vaidades, e não deixaram que a imundície salpicasse as sobrepelizes, manchasse alvas e estolas?

Como teria sido a História de Belém sem o Convento de Santo Antônio, abrigo dos perseguidos pela arbitrariedade, local das inconfidências dos nacionalistas de 23, quartel-general dos Cabanos de 35? Como teria sido a História de Belém sem o Colégio de Santo Alexandre, berço e templo da educação? Como contar a História de Belém sem enaltecer a luta secular dos Jesuítas contra a escravidão indígena? Como esquecer o martírio de Padre Luís Figueira e seus 10 missionários jesuítas, devorados pelos Aruans da Ilha de Marajó após o trágico naufrágio da caravela que de Lisboa os levava para Belém? Quem se arriscaria, como Antônio Vieira, sem armas e sem soldados, a selar a paz com os Nheengaíbas, "os mais ferozes e valentes de toda a região", somente usando a palavra e a autoridade espiritual, e auxiliado apenas por um pequeno crucifixo deixado pelo Padre Souto Mayor com os principais daqueles índios? Que de horrores não enfrentou Vieira por pregar que "onde todos perseguem e todos cativam, todos se condenam"? Que de angústias e decepções não sofreu Vieira por se ver perseguido pelos poderosos por sua amizade com o Rei? Que dor não teria sentido quando, prisioneiro, implorou para ser ouvido pela Câmara de S. Luís e esta lhe respondeu que "não queria conferenciar com um homem que falava com o diabo"? Nunca se há de glorificar a contento a presença destes "abarunas"em terras paraenses. Se alguns deles mais se serviram do que serviram, da grande maioria despontaram mártires da conquista, mantenedores da soberania, doutrinadores cristãos, esteios na luta contra a escravidão do gentio, mentores de movimentos libertários, conselheiros de escol e paraenses do mais elevado espírito cívico e mora

l.

Nesta página, a Igreja do Carmo, servindo de fundo ao porto do Sal. A foto é de hoje, mas a imagem é a mesma do século XVIII. A primeira Igreja foi eregida pelos Carmelitas em 1626. Posteriormente teve duas reconstruções, em 1720 e 1766.



Na página ao lado, nave principal da Igreja do Carmo. A abóbada foi concebida pelo arquiteto Antonio José Landi, em 1766. Na extrema direita, seu púlpito barroco de talha dourada. Abaixo, ainda na Igreja do Carmo, o altar-mor em madeira talhada, um dos mais belos exemplos da arte barroca do Pará. A mesa é de prata lavrada.

"No dia 23 de novembro (1636), celebrando-se a missa na Hora da Terça, o Arcediago Francisco Xavier Salgado e o Arcipreste Luiz Borges fustigaõ-se com os breviários, e fugindo o Arcipreste cai junto ao altar da Senhora de Santa Anna com duas feridas, que alli lhe fez o Arcediago...Os dous foram havidos por publicos excomungados e suspensos os ofícios devido à profanação, que só voltaram a ocorrer em 1637, quando uma Carta Regia mandou estabelecer o "Estanque do Sabão."

BAENA, A. L. M. - *COMPÊNDIO DAS ERAS* - 1829

"E no Pará são senhores, a Companhia, Carmo e Mercês de quase todo o que dá a grande Ilha de Joannes, no districto de Marajó e ainda que lá têm curraes mais outras pessoas seculares, são todos pequenos em comparação aos Regulares. Fora disto há varias fazendas de frades do Carmo e Mercês, em particular cheias de índios, a que lhe chamam aldeias próprias."

RELATÓRIO DO OUVIDOR JOÃO DA CRUZ DINIZ PINHEIRO IN AZEVEDO, J. L. - *OS JESUITAS NO GRÃO-PARÁ* - ED. 1901

"Em todo o ano de 1694 não surgem no fundeadouro do Pará navios de Portugal. Soffrem os moradores a carência de todos os gêneros mais necessários nos usos da vida. Até falta o vinho para as Missas."

BAENA, A. L. M. - *COMPÊNDIO DAS ERAS* - 1829

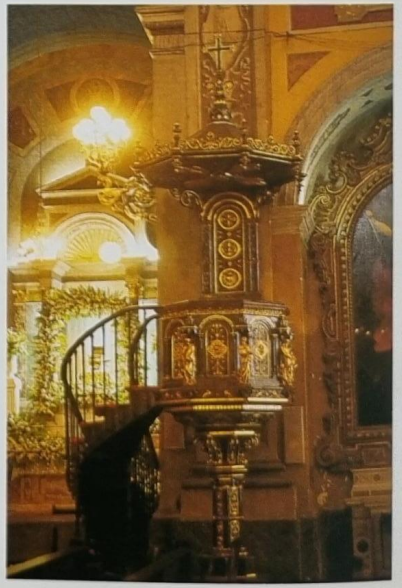
Nesta página, detalhes da Catedral da Sé, Belém. Construída de 1748 a 1771.

Ao centro, a abóbada com destaque para a pintura de autoria do artista italiano Domenico de Angelis.

Abaixo, à esquerda, painel de Nossa Senhora da Graça, obra do pintor lisboeta Pedro Alexandrino de Carvalho.

Abaixo, à direita, o púlpito de madeira da Catedral, de inspiração italiana.

Na página ao lado, vista aérea de Bélem destacando-se a praça da Sé e a Igreja de Santo Alexandre.



"Determina o Governador Dom Francisco do Souza Coutinho (3 de julho de 1793), que se estabeleça uma Feira Geral nos fins de setembro de cada anno nos dias em que se costuma festejar a Nossa Senhora de Nazareth, e no Largo da sua Ermida ... e insinua à Confraria que dálli por diante deve solenizar a festa com Novena, Missa Cantada e Procissaõ; e que a Imagem da Senhora na vespera do primeiro dia da Novena será depositada na Capela do Palácio do Governo a fim de ser transferida no dia seguinte de tarde em uma berlinda para a sua Ermida, e nesse momento precedida por devotos de ambos os sexos concertados em alas, uma de mulheres em sejes e duas de homens a cavallo, e que elle pessoalmente se adunaria a esse religioso séquito indo também a cavallo após do vehiculo da imagem."

BAENA, A. L. M. - *COMPÊNDIO DAS ERAS* - 1829

Duas belas imagens de madeira talhada em Portugal que se encontram na Igreja das Mercês, Belém. À esquerda, imagem de S. Raimundo Nonato. À direita, imagem de S. Pedro Nolasco,

Na página ao lado, Capela de São João Batista, singela e delicada obra-prima de Antônio Landi (1772). A antiga capela, uma das primeiras de Belém (1622), serviu de prisão ao Padre Antonio Vieira. Na segunda metade do século XVIII funcionou como Igreja matriz de Belém enquanto se construía a Catedral.

"...digo que menos mal será um ladrão que dois; e que mais dificultoso serão de achar dois homens de bem que um só...Dos dois atuais Capitães Mores, um não tem nada, e o outro nada lhe basta, sendo incerto qual a maior tentação, se a necessidade, se a cobiça...Assim que, Senhor, consciência e mais consciência é o principal e único talento que se há-de buscar nos que vierem governar este Estado. Se houvesse dois homens de consciência, e outros que lhe sucedessem, não haveria inconvenientes em estar o governo dividido. Mas, se não houver mais que um, venha um que governe tudo e trate do serviço de Deus e de V.M.; e se não houver nenhum, como até agora parece que não houve, não venha nenhum, que melhor se governará o Estado sem ele que com ele."

CARTA DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA AO REI D. JOÃO IV EM 1654

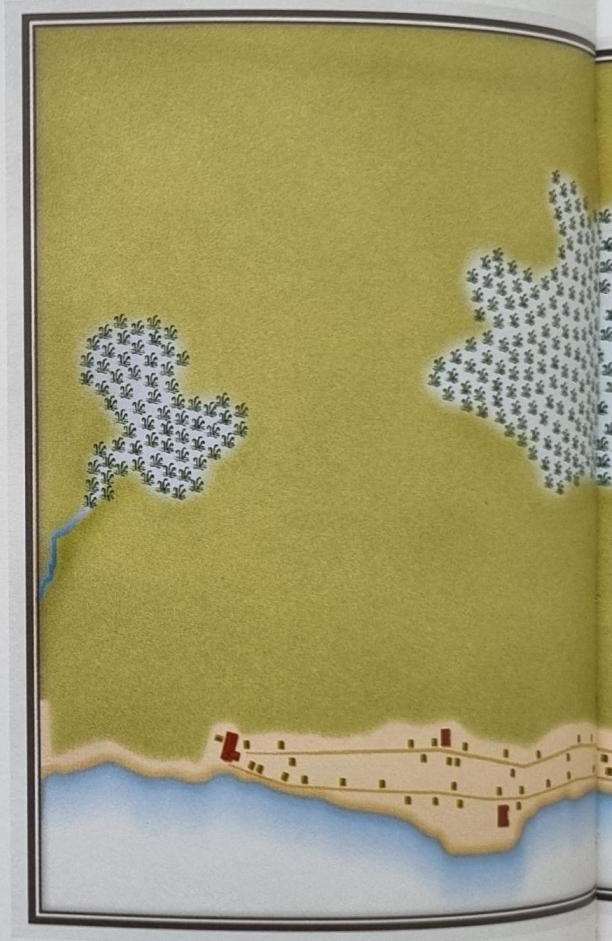
ALARGANDO

A terra é vasta. Formidável a mata. Quem chega pelos rios em busca do mar não é capaz de dizer onde terminam uns e onde começa o outro. À cidade não basta o Forte do Presépio e a Cidade Velha. Nem as ruas do Norte, dos Cavaleiros, da Residência, da Atalaia. Cercada pelo pântano do Piry, ainda indomável, é preciso buscar outros rumos em direção à Campina, em direção à floresta, desbravar a orla.

Mas tudo caminha lentamente. Na légua patrimonial a terra é muita e poucos os braços. É permanente a luta contra invasores estrangeiros. Tudo depende da força escrava do indígena e os jesuítas estão atentos contra o abuso e a violação das ordens régias. E há em tudo um reboliço, uma perspectiva de riqueza, uma esperança de ouro e prata que ninguém sabe em que fresta, em que frincha, em que desvão podem estar ocultos. Os ares sopram malediscências. As águas evaporam conspiratas e sedições. Dir-se-ia que a Província nasceu com a anarquia.

Mas lentamente, caminha-se. Estão chegando cincoenta famílias de colonos açorianos, e é preciso abrigá-los porque muito se espera deles: abre-se na Campina a rua S.Vicente que logo se ladeia de casas simples, de taipa, onde não havia "mais que redes nas salas, os móveis poucos, de gostos e usos esquisitos". Verdade que, pouco a pouco, em pontos mais retirados, se estabelecem engenhos de açúcar, plantações de cacau e tabaco. Mas tudo é dificultoso se tudo está por fazer-se.

As ruas, simples caminhos, irregulares e estreitos, sem declive, são trilhas alagadiças durante o inverno chuvoso. Mesmo as igrejas e conventos são construções de pobreza franciscana, de esteio barreado, com cobertura de palha: no interior, o vazio, altares nus, sem alfaias, sem custódias, sem tocheiros, sob uma imagem esculpida do Cristo crucificado. Mas para quem vive de escravos, e onde a anarquia impera porque há mais desonestos que cumpridores da lei, logo levantam-se as forcas som-



OS LIMITES

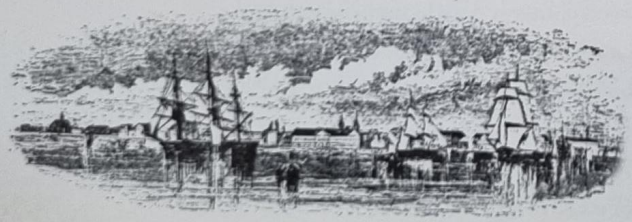
brias, as polés e os pelourinhos, que o Rei ordena "se ponham longe das igrejas e nunca à vista delas".

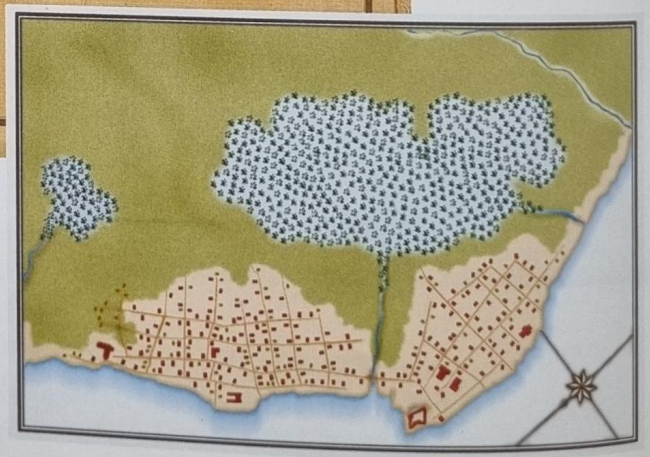
Mas tudo ocorre lentamente. Decorrem 135 anos para que chegue à cidade Mendonça Furtado, irmão de Pombal, e um surto de progresso prepare o caminho para que se alarguem os horizontes e fronteiras, para que novas igrejas, palácios e mansões modifiquem a paisagem da Belém colonial. Mais um pouco e o Conde dos Arcos doma o alagadiço do Piry, cortado agora por três estradas orladas de renques de Mongubeiras e Taperebazeiras. Nas novas estradas, que avançam Piry adentro, os habitantes mais abastados constroem suas casas de recreio, avarandadas e amplas. Mas tudo é lento. Lento mas progressivo. No final do século XIX, findo o tempo dos distúrbios políticos, lá estão as ruas, travessas, largos, um emaranhado de percursos à espera das conquistas que viriam com uma nova era: bondes, estradas de ferro, iluminação elétrica. Rua do Açougue, rua dos Ferreiros, rua da Cruz das Almas, rua Nova do Príncipe, rua dos Mártires, travessa das Gaivotas, travessa das Flores, travessa da Estrela, travessa da Piedade, Largo da Pólvora, Largo dos Quartéis... Nomes poéticos que se perderam no tempo, muitos deles substituídos pela bajulação política e pela insensibilidade.

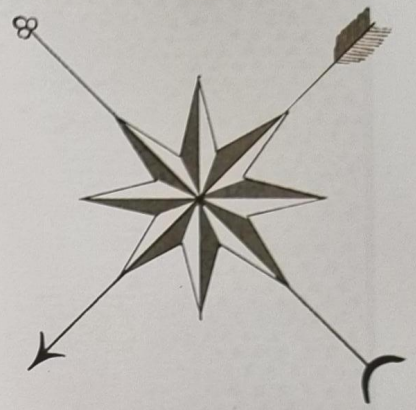
Belém e a Amazônia são o paraíso dos viajantes do mundo: Wallace, Bates, Agassiz, Fletcher, Kidder, entre outros, repetem o pioneirismo de Alexandre Rodrigues Ferreira, médico e naturalista baiano, que em 1784 fez o mais importante e minucioso relato da vida política, religiosa, comercial e social da Belém setecentista. No final do século XIX já é impossível conter a cidade na primeira légua patrimonial. Vem a segunda: na riqueza do látex, os administradores enxergam um futuro promissor e Antônio Lemos transforma Belém na mais bela cidade do Norte do Brasil. Mas tudo, tudo mesmo, ocorreu lentamente. E custou sangue, suor e lágrima

Ao lado, planta geométrica da "Cidade de Belém do Grão-Pará", levantada em 1753, de autoria de João Andre Schwebel, por ordem do Gov. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Biblioteca Nacional.

Na página anterior e no desenho abaixo, simulação de plantas da cidade de Belém em 1650 e 1700, ambas desenhadas segundo dados históricos, especialmente para esta edição.







Acima, planta da "Cidade do Pará". Descreve Belém entre 1754 e 1761 e não é conhecido o autor. Esta cópia, encomendada por Manuel Barata, em 1905, pertence ao acervo do IHGB, R.J.

Ao lado, planta da "Cidade de Belém do Grão-Pará", de 1761, sem indicação do autor. Do Arquivo Histórico do Exército, R.J. É a única planta do século XVIII que tem o norte no alto do desenho e por isso parece invertida.

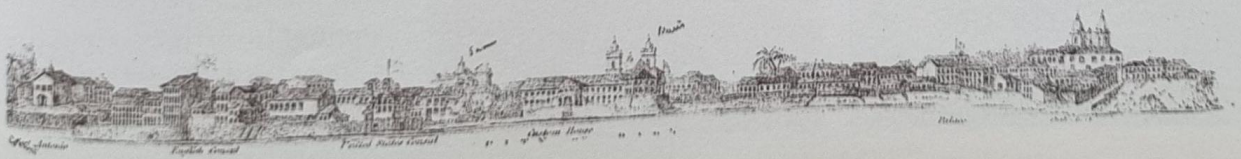
Planta da "Cidade do Pará", feita pelo Capitão Engenheiro Gaspar Gronsfeld, provavelmente em 1771. Foi mandada copiar por Manuel Barata, em 1905. Acervo do IHGB, R.J.

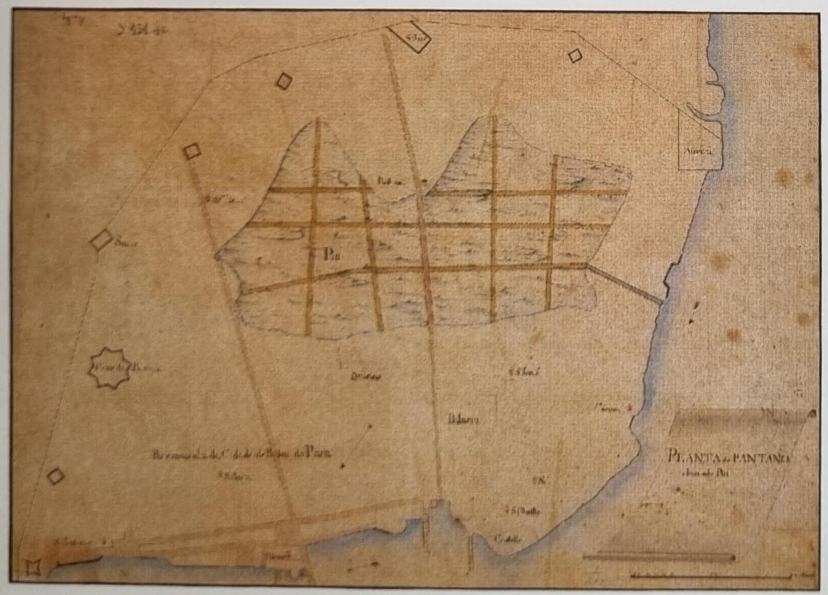
À esquerda, planta da Cidade de Belém, Capital do Estado do Grão-Pará e do que se tem projetado para fortificar a sua Marinha, por ordem do Ilmº Sr. Manoel Bernardo de Mello e Castro, Gov. e Cap. General do mesmo Estado (1759 - 1763). Acervo do Arquivo Histórico do Exército, R.J.

Abaixo, à direita, planta da "Praça da Cidade de Belém do Pará". É o desenho mais antigo da cidade, datado de 1751. Mostra com detalhe a Praça da Sé, com suas principais construções. Não é mencionado o autor. Mapoteca do Itamarati, R.J.

"Faço saber aos que esta minha Carta de Doação virem...que hei por bem e serviço de Sua Magestade, e pelos poderes que d'elle tenho, dar e doar, deste dia para todo o sempre, à dita Câmara desta cidade, uma legoa de terras ao redor desta cidade...da qual não pagarão pensão nem tributo algum, salvo o disimo a Deos Nosso Senhor, dos frutos que della houverem."

CARTA DE DOAÇÃO DA PRIMEIRA LÉGUA PATRIMONIAL ESCRITA POR MATHIAS PAES DE ALBUQUERQUE EM 1627





Nesta página, no alto, planta antiga da Cidade de Belém, s/data e autor. Provavelmente 1760/1770. Viagem Filosófica, Biblioteca Nacional.

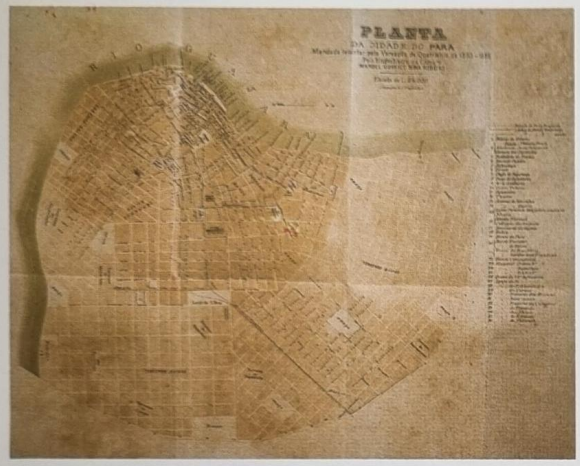
À esquerda, planta do "Pântano chamado Piri", do Cap. e Engº João Rafael Nogueira. Não tem data, mas deve ser do final do século XVIII. Do Arquivo Histórico do Exército, R.J.

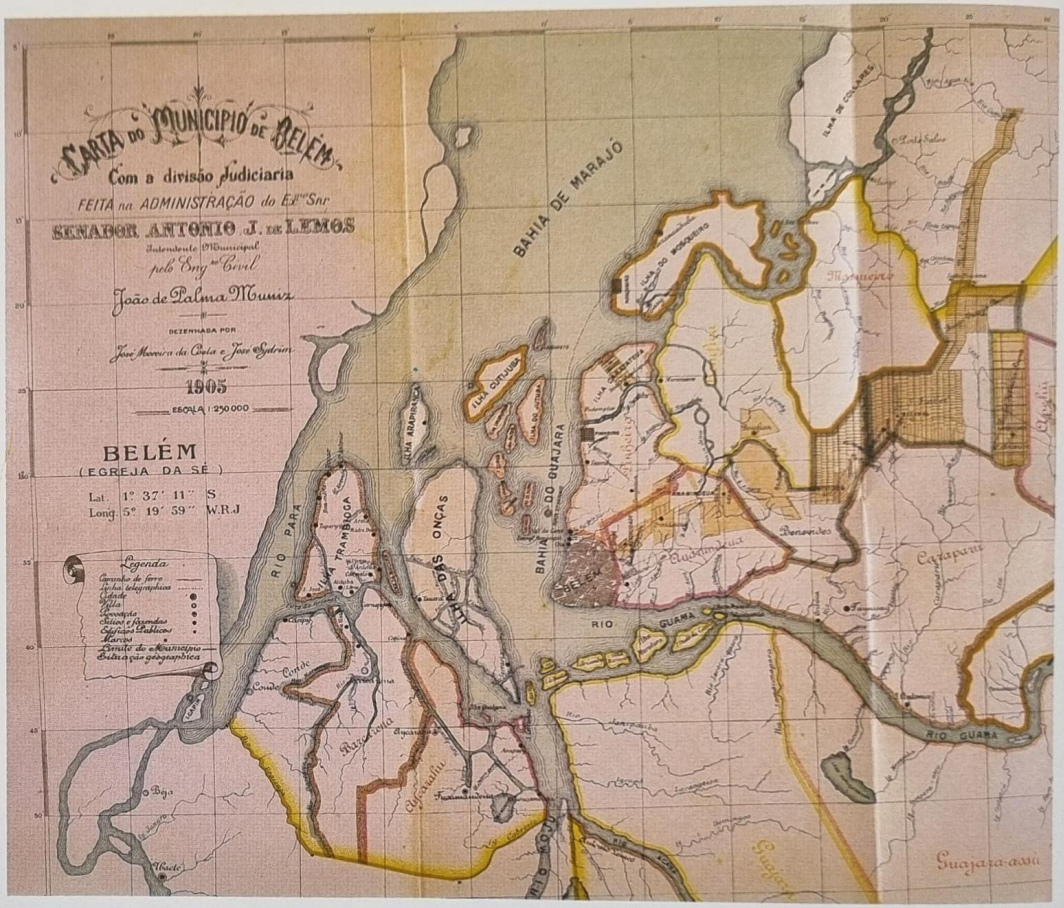
Ao lado, carta topográfica da "Cidade do Pará - e seus contornos", feita pelo Engenheiro Hugo Fournier em 1823, baseada em levantamentos anteriores do princípio do século. Arquivo Histórico do Exército, R.J.

Planta geral da "Cidade do Pará em 1791", levantada pelo Tenente-Coronel d´Artilharia, Engenheiro Theodofio Constantino de Chermont. É a mais completa planta de Belém e com legenda detalhada. Selecionamos uma reprodução do acervo do IHGB, pela sua beleza e conservação. O Arquivo Histórico do Exército possui cópia mais antiga.

"Só em 1804 é que as ruas da cidade de Belém começaram a ser denominadas com inscrições nas esquinas, e as casas numeradas, por determinação do Governador, Conde dos Arcos, ao Senado da Câmara."

BARATA, M. - *APONTAMENTOS PARA AS EFEMÉRIDES PARAENSES* - 1921





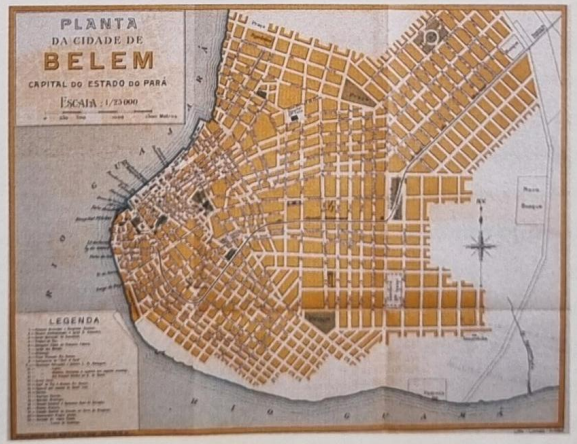
"O governador Conde dos Arcos, em 1804, determina ao Senado da Câmara que faça perecer o damnoso costume de arrojar ao rio as immundicias da Capital, os entulhos e outros objetos de igual natureza, que progressivamente podem damnificar o fundo da vistosa bahia sobre cuja beira se eleva a Cidade de Belém."

BAENA - COMPÊNDIO DAS ERAS - 1829

Na página ao lado, acima à esquerda, planta da Cidade do Pará, 1883, levantada pelo Engº Manoel Odorico Nina Ribeiro, Coleção de Vitorino Chermont, R.J.

Abaixo, à esquerda, planta da Cidade de Belém com a primeira légua patrimonial demarcada, desenhada por José Sydrim em 1901. IHGB, R.J.

À direita, carta do município de Belém, 1905, do Engº João de Palma Muniz, reproduzida do Relatório da Administração do Intendente Lemos, IHGB, R.J.



Nesta página, ao alto, Plano do Pará, 1800. Autor não identificado. Reproduzido do livro "A Engenharia Militar Portuguesa na Construção do Brasil."
Coleção de Vitorino Chermont, R.J.

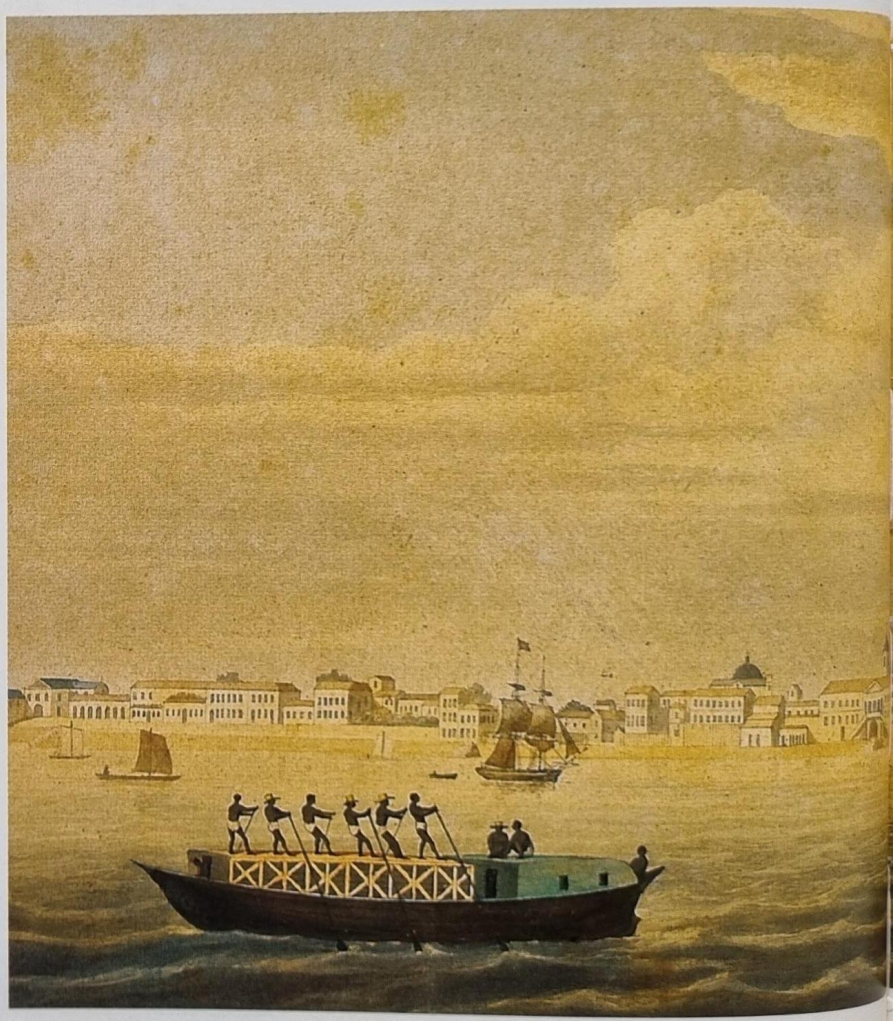
Ao lado, planta da Cidade de Belém em 1919, Theodoro Braga.
Note-se a estrada de ferro Belém-Bragança.
Coleção de Vitorino Chermont, R.J.

AS MARCAS

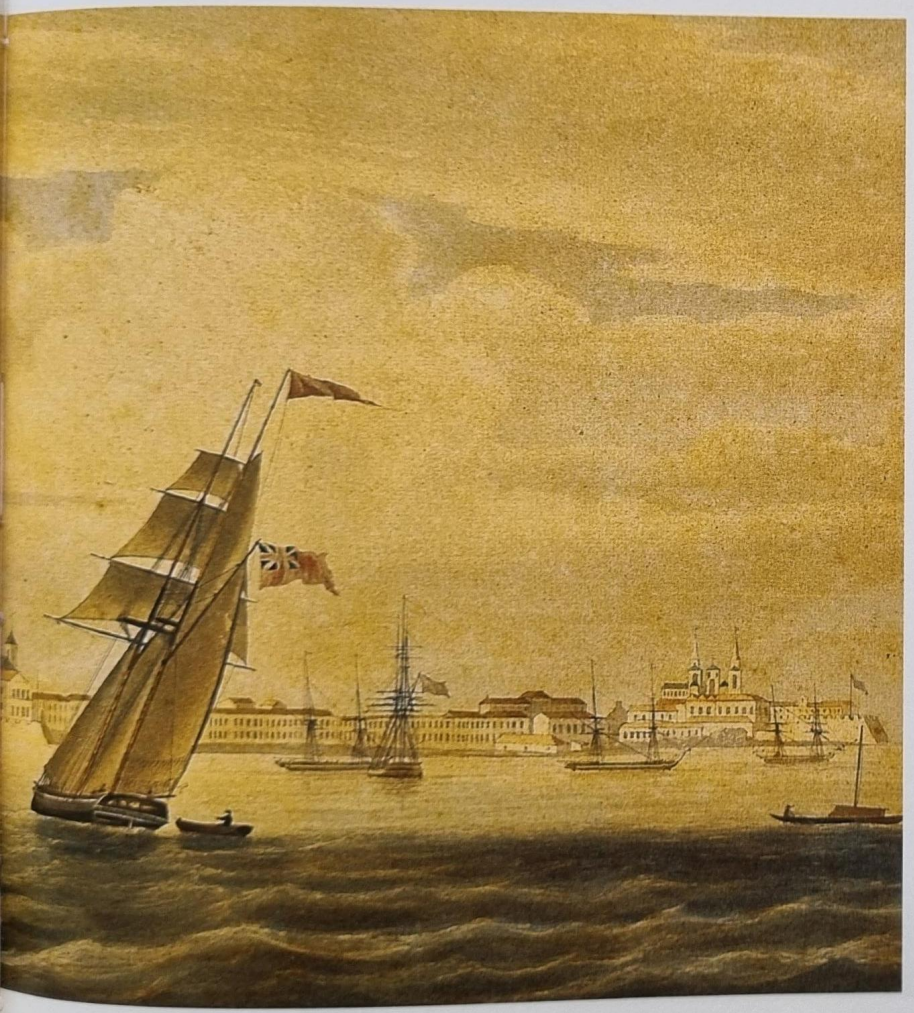
Estes templos seculares foram erguidos sobre alicerces de capelas primitivas dos primórdios do vilarejo. Estas torres serviram-se de sangue e suor escravos. Sentinelas do passado, viram sair procissões e rasoras, foram postos de vigia em sedições e combates. Estes sinos, mensageiros sonoros de uma era, dobraram festivos na posse dos coroados e angustiosos em pompas fúnebres de fidalgos e senhores. Acordaram moradores à chegada de Capitães-mores e Governadores. Alertaram tropas contra ataques traiçoeiros de naturais revoltados ou milícias estrangeiras. Chamaram o povo para cultos e remissão de pecados. Que pecados, em terra tão isolada, mas tão rica, e imensa e fértil, era o que mais havia, já que a ambição fazia parte de quem estava ou de quem vinha, de quem mandava ou obedecia, de quem rezava ou maldizia.

O assoalho destes templos guarda ossos de prelados, restos mortais de benfeitores, de provectos provedores de irmandades e confrarias. Estas naves e altares presenciaram crimes e excomunhões, e nos confessionários as penitências multiplicaram-se diante do perjúrio, do adultério, do concubinato, da devassidão, do roubo, do arbítrio e da conscupiscência. Mãos indígenas ajudaram a talhar o cedro destes púlpitos e deles ecoaram sermões, ameaçadores ou laudatórios.

Em noites de lua cheia, quando é suave a aragem e o negrume veste a cidade, o fantasma de Antônio Landi passeia por becos e vielas, revendo as marcas do seu gênio e as de-



DO PASSADO



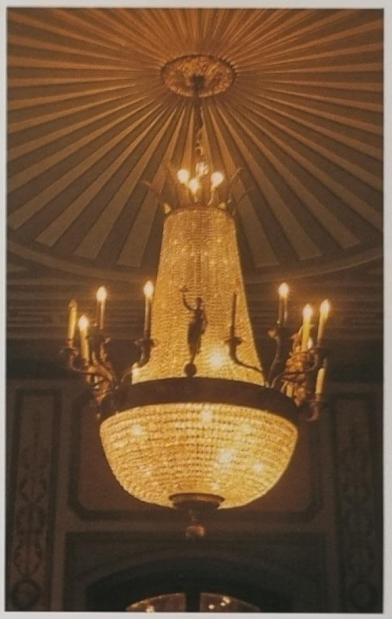
formações que inúmeras reformas causaram em seus projetos. Diz-se que, neste cais, madrugada alta, ouvem-se os gemidos dos encarcerados no porão do brigue "Palhaço" por ordem do capitão Grenfell. Por esta travessa, noite escura, esgueirou-se o Presidente da Província, Souza Lobo, para encontros libidinosos com Maria Amália, cortesã devassa e, dizia-se, espiã de Cabanos. Nos flancos desta Igreja das Mercês, Antônio Vinagre caiu varado por uma bala. Nesta praça correu o sangue dos comandados de Eduardo Angelim nos combates da Cabanagem.

Por aqui passaram Confrarias da Caridade, alcofas na mão, recolhendo óbulos para atender enfermos e desamparados. Ali abriram-se valas para enterrar os mortos de epidemias avassaladoras. Estes sobrados austeros viram passar Felipe Patroni, a caminho da Imprensa Liberal para editar "O Paraense", carregando nos ombros curvados o peso da sua intransigência na luta pela independência. Velhos casarões de Belém! Quantos deles abrigaram inconfidências e conspirações? Estas paredes azulejadas ouviram discursos libertários do Cônego Batista Campos, de Silvestre Antunes Pereira...

Marcas do Passado...Em poucas cidades se há de ver, neste País, acervo histórico mais rico, mais diversificado e mais imponente, à espera das mãos generosas da preservação, do restauro e da conservação. Memória viva que agoniz*a*.

Diziam os velhos moradores de Belém; "antigamente todos os dias sem falta pelas duas horas da tarde era certa a trovoada, a qual passava logo, deixando a atmosfera limpa e fresca; de sorte que era estilo corrente entre os negociantes avisarem-se mutuamente, que em passado a trovoada se encontrariam nesse ou naquele lugar. A diferença que observam é que, já hoje não tem hora certa, porque chove ao meio dia, de tarde, a noite, etc..."

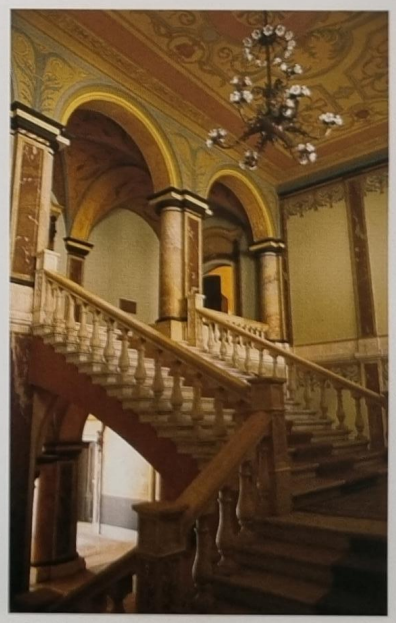
ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA - *MISCELÂNEA HISTÓRICA*, 1786

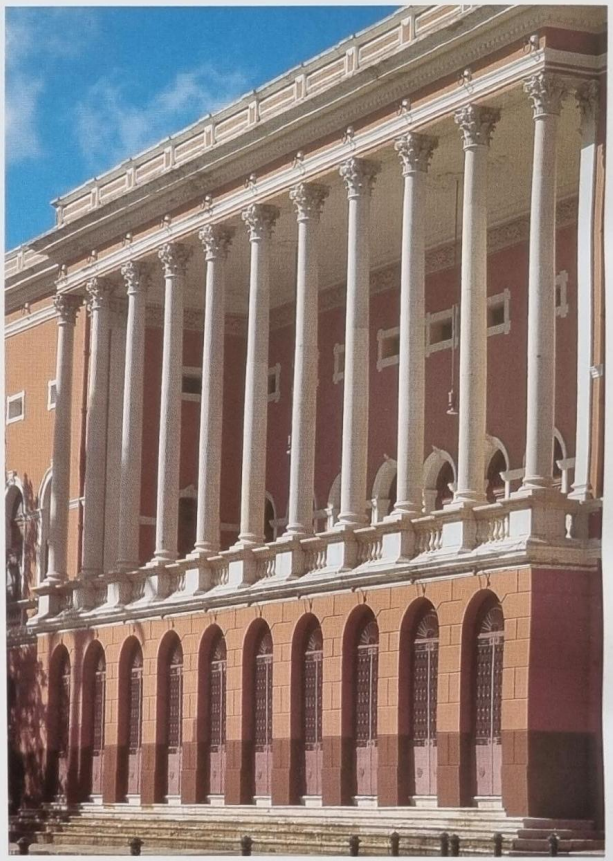


Na página ao lado, o entardecer
na Baía de Guajará.
No primeiro plano, o Solar da Beira
e o Mercado Ver-o-Peso.

Acima, Palácio Lauro Sodré, sede do
Governo Estadual, concluído em 1771,
projeto do Arquiteto Antonio José
Landi é a maior expressão da
magnificência de Belém na
Era Pombalina. Era um dos maiores
e mais belos palácios do Brasil na
época, apesar de Belém ter então,
menos de 10.000 habitantes.

Acima, à direita e ao lado, detalhes
do rico interior do Palácio,
hoje totalmente restaurado e sede
do Museu do Estado do Pará.





Na página ao lado, acima à esquerda, vista do Teatro da Paz. Inaugurado em 1878, é a mais importante construção de Belém remanescente do "Ciclo da Borracha".

Acima à direita, detalhe das colunas gregas, revestidas de mármore rosa, da fachada lateral.

Abaixo à esquerda, interior do Teatro, mostrando sua platéia, frisas, camarotes e "paraíso". São ao todo 1.100 lugares numa atmosfera de esplendor europeu.

Abaixo à direita, Foyer do público do Teatro, amplo e deslumbrante. Usado também para pequenos concertos ou recitais. No passado foi local das festas e bailes tradicionais da sociedade belenense.

"Em 1783, por provisão de sua Majestade, foram criados os cursos de Filosofia Racional e de Rethórica, sendo indicados dois professores para ministrarem a instrução. Estas matérias, adicionadas à já existente Escola de Grammática Latina, compunham o cabedal de ensino em Belém no final do século XIX."

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA - ***MISCELÂNEA HISTÓRICA PARA SERVIR DE EXPLICAÇÃO AO PROSPECTO DA CIDADE DO PARÁ*** **- 1784**

"Estas balaustradas, estes gradis, estas escadarias, estes lustres, estas luminárias, estes minaretes, foram todos forjados em oficinas inglesas, francesas, austríacas e belgas. De lá vieram também estes cristais, estes espelhos bisotados, estes arabescos requintados, num tempo em que o Teatro da Paz abria suas portas para a magia das óperas, dos concertos de gala e das grandes companhias teatrais."

Abaixo, Estatueta de bronze. Peça do Museu do Estado.

Ao lado, detalhes arquitetônicos de janelas e gradis e os azulejos do Reduto e da Cidade Velha.

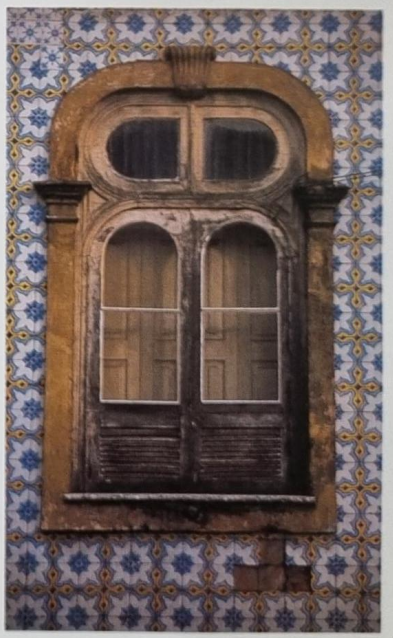
"Estas sacadas enfeitaram-se de damascos, de brocados, de cetim grisperle, de toalhas com barrados de renda valenciana no cortejo da visita imperial, em procissões de padroeiros, em trasladações do Santíssimo protegido por baldaquins de veludo. Nestes salões serviram-se lautos banquetes regionais na Festa do Círio, derramou-se vinho em toalhas de linho nos saraus e tertúlias dos tempos da borracha."

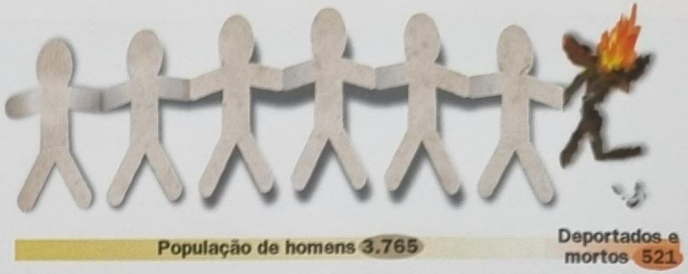
Ao lado, vista da Praça da Mercês, a igreja, o convento e o porto ao fundo. A primeira Igreja foi construída em 1640 e reconstruída (Landi) em 1784. O convento em 1796 foi transformado em alfândega.

Abaixo à esquerda, prédio da Fundação Educacional do Pará. Padrão de construção de prédios públicos do início do século.

À direita, o Palácio Antônio Lemos, sede da Prefeitura Municipal, inaugurado em 1883. O "Palacete Azul", como chamam os belenenses, seguiu o estilo dos palácios na época do Império Brasileiro.

Na extrema direita, janela típica do início do século.





Acima, o gráfico representa o ano de 1823, um dos mais trágicos para Belém em conseqüência das lutas pela independência e seus desdobramentos. Em julho 265 homens foram presos e deportados para Portugal e em agosto 256 morreram massacrados nos porões do brigue "Palhaço". Somente nesses eventos Belém perdeu 14% de sua população de homens livres.

À esquerda, Casarão da Cidade Velha,
Fábrica do Guaraná Soberano.

Na página ao lado, Doca Ver-o-Peso, Barcos e Casario.

"De Fr. João do São José e Queiroz, 4º Bispo do Grão-Pará e Rio Negro, comentando fogosamente a vida paraense em meados do Século XVIII com os versos:

Vida no Pará
Vida de descanso
Comer de arremeço
Dormir de balanço"

AUGUSTO MEIRA FILHO
***EVOLUÇÃO HISTÓRICA DE BELÉM DO PARÁ* - 1763**

Estes avarandados presenciaram conversas de fim de tarde, depois que as chuvas lavavam as ruas e orvalhavam as folhas das mangueiras, e tudo parecia novo como se acabasse de nascer. Estas Rocinhas abrigaram viajantes ilustres, deslumbrados com a natureza tropical. Neste solar o Barão de Guajará debruçou-se sobre documentos e alfarrábios, decifrou escritas, comparou relatos e registrou a história dos motins políticos de sua terra.

ENGENHOS E

Incrustada na selva, banhada de rios, longe da Corte, tudo na cidade é um espanto e um susto. Aqui, dizia Vieira em carta dirigida ao Rei, "V.M. é nomeado mas não é obedecido". Tudo se improvisa, para o bem e para o mal. Sobreviver é a lei da selva e, para tanto, sobram engenhos e artimanhas, a imaginação excede todos os limites, o absurdo é a rotina, o inconcebível é o cotidiano. Na linha do Equador tudo é possível.

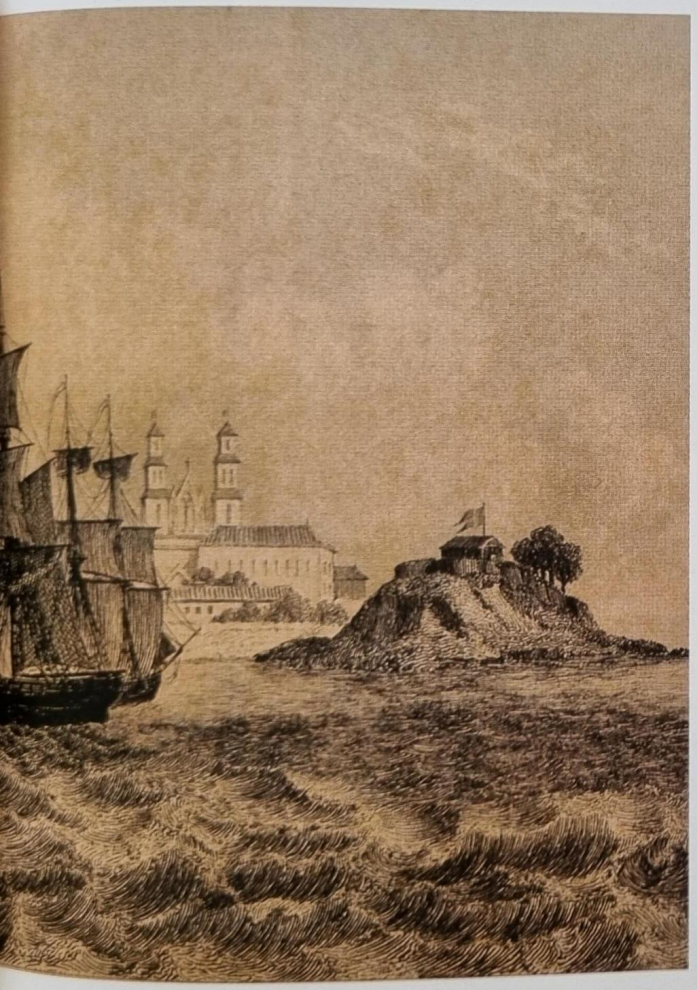
Em apenas 32 meses o fundador de Belém, Francisco Caldeira de Castelo Branco, sufocado por deveres, acoimado pela tropa, às voltas com o permanente assédio de índios revoltados, obrigado a expulsar estrangeiros que insistiam em se estabelecer no Pará, ainda consegue amealhar fortuna, "possuir as melhores casas que havia na terra, engenhos de açúcar, roças de mandioca, olaria e mais de trezentos escravos..." Engenho e artimanhas governamentais...

Thomas Broun chega a Lisboa vindo do Pará e traz consigo "hum remedio efficaz para o achaque da pedra, o qual a dissolve, ou esteja nos rins ou na bexiga, applicando-o por tres vezes: o preço de cada cura he de meya moeda de ouro". Para garantir-se, avisa que "tem licença do fisico mor do tal remedio". Pajelança portuguesa...

Até que se implante a moeda corrente, em 1749, o escambo é o que prevalece. O rolo de algodão é dinheiro vivo, mas não falta quem faça de pedras, de pedaços de ferro e de trapos usados o seu recheio. Fraudes monetárias...

A Fazenda Real decide marcar as suas reses com a letra R, ou com a letra E, ambas privativas do Rei. Antônio Fernandes Carvalho, "hum dos creadores mais ricos e abundantes, assim em negócios e dinheiros,

ARTIMANHAS

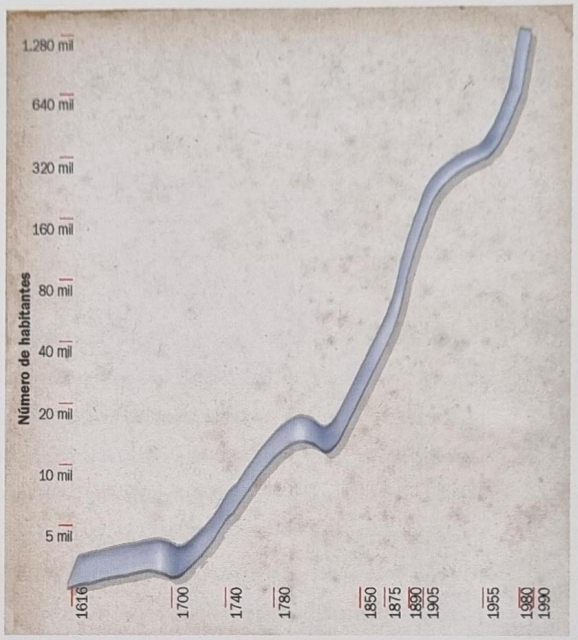


como em fazendas e gados", muda a marca das reses de sua propriedade para CR ou CE. Assim, o engenhoso vaqueiro, "com hum C, tão somente, que faça acrescentar depois, nas sucessivas vaquejadas, a quaesquer das outras reses, já assignaladas com as referidas marcas do Rei, R ou E, em pouco tempo pode reduzir todas a ficarem pertencendo na apparencia às suas ditas fazendas, sem que por meio algum, nem ainda judicial, se lhe possa impugnar ou reivindicar o domínio". Enriquecimento ilícito, a ferro e fogo...

Espantosa é a relação dos bens seqüestrados pela Junta da Fazenda Real aos frades Mercedários em 1794: "375 escravos, oito fazendas na ilha de Marajó, a fazenda Arapijó, a fazenda Val de Caens, 30.000 bois,40.000 vacas, 8.000 cavalos, casa de residência, casa de olaria em que se fabricavam telhas, tijolos, fôrmas para açúcar, botijas para aguardente e outra louça comum, um forno para coser cal, um engenho de descascar arroz movido por água, casa de rancho dos escravos, 1.836 pés de café frutíferos, além de uma ferraria e seus pertences". Abastança abençoada...

O Coronel José Simões de Carvalho, a caminho de Belém, onde ia tomar posse como Governador e Capitão General do Grão-Pará, decide almoçar na Vila Nova da Rainha e morre ali mesmo de uma "indigestão de ovos de tartaruga". Gula fatal...

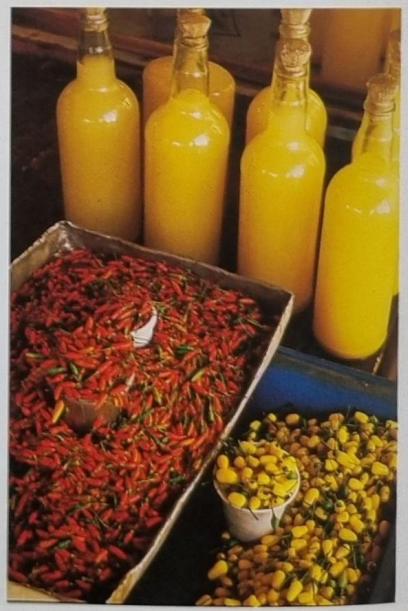
Na linha do Equador há mistérios insondáveis. O sol atiça incêndios neuronais e a imaginação, em espirais ascendentes, lança-se ao insólito e ao fantástico. Mas nada se faz como se fosse estranho. Aqui, tudo é possível.



Nesta página, à direita, o açaizal. Abaixo, as pimentas e o tucupi. Dois constantes e tradicionais ingredientes da cozinha paraense. Com o tucupi prepara-se variados pratos de carne e peixe, e também o famoso tacacá.

Na página ao lado, Mandingueira da feira do Ver-o-Peso, com suas artes e segredos, no preparo de suas poções. Mil sortilégios e feitiços, existem para todas as finalidades, naquele mundo do sobrenatural.

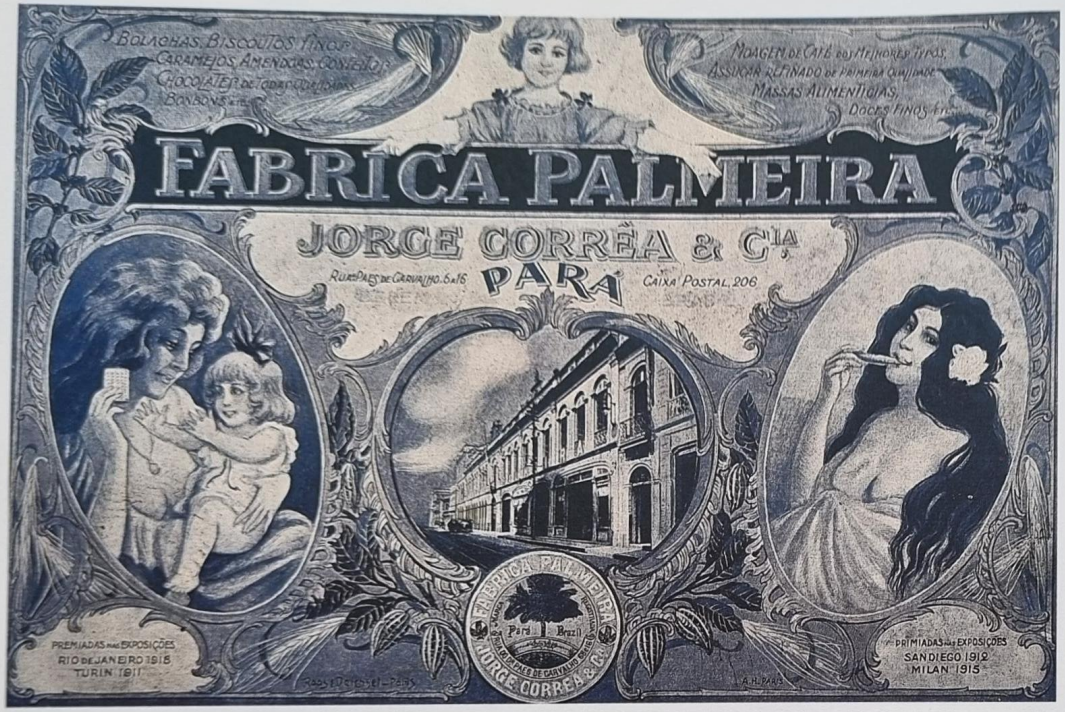
"O paraense João Francisco Madureira, que ao nome acrescentou o sobrenome Pará, consegue, sabe-se lá como e às custas de quais manobras, convencer D. Pedro I a investir em dois de seus inventos para melhorar a navegação, "os quais eraõ, hum para fazer navegar as embarcaçoens com todos os ventos em linha recta...outro para faze-las navegar sem vento e sem vapor nas calmarias".Durante cinco anos recebeu dos cofres públicos uma diária de 960 réis. Até fins de 1829, a Fazenda Real já tinha investido 230:328$028 na parafernália de Madureira Pará. Até hoje ninguém sabe do paradeiro do inventor e muito menos do invento. Negociata imperial..."

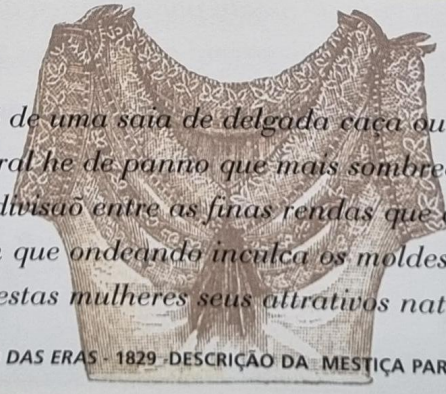


Belém, 1814.

"Fecha o círculo da vida o Brigadeiro Inspector de Milicias Joaquim Manoel Pereira Pinto de uma febre aguda; e segundo outros de veneno, que lhe propinaraõ em cuia de assahi por vingança dos cristeis de malagueta, das palmatoadas, e do carcere privado,com que vexava os Tapuyas."

BAENA – *COMPÊNDIO DAS ERAS* - 1829





"As ditas mulheres usaõ de uma saia de delgada caça ou de seda nos dias de maior luxo, e de uma camisa cujo toral he de panno que mais sombrea do que cobre os dous semiglobos que no seio balançado se divisaõ entre as finas rendas que contorneaõ a gola. Estas roupas saõ quasi uma clara nuvem que ondeando inculca os moldes do corpo .Neste guapo alinho, e descalças, realçaõ estas mulheres seus attrativos naturais e conquistaõ vontades."

BAENA - *COMPÊNDIO DAS ERAS* - 1829 -DESCRIÇÃO DA MESTIÇA PARAENSE DO INÍCIO DO SÉCULO XIX.

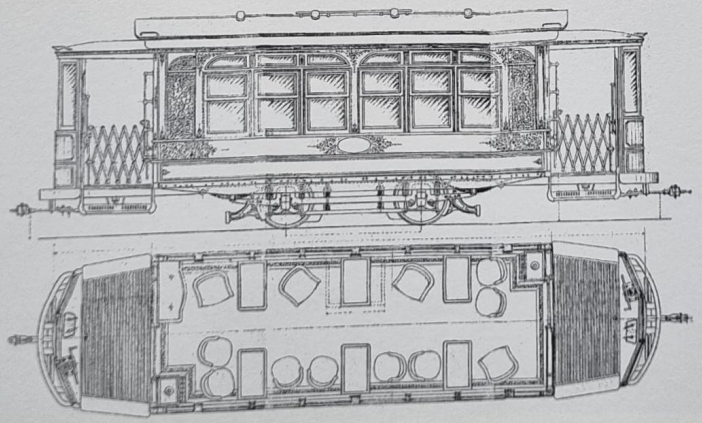
Contrastes de Belém.
Na página ao lado, anúncios publicados no livro de ouro da Exposição da Independência, 1823, Trata-se de fábrica de biscoito e produtos alimentícios Palmeira, e de fábrica de chapéus de palha Pinheiro - IHGB-R.J.

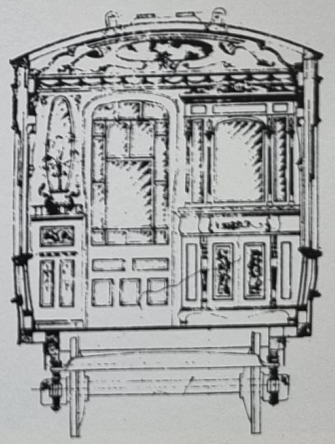
Nesta página, as tabuletas da feira do Ver-o-Peso, atuais.

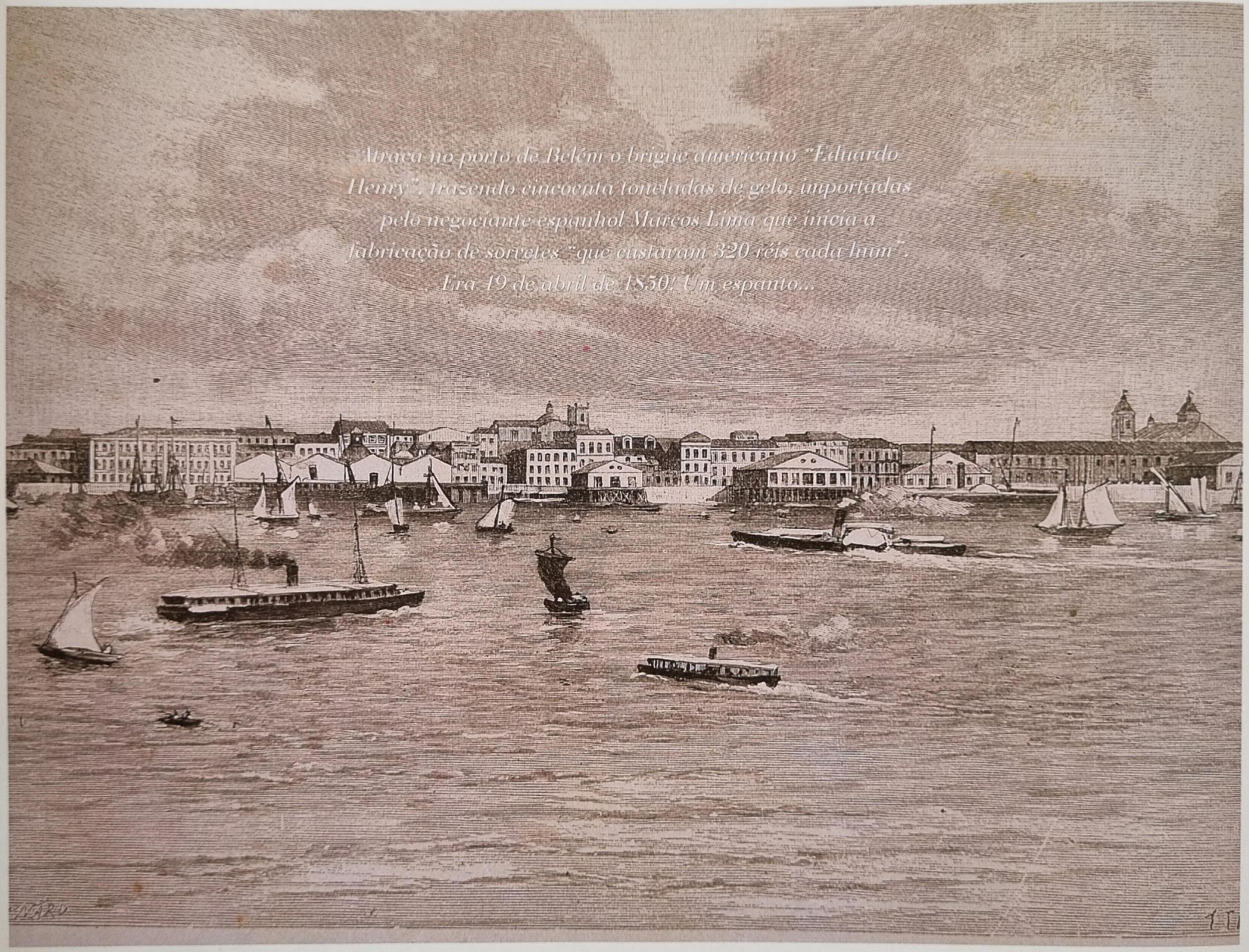
Abaixo, projeto do vagão de luxo para transporte urbano. O carro tem decoração sofisticada e foi utilizado por autoridades e convidados especiais. O serviço de bondes elétricos começou a operar em 1907 e foi extinto em 1947.
Desenho do Relatório Antônio Lemos, 1906.
Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

"A Câmara de Belém necessitando aumentar a arrecadação municipal no final do período colonial criou novos impostos, taxas e multas, entre esses: A multa de 20 reis por dobrea de sino que fosse dado além dos concedidos pela Constituição do Arcebispado da Bahia. Esta multa era cobrada pelos fiscais respectivos. Caso o sineiro não a satisfizesse imediatamente seria preso, e da Cadeia, teria que paga-la."

ERNESTO CRUZ - *HISTÓRIA DE BELÉM* - 1973







Atraca no porto de Belém o brigue americano "Eduardo Henry", trazendo cinco cento toneladas de gelo, importadas pelo negociante espanhol Marcos Lima que inicia a fabricação de sorvetes "que custaram 320 réis cada hum". Era 19 de abril de 1850! Um espanto...

As famosas frutas do Pará. Nesse colorido arranjo podemos ver: açaí, bacuri, biribá, castanha-do-Pará, cupuaçú, jambo, manga, pupunha, umari e uxi.

Abaixo, o 'violão que tocavam os pretos', desenho da Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. Nota-se que tinha sete cordas e um egenhoso sistema para esticá-las, com comprimentos diferentes,

"Carta regia de 23/03/1688 ao Governador do Maranhão e Gran Pará, que mandara a corte uma amostra do ferro ali descoberto, advertindo-o de que não convinha continuar a manufatura dele, porque, sendo provável que no sertão se encontrasse ainda em maior abundância, ao gentio, instruido pelos que fugissem da cidade, fácil seria fabrica-lo, o que era em grave dano do comércio do reino, por ser o ferro a melhor droga que dêle podia ir."

BARÃO DO RIO BRANCO - *EFEMÉRIDES BRASILEIRAS*

"Em maio de 1836 os cabanos tiveram que abandonar a cidade, premidos pelas forças do brigadeiro Soares Andrea. Antes de retirar-se Angelin, o presidente cabano de 22 anos, procurou o Bispo D. Romualdo de Souza Coelho – Vim trazer minhas despedidas a V. Reverendíssima. Trago 95:259 $ 356 reis, que pertencem ao Tesouro Provincial, que peço levar às mãos do brigadeiro Andrea. *E após embrenhou nas matas do Acará com sua tropa."*

ERNESTO CRUZ - *HISTÓRIA DE BELÉM*

PRODUZINDO

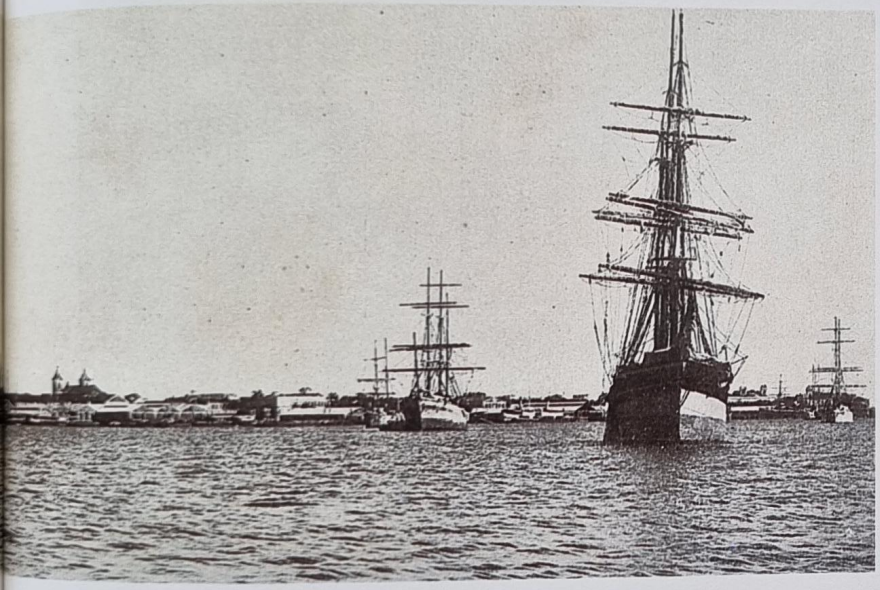
A riqueza é faca de muitos gumes, como a ambição que a ela leva. Os que primeiro chegaram às terras do Grão-Pará, sonhavam secretamente com o El Dourado, com a lagoa encantada onde mulheres guerreiras, com um seio decepado para o manejo do arco, usavam enfeitiçados berloques de ouro, de prata e jade, como dizia Orellana. Não sabiam que a terra, além do ouro, que certamente o havia, escondia nas entranhas outras riquezas que o tempo revelaria.

Naqueles dias, entretanto, não achando o El Dourado nem as mulheres da lenda, melhor confiar nos braços, principalmente em alheios, para colher o que a terra e os rios estavam dando de graça: cacau bravo, arroz vermelho, algodão e cana doce, pirarucu, peixe-boi, centenas de outras espécies que povoavam as águas. A riqueza primeira, portanto, foi a que é permanente em todo lugar do mundo, se guardar-se da colheita a indispensável semente, se a ambição não relegar o plantio, se a ganância não exaurir a terra.

Para isto não basta só a vontade: os braços são importantes, e como em toda conquista, o adubo da riqueza sempre foi a escravidão. Foram dois séculos de luta, desavenças, petições, argumentações falaciosas, pretextos nefandos e matanças injustificadas para assegurar a força de trabalho indígena contra todas as reticentes Ordens Régias e a bravura dos Jesuítas, embora nem sempre a Igreja estivesse isenta de culpa. E quando, já na metade do século XVIII, a era Pombalina trouxe um surto de progresso com o aumento da produção, isto só foi possível porque o negro chegou às carradas. Um braço escravo por outro; não se alterou o princípio nem mudou a ambição. Mas a cidade mudou: novas ruas, obras públicas, igrejas, sobrados imponentes, mansões, palácios, o gênio de Antônio Landi criando beleza eterna.

A riqueza é caprichosa: pode vir subitamente a esvair-se

A RIQUEZA



num átimo. Pode fulgir como o sol e esconder-se nas nuvens. Pode luzir como um raio e apagar-se nas trevas. Só a riqueza que a terra oferece, exigindo suor e braços, alimenta e permanece. A riqueza tem leis ingratas: ganham uns, outros se iludem com o lucro imediato, sem pensar que a natureza tem seus ciclos, tem seu tempo. Por si só também se cansa. Por si só também se esgota, se não há quem a renove, preserve e cuide. Assim foi com a borracha. Trouxe fortuna e progresso com as feridas que se abriram nos troncos das seringueiras. Mas quem se lembrou que elas, como qualquer dos seres vivos, com o sangue perdia a vida? Quem se lembrou que outros povos, em outras partes do mundo, também estavam atentos e muito mais cobiçosos? Quem se deu conta de que enquanto nos Cafés e Teatros rolavam dólares e libras esterlinas, pagando prazeres mundanos, no interior abandonava-se a lavoura e relegava-se ao esquecimento a pecuária? Quem se deu conta de que enquanto os abastados compravam sem medida produtos importados de todas as partes do mundo, e no Teatro El Dorado cançonetistas e bailarinas se exibiam para os ricaços da época, e nem sempre só artisticamente, os seringueiros eram alimentados com carnes salgadas ou conservadas em latas provenientes do estrangeiro?

A riqueza desmedida tem o seu lado perverso. Deslumbra, ilumina, mas deixa um rastro de seqüelas que, se por um lado se eternizam em pedra e mármore, em alabastros e granitos, por outro exige que o homem volte às origens e lentamente recomponha, com humildade e bravura, o princípio da sobrevivência e a garantia da abundância: a terra, regada com o suor e com o trabalho. Não foi sem dores, angústias e sofrimentos que o povo paraense retomou, neste século XX, a vocação de seus antepassados para construir o futuro e alcançar a prosperidade.

SA FUNDADA
1820

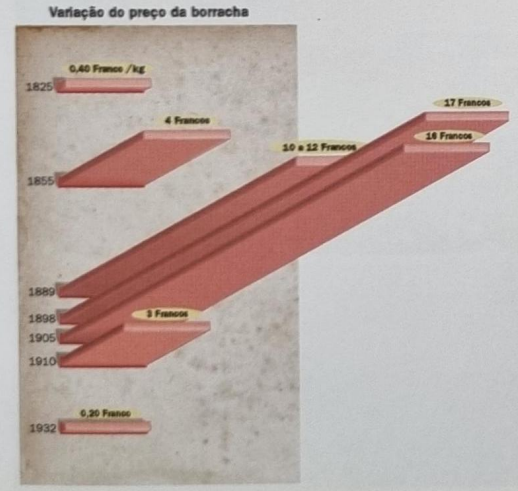
Na página ao lado, escadaria da loja Paris N'América, uma notável representação do "art noveau" de Belém. A casa foi construída em 1870 e é uma lembrança dos tempos áureos da borracha, local onde as damas supriam-se de seus elegantes vestuários. Recentemente encerrou suas atividades comerciais e se encontra fechada.

À esquerda, "Casa Carvalhaes", loja de víveres e bebidas finas. Álbum da Adm. Paes de Carvalho, 1898. IHGB.

Abaixo, à direita, loja de tecidos e chapéus "Leão da América". Álbum da Adm. Paes de Carvalho, 1898. IHGB-R.J.

"Lamento não poder dizer alguma coisa agradável em relação à agricultura do Pará, e lamento ainda mais ter de annunciar-vos que ella não só decahe rapidamente, mas está ameaçada de ruína."

RELATÓRIO APRESENTADO PELO DR. ABEL GRAÇA À ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO PARÁ EM 1871



"Aqui o braço do cultivador mais depressa cansa em colher os frutos do que em plantar a semente e cuidar do seu desenvolvimento."

RELATÓRIO APRESENTADO PELO DR. FRANCISCO BRUSQUE À ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO PARÁ - 1862

Na página ao lado, acima, à esquerda inauguração dos serviços de bondes em Belém, da Pará Eletric Railway em 15 de agosto de 1907. Álbum da Administração Antônio Lemos, 1907, IHGB-R.J.

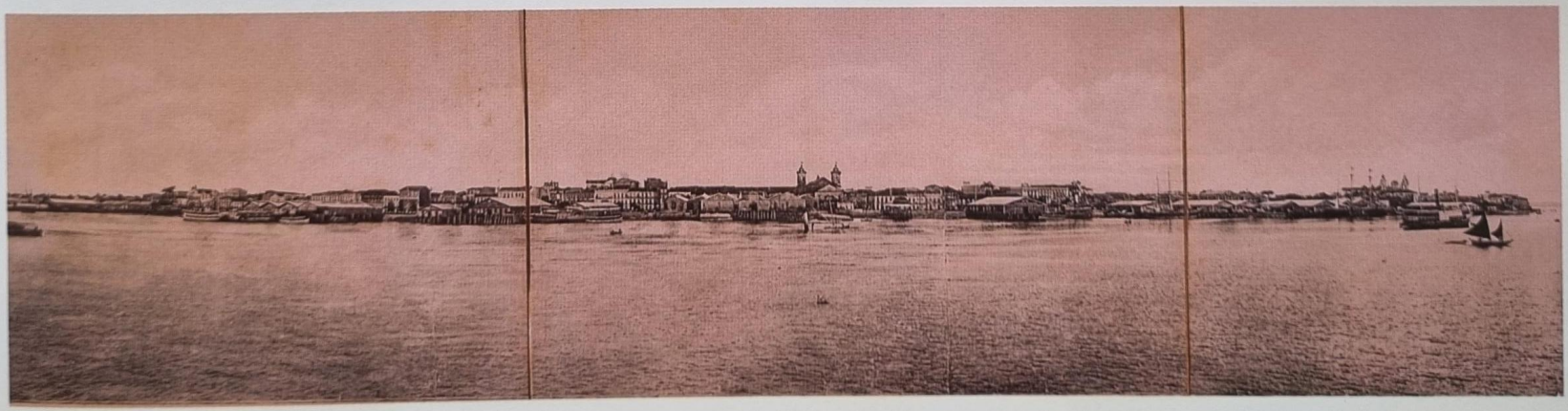
Abaixo, à esquerda, a composição da Estrada de Ferro Belém-Bragança, na Avenida Tito Franco, hoje Almirante Barroso. Essa ferrovia iniciou sua operação em 1885 sendo extinta em 1965. Álbum Fidanza, 1902 - Biblioteca Nacional R.J.

Acima, à direita, palecete do Major Carlos Bricio da Costa, Hoje SEPLAN. Reprodução de foto do relatório Antônio Lemos, 1906. IHGB.

Abaixo, à direita, o porto do Pará no início do século. A baía repleta de vapores dá uma idéia da movimentação do comércio de Belém. Álbum Adm. Montenegro, 1908. IHGB, R.J.

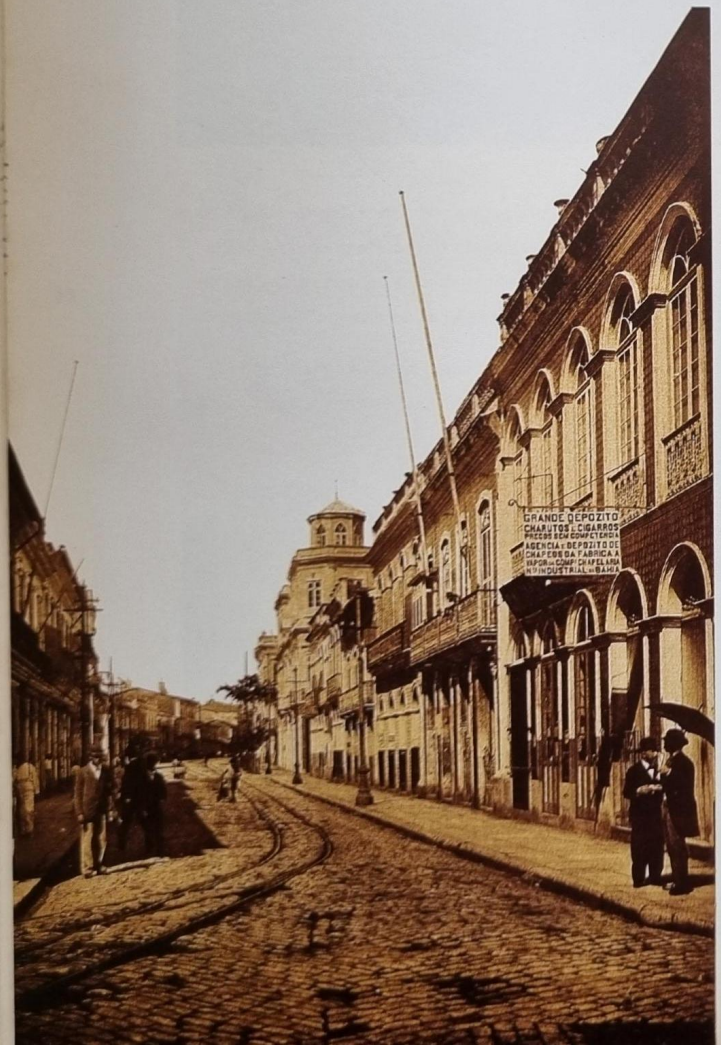
Nesta página, no alto, à direita, bilhete de passagem do transporte urbano de Belém (a figura impressa é de uma carruagem de luxo). Da coleçao de Vitorino Chermont, R.J.

Ao lado, Chalet - Kiosque. Álbum da Administração Antônio Lemos, 1907 - IHGB.



"Nos últimos navios que chegaraõ do Maranhão veio algum caffé, que se descobriu no Certão daquele Estado, ainda de melhor qualidade que o do Levante; e se assegura que no sitio em que este se colheo havia carga para vinte navios."

GAZETA DE LISBOA OCCIDENTAL, EM 25/01/1731

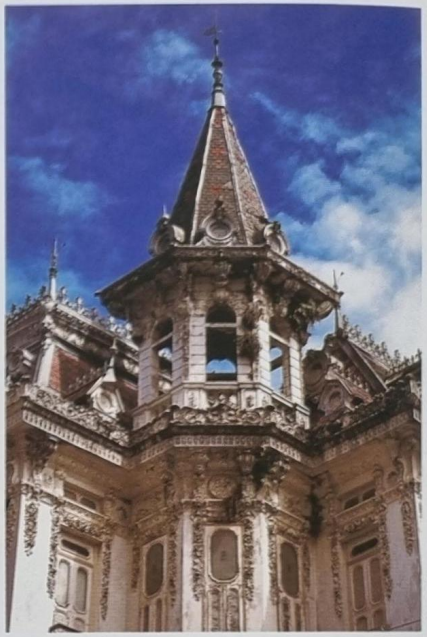


Ao lado, rua de Belém no início do século. Gente elegante transitando por calçadas limpas e bem cuidadas. Álbum de visitas do Pará de George Huebner, 1929. IHGB, R.J.

À direita, acima, torreão do Palacete Bolonha.

Logo abaixo, Apólice da Companhia Port of Pará, empresa inglesa que construiu e administrou o porto a partir do século passado. Coleção Vitorino Chermont, R.J.

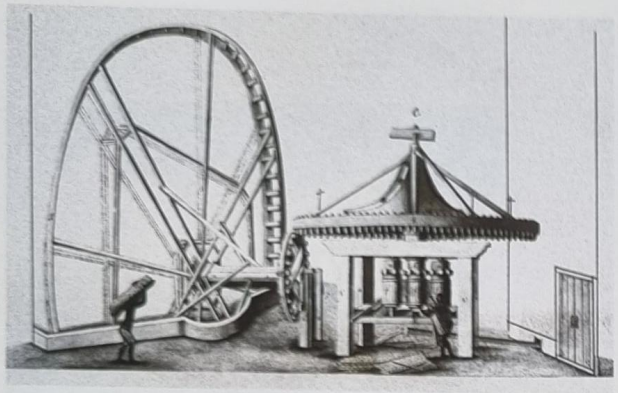
Abaixo, coreto da Praça Batista Campos. Detalhe da cobertura metálica e adornos.



Acima, à direita, atividade na doca do Ver-o-Peso. Álbum de vistas do Pará - George Huebner, 1929. Foto de Fidanza, IHGB-R.J.

Abaixo, à direita, foto da doca do Reduto, os barcos e o povo. Foto Fidanza. Álbum de vistas do Pará - George Huebner, 1929, IHGB-R.J.

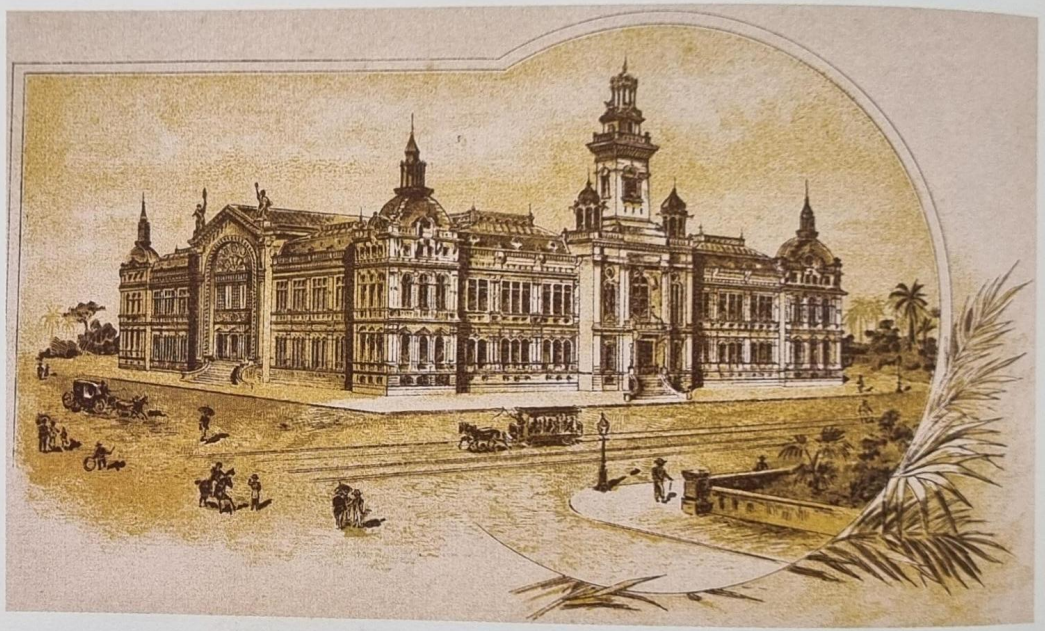
Abaixo, à esquerda, Mercado das Carnes, estrutura de ferro dos pórticos. Projeto do arquiteto Bolonha.



À esquerda, acima, engenho de cana movido por roda hidráulica, desenho de Freire. Viagem Filosófica - 1784.

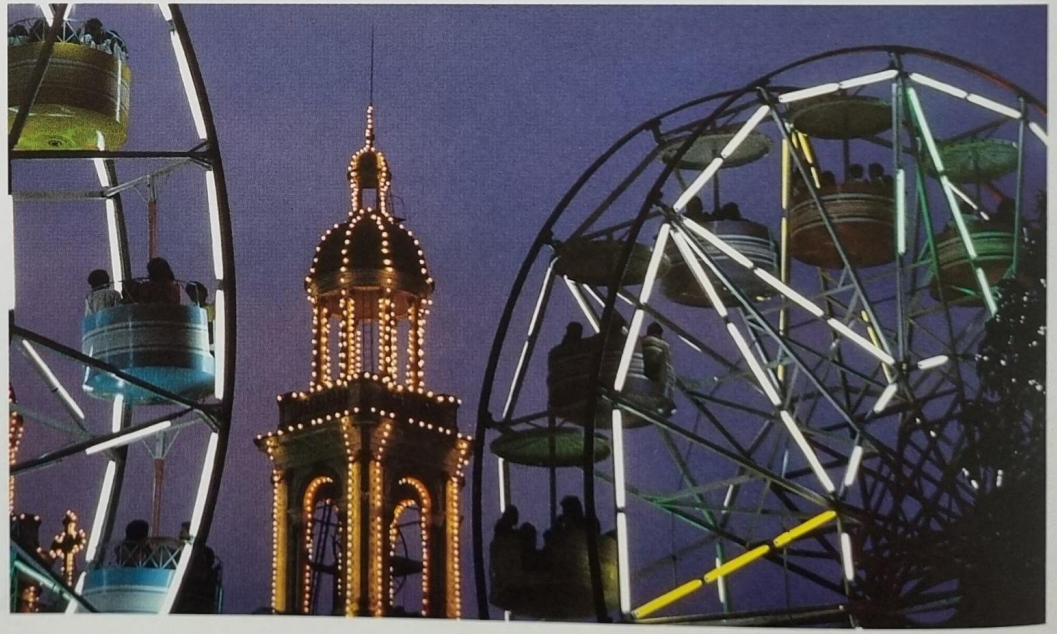
Logo abaixo, Palacete Facíola, magnífico sobradão azulejado na Avenida Nazareth.

Abaixo, desenho do prédio da Bolsa de Belém, não chegou a ser construído. Do Álbum da Exposição de Chicago, 1892. IHGB-R.J.



"E deixando de lado os sonhos do El Dourado, suas atividades passaram então a ser inteiramente dedicadas à colheita das "drogas do sertão", representadas nos produtos regionais como a salsaparrilha, o sassafrás, o cacau, a canafístula, a pita, o urucu, a canela, o algodão, o carajuru, o cravo fino e grosso, a baunilha, a quina, o puxuri, a casca preciosa, as sementes oleaginosas, as madeiras."

MEIRA FILHO,A. - *EVOLUÇÃO HISTÓRICA DE BELÉM DO GRÃO-PARÁ* - 1976



A festa do Círio de Nazaré.
Acima, fachada de casario enfeitada para festa.
No alto, à direita, a corda.
Ao lado, o arraial iluminado durante a festa.

Na página ao lado, à esquerda, o Banquete
dos Intendentes, 1903 - Álbum da Adm.
Montenegro, IHGB-R.J.
Acima, à direita, casario típico de beira de rio.
Logo abaixo, a doca do Ver-o-Peso ao entardecer
e o Mercado Bolonha.

"Como divertimento só os banhos de rio,
apesar do perigo do candirú."

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA
***MISCELÂNIA HISTÓRICA* - 1786**

"O largo cobriu-se de barracas de palha, onde
o comerciante da cidade encontrou o excelente cacau,
a perfumada baunilha, o guaraná refrigerante,
o magnífico arroz, o anil e o urucu, manipulados
no Estado, os belos utensílios de cerâmica indígena,
o forte tabaco, as primorosas
redes de fio e de maqueira, o pirarucu salgado,
o peixe-boi em mixira, etc."

VIANA, A. - DESCRIÇÃO DA FEIRA DE NAZARÉ EM 1793,
IN *FESTAS POPULARES DO PARÁ*

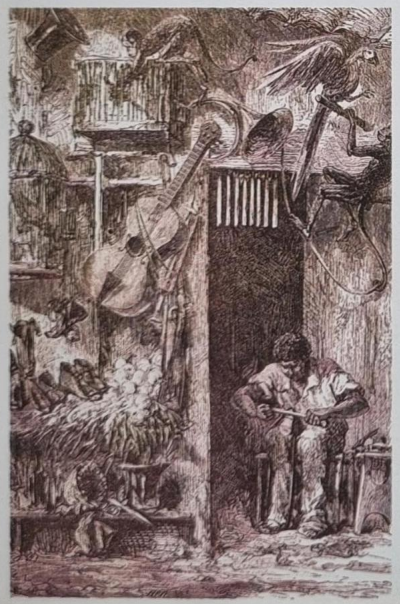
"Do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira sobre o Guariba (grande macaco da Amazônia):

USOS:

MÉDICO - *Os empíricos receitam sua carne por via de dieta aos que padecem de queixas venéreas... das rótulas do joelho fazem pulseiras que, trazidas no braço esquerdo curam toda qualidade de hemorróidas.*

ECONÔMICO - *... além dos diversos usos das peles, ... de seus intestinos fazem-se cordas de viola."*

***VIAGEM FILOSÓFICA* - 1786**

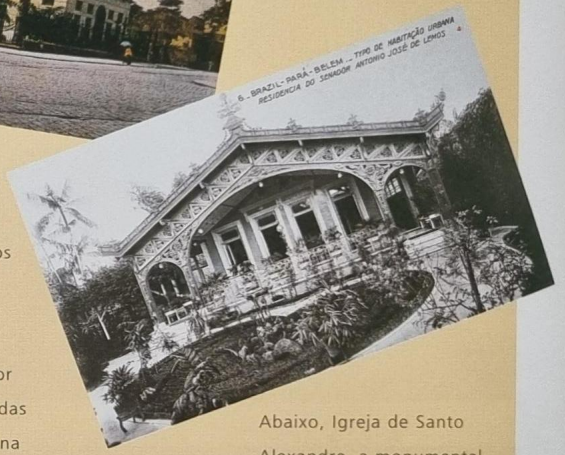


Ao lado, uma loja em Belém - 1862. Reprodução do livro Mapa - Itamarati, R.J.

Na página ao lado, a lanterna que sinaliza a venda de açaí à noite.

No topo da página, a Feira do Açaí.

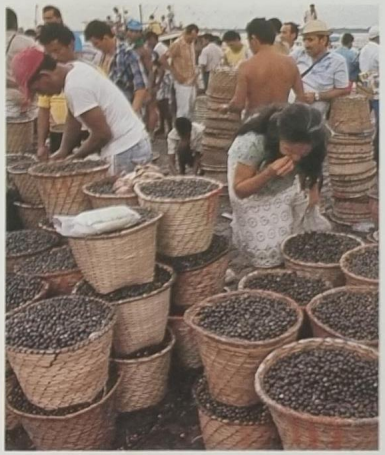
Três cartões postais da coleção de Vitorino Chermont, R.J.



Acima, o prédio do Jornal "Província do Pará" incendiado em 28 de setembro de 1912 pela multidão comandada pelos adversários políticos de Antônio Lemos.

Ao lado, residência do Senador Lemos, bela mansão no estilo das "rocinhas", atacada pelo povo na mesma data.

Abaixo, Igreja de Santo Alexandre, a monumental obra dos jesuítas em Belém. A primeira construção data de 1653, o templo atual foi edificado de 1700 a 1718.



"Por muito quietas que estejam as ruas do Pará, embora muitas vêzes possa parecer reinar silêncio de morte durante o calor sufocante do meio-dia, ouve-se sempre, a cada momento, o pregão penetrante percorrendo toda a modulação da escala: Açaí-í, Açaí-í-sí!"

LALLEMENT, R.A.
***NO RIO AMAZONAS* - 1859**

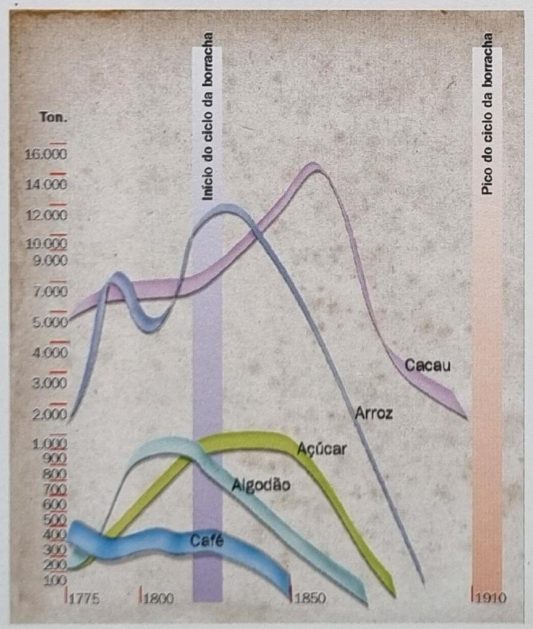
"Já me dão nove mil cruzados sobre a avaluação do Engenho de Borajuba; afronta faço que mais não acho: se mais achara, mais tomara. Dou-lhe uma, e duas e outra mais pequenina. Há quem mais lance? Se não, arremato."

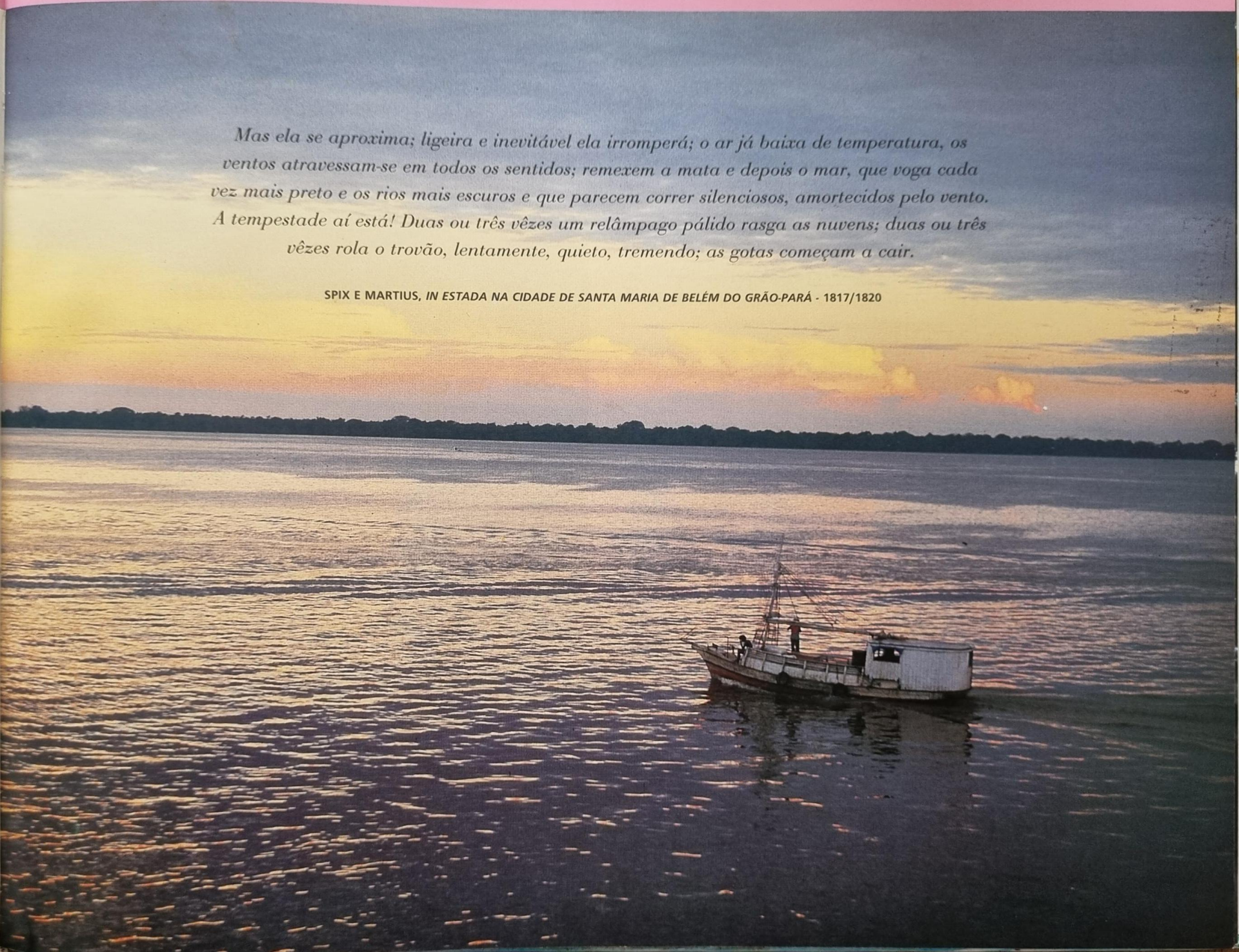
PREGÃO DE LEILOEIRO EM 1761, IN BARATA, M.
***APONTAMENTOS PARA AS EFEMÉRIDES PARAENSES* - 1921**

Nesta página, ao lado, o gráfico evidencia a queda da produção agrícola em detrimento da alta da borracha.

Ao alto, prato típico de tacacá e seus ingredientes. Logo abaixo um prato de maniçoba.

Na página ao lado, o barco navega solitário no rio.





Mas ela se aproxima; ligeira e inevitável ela irromperá; o ar já baixa de temperatura, os ventos atravessam-se em todos os sentidos; remexem a mata e depois o mar, que voga cada vez mais preto e os rios mais escuros e que parecem correr silenciosos, amortecidos pelo vento. A tempestade aí está! Duas ou três vêzes um relâmpago pálido rasga as nuvens; duas ou três vêzes rola o trovão, lentamente, quieto, tremendo; as gotas começam a cair.

SPIX E MARTIUS, *IN ESTADA NA CIDADE DE SANTA MARIA DE BELÉM DO GRÃO-PARÁ* - 1817/1820

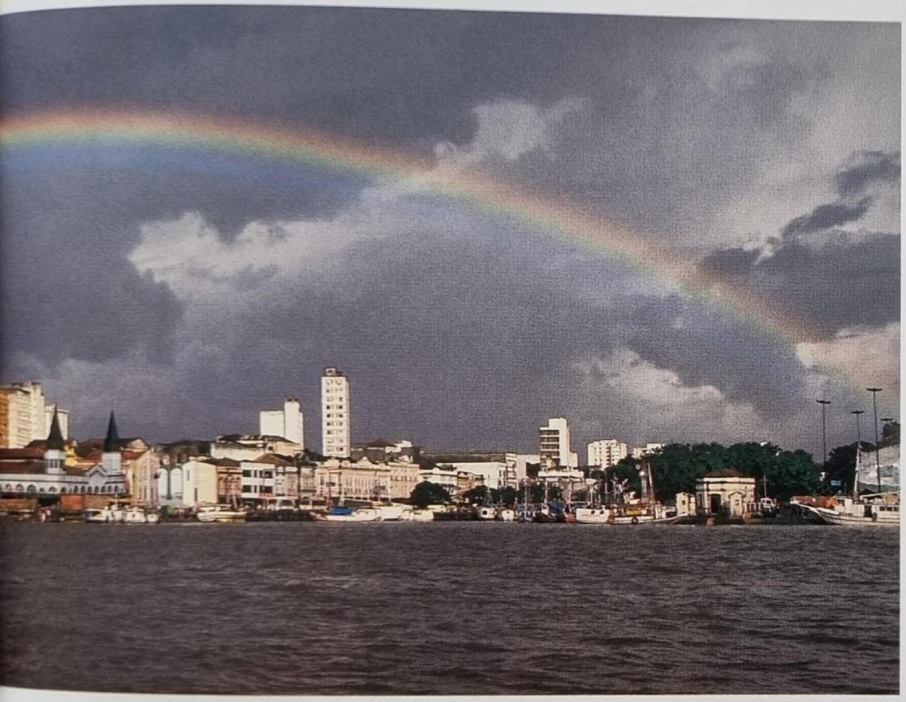
É PRECISO

Se for possível, deixe-me ficar aqui, à sombra desta vegetação, olhos perdidos no perfil longínquo da Ilha das Onças. Não me peça para ver como a cidade cresceu. Não estou duvidando. Apenas não me apresente aos verticais de vidro *rayban*. Não quero ver a cidade de coberturas e terraços. Se for possível, deixe-me ficar nesta viela, diante deste casarão arruinado. Não me arraste para estas curvaturas de concreto armado. São inevitáveis, eu sei. Modernas, eu sei. Mas, se for possível, deixe-me ficar aqui no Largo da Pólvora, junto a este coreto do princípio do século, sonhando que ainda existe ali, naquela esquina, o velho Grande Hotel na sua imponência de Rei. Não me convença a vagar por aí, simplesmente, neste chuvisco vespertino e reconfortante. Se for possível, leve-me ao Bosque Rodrigues Alves, ao Museu Goeldi e deixe-me ficar ali, tresvariando, certo de que, a qualquer momento, Pedro Teixeira surgirá em armas, chapéu de penacho, botas de cano alto. Quero o silêncio e a paz desta ilha de verdes, a companhia destes troncos e caules seculares. Não me convide ao borborinho de traseuntes e à sinfonia do tráfego, posto que aí estão, presentes e necessários.

Mas se for possível, deixe-me no Largo da Sé, ao lado da Igreja de Santo Alexandre, porque ali marquei encontro com Antônio Landi, Padre Vieira e o pintor De Angelis. E já estou atrasado. Eu sei que é preciso ver os últimos conjuntos residenciais que estão sendo erguidos em muitos pontos da cidade e nada é mais convidativo que um passeio pelo Campus da Universidade, mas é que acabou de passar por mim uma mameluca azoada e roliça, que se meteu pela travessa da Vigia com dengos e requebros de quizomba... Mas já se foi.

É preciso percorrer sim esta avenida ampla, sob este túnel de mangueiras, mas se for possível, deixe-me demorar um pouco nesta Rocinha: estou ouvindo risos de negras

O SONHAR



angolanas e há um cheiro de fervuras no ar. Deixe-me sonhar que Bates está lá dentro entre seus livros e coleções. Não insista para que eu mergulhe na trepidação da vida noturna, com suas luzes feéricas e intermitentes, o calor humano subindo a temperatura numa demonstração de vitalidade e juventude, e ainda bem que assim seja. Sei que os tempos estão em contínua mutação, e esta agitação é pertinente. Mas é que ouvi, há pouco, pregões de vendedores no Largo do Carmo e som de tambores candomblés no Porto do Sal. O tempo é curto e ainda não fiz minhas compras na Paris N'América e há um concerto hoje à noite no Teatro da Paz, regido pelo Maestro Vicente Collas. Compreenda minha urgência: sei que há sorveterias irresistíveis, que há mocidade nas ruas e nas praças, mas tenho pouco tempo.

Se for possível, deixe-me aqui mesmo, pois estou vendo aproximarem-se as gôndolas sonhadas por Gaspar Gronsfeld, que imaginou ver o Piry transformado numa Veneza Tropical. Está vendo os canais que ele projetou, com cais de pedra, ladeados de árvores frondosas de mistura com plantas ornamentais?

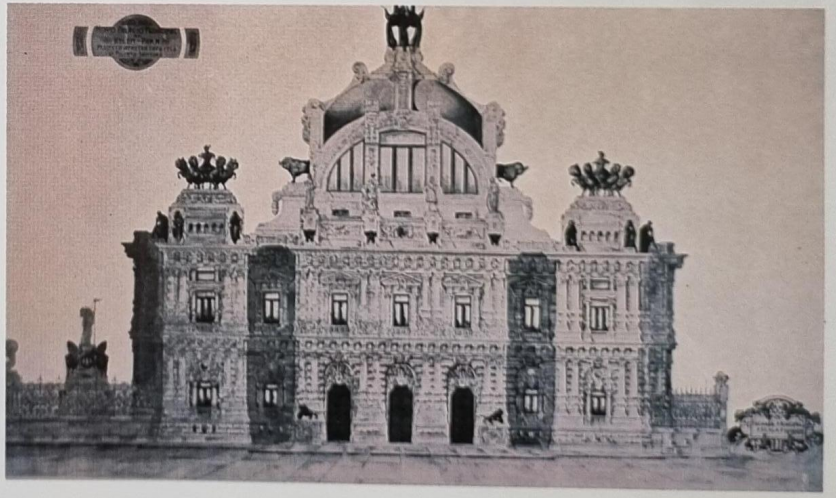
Não me interprete mal. Não tenho nada contra este pulsar da vida, este esplendor de luzes, este encantamento que se irradia e se projeta das gerações esperançosas em direção ao futuro. E que lá chegarão, repetindo a valentia e a trajetória de seus ancestrais. Mas é que neste momento, sou muitas Beléns. Todas as Beléms. Por isso, deixe-me aqui. No meio desta História viva, embora tão abandonada. Deixe-me nesta Belém, ao pé do Forte do Castelo, vendo chegar a noite para envolver as águas mansas do Guamá, luziluzindo estrelas neste céu de chumbo. Não se preocupe. Breve virão buscar-me. Sonhei Belém. Não me é preciso mais nada.

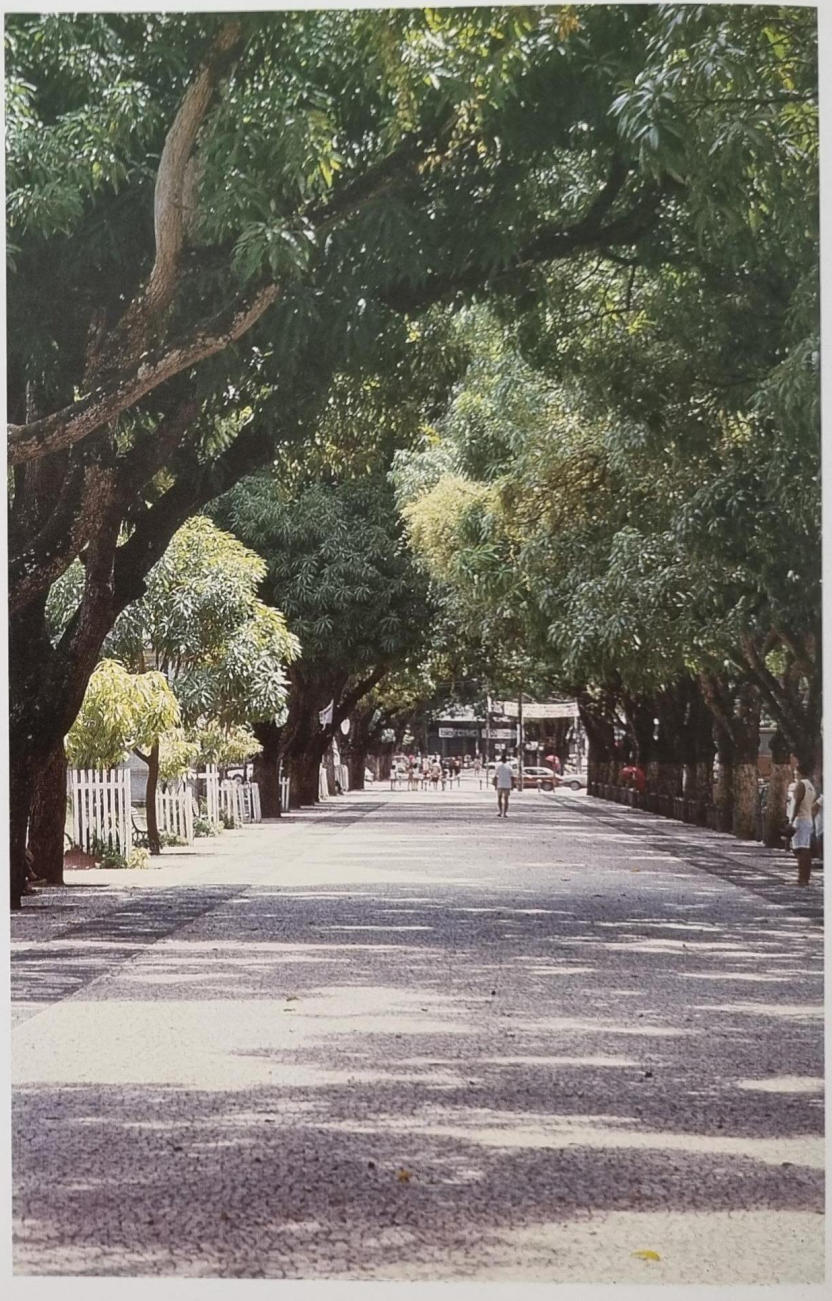
O engenheiro alemão Gaspar João Geraldo Gronsfeld, em 1771, apresentou ao Governador um plano para canalizar o "pântano do Piri, um terreno que circundava a cidade na banda do sul". Os acessos ao rio seriam feitos pelos riachos e igarapés do Arsenal, Ver-o-Peso, Reduto e Cruz das Almas. Assegurava Gronsfeld que "se a obra se executar, a cidade de Belém do Pará ficará mais bela que a adriática Veneza tão celebrada". Sonhe com suas ruas baixas transformadas em canais. Nosso desenhista mostra como seria a Praça da Bandeira e a rua João Diogo, com os barcos dirigindo-se ao Colégio Paes de Carvalho.

Acima, planta da "Cidade de Belém do Grão-Pará fortificada pelo método mais simples e de menor despesas", 1773. Projeto de Gaspar J. G. Gronsfeld que isolava a cidade do interior com um fosso com baluartes e revelins, limitando a expansão urbana.Não foi executado. Mapoteca do Itamartati, R. J.

Abaixo, à direita, projeto do Palácio Municipal. Sonho do Intendente Lemos que não foi realizado. Foto do relatório da Administração Antonio Lemos de 1906. Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

Abaixo, à esquerda, o Grande Hotel, belo prédio que marcou uma época de sonhos e opulência e, como ela, desapareceu. Foto da Coleção de Vitorino Chermont, R. J.





Belém.
No sossego dos
velhos casarões.

Sob o céu de
mangueiras.

Com o eterno
abraço dos rios.

Dos barquinhos
de muriti, sonho
de criança.

TREVO
TAMANDARÉ

"O que passou não pode ser corrigido.
Para o futuro pode-se sempre providenciar."

CONFÚCIO

LEGENDAS DO

Capa — Desenho do perfil atual baseado em foto tirada da Ilha das Onças. G. Fajardo, 1995.

Índice - Págs. 6 e 7
Belém - Vista da embocadura do Rio Una, Litografia de Tirpenne, 1865, IHGB - R.J.

Prefácio - Pág. 8
Prospectiva da Cidade de Sta. Maria de Belém do Grão-Pará - primeira metade do século XIX. Ignacio Antonio da Silva, 1º Ten. de Artilharia do Pará."Levantado com câmara obscura do navio nº 24". Serviço Cartográfico do Exército - R.J.

Antes de Tudo, o Forte - Págs. 22 e 23
Perfil de Belém no seu primeiro ano (1616). Concepção dos autores, desenhado por G. Fajardo - 1995.

Pág. 28 - Prospecto da Cidade de Belém - 1786, baseado no desenho de João André Schwebel, IHGB - R.J.

A Conquista - Págs. 30 e 31
Vista de Belém - 1840, Aquarela 80 x 25 da Biblioteca Nacional, autor não identificado.

Pág. 35 - Desenho original, à lápis de cor, de Antonio Lopes Mendes, final do sec. XIX. Da coleção de Paulo Geyer, R.J.

Pág. 37 - Vistas de Belém - 1880. Acima, do Reduto ao Castelo e abaixo, do Castelo ao Arsenal, Litografia de Tensi, Biblioteca Nacional.

Senhores da Terra - Págs. 38 e 39
Prospecto da Cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, de 20 de maio de 1784, Alexandre Rodrigues Ferreira, Viagem Filosófica, Biblioteca Nacional.

Pág. 45 - Saída de Belém da frota de demarcação de limites, comandada pelo Governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, desenho de João André Schwebel - 1754, reprodução de foto do Serviço de Documentação Geral da Marinha.

Pág. 47 - Vista do Porto, 1839. Lithografia da Imprensa Nacional. Lisboa, Serviço de Documentação Geral da Marinha.

A Presença da Igreja - Págs. 48 e 49
Quadro à óleo da marina de Belém antes da chuva. Joseph Leon Righini - 1873. Da Coleção de Paulo Geyer, R.J.

Alargando os Limites - Pág. 58
Pará - 1841, desenho do livro de Daniel P. Kidder.

S PROSPECTOS

Pág. 61 - Cidade de Belém do Pará. Inserto de: Brazil, River Para, London. The Admiralty 1835. Reprodução do livro Mapa. Mapoteca do Itamarati.

Marcas do Passado - Págs. 66 e 67
Marina de Belém, Gravador: Edward Duncan. Publicada por W. S. Huggihs em 1928, Biblioteca Nacional.

Pág. 71 - Pará em 1868, desenho de J. Leon Righini. Reproduzida de foto da Biblioteca Nacional.

Engenhos e Artimanhas - Págs. 76 e 77
Sta. Maria de Belém, 1837. Gravura de Danvin do livro L' Univers Pitoresque - Brèsil - F. Denis. Da coleção de Paulo Geyer.

Pág. 79 - Santa Maria de Belém do Grão-Pará. Desenho de Von Martius, 1820. Reprodução de gravura da Mapoteca do Itamaraty.

Pág. 82 - Vista Tomada do Rio, 1900. Taylor, do livro Estados Unidos do Brasil de Eliseé Reclus, IHGB, R.J.

Produzindo Riqueza - Págs. 84 e 85
Porto do Pará. Fotografia de F. A. Fidanza. Álbum do Pará, 1899 - Adm. Paes de Carvalho.

Pág. 87 - Vista de S. Antonio ao Castelo - 1929. Foto de George Hueber. IHGB, R.J.

No Equador é Diferente - Págs. 94 e 95
Quadro à óleo da marina de Belém depois da chuva. Joseph Leon Righin, 1873. Coleção de "A Província do Pará", Belém.

É Preciso Sonhar - Págs. 102 e 103
Belém e suas cores - Ver-o-Peso visto da Baía de Guajará. Foto de Luiz Braga - 1994.

Pág. 108 - Cidade de Belém do Grão-Pará. Acima, Prospecto do poente. Abaixo, Prospecto do norte. Desenho de João André Schwebel. Serviço de Documentação Geral da Marinha, R.J.

Pág. 109 - Foto tirada em 1994. Destaca-se a silhueta das torres das igrejas da Sé e Sto. Alexandre, sempre presente nos prospectos do século XVIII e XIX. Foto de desenho original, à lápis de cor, de Antonio Lopes Mendes, final do século XIX. Da coleção de Paulo Geyer, R.J.

Agradecimentos - Págs. 114 e 115
Belém. Lithografia de C. Wiegandt & Meyer. Biblioteca Nacional.

Bibliografia - Pág. 119
Belém, 1897. Do livro L' État du Pará. Coleção de Vitorino Chermont, R. J.

AGRADEC

PARÁ • Arquivo Público do Estado do Pará • Dra. Alda Mendes Gonçalves • Biblioteca da Comissão de Demarcação de Fronteiras • Biblioteca do Instituto Emílio Goeldi • Biblioteca Pública do Estado do Pará • Biblioteca do IHGPa • Biblioteca da Casa da Linguagem • Igreja da Sé • Mons. Nelson Soares • Igreja do Carmo • Pe. Gilberto Theodoro Cucas • Igreja das Mercês • Pe. João Evangelista N. Souza • Instituto Histórico e Geográfico do Pará • Prof. José Silveira • Museu do Estado do Pará • Museu de Arte de Belém • Museu do Porto • CDP • Museu da COELPA • Prefeitura de Belém • CODEM e FUNBEL • A Província do Pará • Dr. Arthêmio Escardino Guimarães • Engº Elias Botelho C. dos Santos • Prof. Geraldo Martires Coelho • Escritor José Valente • Geól. Luiz Bandeira • Dr. Paulo Chaves Fernandes • Rosa Lourenço • Geól. Wanderley Rui Beisegel • e especialmente ao grande paraense Cel. Newton Burlamaqui Barreira.

I M E N T O S

RIO • Arquivo Histórico do Exército • Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro • Biblioteca Nacional • Biblioteca do Serviço de Documentação da Marinha • Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura • Biblioteca do Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural • MEC • Biblioteca do Exército • Biblioteca do Centro Cultural do Banco do Brasil • Mapoteca do Itamarati • Serviço Cartográfico do Exército • Serviço de Documentação da Marinha • Iconografia e Mapoteca • Cristina Oswaldo Cruz • Gal. Domingos Ventura Pinto • Cmte. Edgar N. Teixeira • Dr. Francisco Rohan de Lima • Maria Marlene de Souza • Maria Tomasia Evangelista • Maura Correia e Castro • Almte. Max Justo Guedes • Dr. Paulo Geyer • Dr. Paulo Berguer • Geól. Roberto Assad • Engº Sávio Capelosi • Tarcísio N. Teixeira • Dr. Victorino Albuquerque e Sá Chermont Miranda

BIBLIO

ACIOLI, Ignacio de Cerqueira e Silva
Corografia Paraense - 1833

ADONIAS, Isa e FURRER, Bruno
Mapa - Imagens da Formação Territorial Brasileira - 1993

AGASSIZ, Luiz e AGASSIZ, Elizabeth Cary
Viagem ao Brasil - 1866

ALMEIDA, Cândido Mendes
Corografia do Pará - 1873

ARARI, Visconde do
Relato da Administração - 1866/67

AVÉ-LALLEMANT, Robert
No Rio Amazonas - 1859

AZEVEDO, José Soares de
O Pará em 1823

BAENA, Antonio Ladislau Monteiro
Compêndio da Eras - 1829

BAENA, Antonio Ladislau Monteiro
Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará - 1830

BARATA, Manoel
Formação Histórica do Pará - 1904/1916

BASTOS, Manoel José D'Oliveira
Viagem ao Pará, Maranhão e Piauí - 1819

BASTOS, Manoel José de Oliveira
Relatório sobre Belém - 1905

BATES, Henry Walter
Um Naturalista no Rio Amazonas - 1858

BELMAR, A.
Voyage aux Provincies Brasiliennes - 1860

BENJAMIM, André Curcino
Viagem à Vila de Vigia - 1852

BERREDO, Bernardo Ferreira
Annaes Históricos do Est. do Maranhão - 1718

BONNA, Mizar Klautau
Círio - Painel da Vida - 1986

BRAGA, Theodoro
História do Pará - Resumo Didático - 1910

BRAGA, Theodoro
A Fundação da Cidade de N.S. de Belém do Pará - 1908

BRESCIA, Thimoteo Zani da
Viagio Al Para, Maranhão e Ceará - 1900

BRUNO, Ernani Silva
Os Rios e a Floresta Amazonas e Pará

CABRAL, Inacio Brandão Pereira
Diversas Histórias - Fundação Belém - 1879

CAPELLOSSI, Savio e SEYNAEVE, Raymond
Guia Histórico e Turístico de Belém - 1992

CASTELNAU, Francis
Viagem pelo Brasil Central (Tocantins) - 1842

G R A F I A

CONDREAU, Henri Anotole
Viagem ao Tapajós - 1895/98

CRUZ, Ernesto
Ruas de Belém - 1970

CRUZ, Ernesto
Edificações de Belém (1783/1911) - 1971

CRUZ, Ernesto
História de Belém - 1973

CUNHA, Raymundo Ciriaco Alves da
Pequena Corografia da Província do Pará - 1887

D´ORBIGNY, Alcide
Formação Histórica do Pará - 1832

EDIÇÕES MELHORAMENTOS
Novo Dicionário de História do Brasil - 1971

EDITORA BLOCH
Enciclopédia Ilustrada do Brasil - 1982

EDITORA M. Rodrigues
Instalação da Cia. Geral
do Grão-Pará e Maranhão - 1755

FERREIRA, Alexandre Rodrigues
Viagem Filosófica - 1783/1792

FERREIRA, Alexandre Rodrigues
Miscelânea Histórica para servir
de explicação p/Prospecto
da Cidade do Pará - 1786

FLORENCE, Hercules
Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas - 1915/1918

FONSECA, João Severiano da
Viagem ao Redor do Brasil - 1877

GODINHO, Victor e
LINDEMBERG, Adolfo
Viagem ao Pará - 1906

GOODLAND, Robert e IRWIN, Howard
A Selva Amazônica: do Inferno Verde ao Deserto
Vermelho - 1975

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
Belém - 350 Anos - 1966

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
Guia do Estado do Pará - 1917

GUEDES, Max Justo
Brasil Costa Norte - 1923

HAGE, João Dionísio
Estudos Paraenses - 1993

HERNDON, William Lewis
Valley of Amazon - 1854

HEVIATE, Mauricio de
Descrição do Estado do Maranhão,
Pará e Gurupa - 1662

HURLEY, Jorge
História do Brasil e do Pará - 1938

HURLEY, Jorge
A Cabanagem - 1936

IBGE
Amazônia Brasileira - 1944

KIDDER, D.P. e FLETCHER, J.C.
O Brasil e os Brasileiros - 1862

KIDDER, Daniel P.
Reminiscências de Viagens ao Norte do Brasil - 1841

LA CONDAMINE, Carlos Maria de
Viagem pelo Interior da América Meridional - 1743

LEMOS, Antonio
Relatórios - 1903 a 1909

MACEDO, Emílio de
Conquista e Colonização do Norte do Brasil até - 1920

MEIRA FILHO, Augusto
O Bi-Secular Palácio de Landi - 1972

MEIRA FILHO, Augusto
Evolução Histórica do Belém do Grão-Pará - 1976

MELLO JUNIOR, Donato
Iconografia do Belém do Grão Pará - 1968

MENDONÇA, Marcos Carneiro de
A Amazônia na Era Pombalina (1751/1759) - 1961

MENEZES, Murilo
Belém - Capital do El-Dourado - 1954

MIRANDA, Vicente Chermont de
Glossário Paraense - 1968

MONTEIRO, Walcyr
Visagens e Assombrações de Belém

MOURA, Ignacio Baptista
L´Etat du Pará - 1897

MOURA, Ignacio Batista
Belém a S. João do Araguaia - 1910

PALHA, José E. Garcez
Efemérides Navais - 1822/1890

PARÁ, João Francisco de Madureira
Documentos e Cartas - 1826 a 1830

PENTEADO, Antonio Rocha
Belém do Pará, Estudo de Geografia Urbana - 1968

PINTO, Correa
Belém (Imagens e Evocações) - 1968

PORTO, Arthur
Fundação da Cidade Paraense - 1938

RAYOL, Domingos Antonio (Barão de Guajará)
Motins Políticos (1821/1833) - 1865

REIS, Arthur Cezar Ferreira
Síntese da História do Pará - 1942

RIO BRANCO, Barão do
Efemérides Brasileiras - 1915

RODRIGUES, Maria do Carmo A. S.
Artesanato no Pará - 1971

SOUTHEY, Robert
História do Brasil - 1810/1819

SOUZA, Francisco B.
Lembranças e Curiosidades da Amazônia - 1873

SPIX, Johann Baptist von e
MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von
Viagem pelo Brasil - 1817/1820

TOCANTINS, Leandro
Santa Maria do Belém do Pará - 1963

TOCANTINS, Leandro e MAIA, Tom
Grão-Pará - 1987

VALENTE, José
História das Ruas de Belém - 1993

WALLACE, Alfred Russel
Viagens pelo Rio Amazonas e Negro - 1853

WALLY, Paul
Au Pays de L'Or Noir - 1907

ÁLBUNS

Administração Governo Paes de Carvalho	1899
Administração Intendente Lemos	1902
Administração Governo Augusto Montenegro	1908
Administração Governo Gama Malcher	1939
Exposição Universal de Chicago	1892
Exposição do Centenário da Independência	1923
Fotógrafo Arthur Caccavoni	1892
Fotógrafo F. Fidanza	1902
Fotógrafo George Huebner	1929

Texto composto em Adobe Bodoni. Os fotolitos foram feitos pelo Studio Portinari, Rio de Janeiro, em junho/julho de 1995. Impresso em papel couchê matt 120 g/m². A tiragem desta edição foi de 3.000 exemplares, com impressão e acabamento pela Gráfica Editora Hamburg, São Paulo. Acabou-se de imprimir em setembro de 1995.

Belém
do
Pará